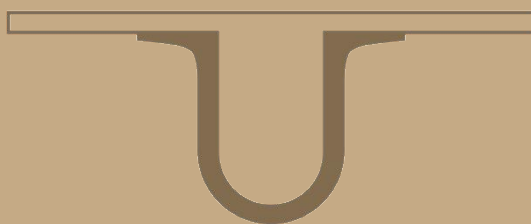




UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Almerindo Adriano Chiquete

**AGOSTINHO NETO:
APROVEITAMENTOS CRÍTICO,
DIDÁTICO E METODOLÓGICO PARA O
ENSINO DA LITERATURA EM ANGOLA**

Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa:
Investigação e Ensino, orientada pela Doutora Ana Maria Machado e
coorientada pelo Doutor José Luís Pires Laranjeira, apresentada ao
Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

Setembro, 2020

FACULDADE DE LETRAS

AGOSTINHO NETO: APROVEITAMENTOS CRÍTICO, DIDÁTICO E METODOLÓGICO PARA O ENSINO DA LITERATURA EM ANGOLA

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Agostinho Neto: aproveitamentos crítico, didático e metodológico para o ensino da literatura em Angola
Autor	Almerindo Adriano Chiquete
Orientadora	Doutora Ana Maria Machado
Co-orientador	Doutor José Luís Pires Laranjeira
Júri	Presidente: Doutora Maria do Rosário Prata Ferreira dos Santos Vogais: 1. Doutora Ana Paula dos Santos Duarte Arnaut (arguente) 2. Doutora Ana Maria Silva Machado (orientadora)
Identificação do Curso	2º Ciclo em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e ensino.
Área científica	Metodologia de Leitura Literária
Data da defesa	02 de Outubro de 2020
Classificação	16 Valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Resumo: O papel histórico de António Agostinho Neto e a consolidação da nação angolana fazem dos textos do poeta um recurso para orientação e para o alcance da dignidade do povo angolano, pois, a virtude, a estética e o ideal que demandam da sua poesia fazem-nos revitalizar o sentido patriótico e o ideal de liberdade do qual estiveram privados os países africanos até ao século XX e que, hoje, ainda persistem essas privações, devido ao domínio capitalista, ao sectarismo e a outras discriminações sociais resultantes da situação colonial. Por outro lado, tal como foi preocupação do poeta a educação, na segunda parte dessa dissertação, trazemos propostas metodológicas e didáticas para o ensino da Literatura, propostas estas aplicadas num poema de Agostinho Neto. Ou seja, a partir do poema *Renúncia Impossível*, propomos uma planificação de unidade (plano de aula-tipo) que possibilitará o professor de Literatura poder dissecar as alternativas de análise que um texto lhe propuser. Por outro lado, tal proposta didática também possibilitará a revitalização de autores da primeira República de Angola com os escritores e obras mais recentes.

Palavras-chave: Neto, Literatura, crítica, ensino e intermedialidade.

AGOSTINHO NETO: CRITICAL, DIDACTIC AND METHODOLOGICAL ADVANTAGES TO TEACHING THE LITERATURE IN ANGOLA

Abstract: The historical role of António Agostinho Neto and the consolidation of the Angolan nation make the poet's texts a resource to guide and to achieve the dignity of the Angolan people. The virtue, aesthetics and ideal they demand from his poetry make us revitalize the patriotic sense and the ideal of freedom that African countries were deprived of until the 20th century. Today these privations still persist, due to capitalist domination, sectarianism and other social discrimination resulting from the colonialism. On the other hand, as education was a concern of the poet, in the second part of this dissertation, we submit methodological and didactic proposals for the teaching of Literature, applied in a poem of Agostinho Neto. Hence, from the poem Impossible Renunciation, we propose a standard lesson plan that will enable the Literature teacher to dissect the analysis alternatives that a text provides to him. Such a didactic proposal will also enable the revitalization of authors of the first Republic of Angola with the most recent writers and works, in addition to other resources suggested here.

Keywords: Neto, Literature, criticism, teaching and intermediary.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória da minha mãe, Berta Namandeca.

Dedico igualmente à minha família, Nadina Ernesto, Carlos Chiquete e Tely Chiquete. Dedico também aos meus irmãos, sobrinhos e primos que participaram desse percurso. Aos tios e a todas as minhas mããs.

Conteúdo

AGRADECIMENTO	7
INTRODUÇÃO	9
I. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	11
1.1. PROBLEMÁTICA	11
1.2. Objeto de Estudo:	13
1.3. Objetivos:	13
1.4. Metodologias de trabalho:	13
1.5. Perguntas científicas	13
1.6. Hipóteses da investigação	14
II. CAPÍTULO	15
1. CONHECER O PASSADO DE NETO COM OLHOS NO PRESENTE	15
1.1. Neto: História, luta e dignidade hoje	15
1.2. A representação psicológica e física do Negro em Neto	24
1.3. Neto, arte e os seus ideais para consolidação da <i>Nova Angola</i>	26
2. REMEMÓRIA	29
2.1. NETO:IDENTIDADE E REMEMÓRIA IRÓNICA	29
2.1.1. Rememória e releitura de Neto no século XXI	33
3. Defesa da poesia e de Neto vs Construção da nacionalidade	42
3.1. Canonização	42
III. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS E DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA LITERATURA	45
1. Literatura e Ensino em Angola	45
2. Um ensino da literatura para a formação integral do aluno e os seus desafios	49
Referências históricas sobre as intermedialidades	52
3. Aplicação didática da Literatura com as outras artes	63
4. Paradigmas, princípios (e métodos) da didática e da teoria literária no ensino da Literatura	70
PROPOSTA DE UM PLANO DE UNIDADE DIDÁTICA	78
CONCLUSÃO	95
BIBLIOGRAFIA	i

AGRADECIMENTO

A Deus dirijo, inicialmente, a minha gratidão por dar-me essa oportunidade e por “aceitar-me como eu sou”.

À minha mãe, postumamente, sempre.

À minha amada esposa e aos meus queridos filhos agradeço a paciência pela minha ausência e o carinho sempre presentes.

Agradeço seguidamente ao Ministério da Educação de Angola, de forma particular ao Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), na pessoa da Dra. Paula Henriques, pelo acesso ao Projeto Interministerial para Retificação e Ratificação do Acordo Ortográfico do qual resultou o meu mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: investigação e ensino. Ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudos (INAGBE) vai a minha profunda gratidão, tal como a todo o pessoal do Sector de Estudantes da Embaixada de Angola em Portugal, para além do Gabinete Provincial da Educação do Cuanza-Sul/Angola e da Direção do Magistério do Sumbe.

Agradeço de forma muito especial a amizade e o profissionalismo do professor Doutor José Luís Pires Laranjeira e por aceitar a co-tutoria dessa dissertação.

Quero agradecer aos professores de forma geral Doutores e Doutoradas Carlos Reis, Albano Rodrigues, Paulo Pereira, Maria João Simões, Ana Paula Arnaut, José Carlos Seabra Pereira e Osvaldo Silvestre pelos seus conhecimentos.

De forma particular, quero agradecer à Doutora Maria do Rosário Ferreira, diretora do curso de mestrado, a ela deve-se o passo inicial dessa jornada académica na Universidade de Coimbra, agradeço-lhe ainda a visão bastante profissional com que se dedica aos seus alunos e se dedicou a mim, particularmente.

À Doutora Ana Maria Machado, minha tutora e professora de Metodologia de Leitura Literária, endereço particular gratidão pela grande experiência docente e pela visão abrangente sobre a didática da Literatura que deu fôlego à presente dissertação.

À Doutora Cristina Mello, de boa memória, agradeço os momentos breves privados e o apoio didático que mo deixou.

À Marta Ester Kudeia Jimbi agradeço a amizade sincera e o companheirismo sempre presentes, a quem me inclino em contínuo respeito e gratidão, pois, os meus dias em Coimbra a ela também pertencem pela sua benevolência e sabedoria.

Agradeço à Associação dos Estudantes Angolanos em Coimbra, à Casa de Angola em Coimbra, ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, ao grupo virtual “Tchilo”, ao Grupo do Colóquio *Identidades, Transfronteiras, Géneros e Sexualidade nas Literaturas Africanas e Outras de Língua Portuguesa*, dirigido pelo Doutor Pires Laranjeira, ao Grupo Nova Lua Teatro/Sumbe, à Banda Musical Zero, aos alunos do Magistério do Sumbe envolvidos nesse trabalho e à Nova Acrópole-Coimbra.

Um agradecimento particular ao meu professor de estudo bíblico José Tomás, com quem aprendi não apenas as palavras de Deus, mas o sentido de persistência e a virtude da paciência.

Agradeço o companheirismo e carinho das irmãs Daiane Barbosa pelo ensino premente da tolerância, cada dia somado é uma presença solene e agradeço também humanidade da Denise. Com igual carinho agradeço à Eunice dos Santos, uma pessoa amiga que levo sempre presente.

À Conceição Silili dos Santos Moura, cuja amizade sempre me presenteia numa dimensão muito particular.

A todos os colegas e os demais que cruzaram a minha jornada quero agradecer profundamente o momento que me proporcionaram.

Sempre!

INTRODUÇÃO

Permaneces cego no sarcófago
mas peço que retires outro livro
escrito na tua mão-monumento
um poema-decreto que ordene
«a data da abolição desta escravatura»¹

José Luís Mendonça, *Angola, Me Diz
Ainda*

António Agostinho Neto é certamente o herói da política e da literatura de Angola. Engajado desde muito cedo, a sua arte foi sempre comprometida com Angola e com o seu povo e além fronteira, aliás, como o poeta diz *a ti, negro qualquer/meu irmão do mesmo sangue/Eu saúdo!*.

Nos seus textos, demonstra-se a determinação da sua luta, textos que não nos criam surpresa, se pensarmos que foram apenas uma fase inicial da sua determinação para Luta Armada de Independência de Angola, ou seja, o seu desiderato por uma *Nova Angola e Nova África, do Cabo ao Níger*.

Da sua atividade literária, ressaltam as obras *Sagrada Esperança* (1974), *Renúncia Impossível* (1982), *Amanhecer, Náuseas*. Nessas obras, percebe-se que o seu maior legado foi a luta pela libertação e dignidade do povo angolano.

O imperativo em estudar Agostinho Neto é também justificado pela necessidade de se consolidar o país como uma nação, seja pelo motivo da guerra civil ou pelos feitos advindos desta ou da anterior a ela. Os desideratos do poeta em relação ao povo angolano não se concretizaram na sua plenitude, criando reinterpretações, em alguns casos irónicas, na sua poesia, neste século XXI. Ainda que não se reconheça a intenção, é, no entanto, constatável a necessidade de se consumir os ideais de Neto no país independente.

¹ Poema Carta para Agostinho Neto, de José Luís Mendonça.

A segunda parte da presente dissertação preocupa-se com o ensino da Literatura em Angola. Sabendo que não é prática comum uma reflexão sobre a metodologia e a didática da Literatura, em Angola, decidimos com o presente trabalho, propor um plano de unidade de aula-tipo em que sugerimos as metodologias a usar e os recursos didáticos, para que um professor encontre, na presente dissertação, um guia para explorar um texto literário e fornecer meios aos alunos de modo que consigam extrair o essencial que um texto oferece, desenvolvendo o imaginário do aluno, dando assim lugar autónomo à Literatura, deixando, portanto, de ser ensinada apenas como recurso de aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa.

Para tal, elegemos como campo de estudo, a escola do Magistério do Sumbe/Angola, uma escola do Subsistema de Ensino de Professores, isto é, do Ensino Médio e que forma professores para o nível de iniciação até à 6.^a classe. A referida escola foi igualmente escolhida como campo de estudo porque possui a especialidade de Língua Portuguesa e possui a disciplina de Literatura no seu plano curricular, tendo, portanto, a escola em questão um ambiente académico mais apropriado para a referida proposta metodológica e didática.

Propusemos também, com a presente dissertação, manifestações de intermedialidade/intertextualidade, isto é, “a adaptação de uma arte A, para uma arte B” e “adaptação de um texto A num texto B”, respetivamente (WOLF, 2011). Também propusemos as experiências didáticas que acreditamos fornecerem proposta de um ensino que privilegia a disciplina de Literatura com meios hermenêuticos próprios, tornando-a mais institucionalizada em Angola.

A experiência didática que trazemos é, sobretudo, baseada no ensino da Literatura em Angola, numa realidade específica, no sentido de criar hipóteses de ensino adequado ao contexto, ao aluno e às circunstâncias que envolvem o ensino-aprendizagem.

Num contexto em que as metodologias do ensino da Literatura são residuais, espera-se que o presente trabalho seja um recurso para os professores e um meio de recurso científico para investigação.

I. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

A situação do ensino da Literatura em Angola leva-nos a trazer, com o presente trabalho, um contributo metodológico e didático a fim de ajudar os professores de Literatura e de Língua Portuguesa com mais um recurso metodológico e didático para se basearem, quando estiverem a planificar as suas aulas de Literatura ou os temas com ele relacionados.

Na primeira parte do presente trabalho, isto é, na fundamentação teórica, e para a aplicação da terceira parte, trazemos para análise os poemas de António Agostinho Neto.

O incentivo para estudar os textos do autor presentemente deve-se à atualidade da sua escrita e à defesa de uma releitura do autor que seja mais literária do que política, ou seja, a defesa da poética de Neto, pois, à medida que o país avança, constatamos que a sua poesia abre espaço para reinterpretações e processos figurativos que nos ajudam a entender a possibilidade de novo aproveitamento estético de acordo com o texto em análise. Ainda que possa não ser a intenção do autor, tal visão de releitura é legitimada por cada leitor ser uma totalidade no seu tempo e no seu contexto, ou seja, pela teoria de receção defendida por Hans Robert Jauss.

Por outro lado, a poesia de Neto aparece no presente trabalho como uma linha injuntiva para a *Nova Angola* e para os desafios atuais do país, logo, o ensino e a promoção dessa poesia proporcionam várias apropriações para a construção da identidade nacional e consolidação da nação angolana, isto é, a nível axiológico, cultural, social, religioso, político, pedagógico, psicológico, filosófico, etc. Por isso, na segunda parte deste trabalho, para a aplicação didática e metodológica, propusemos a análise do seu poema “Renúncia Impossível”, com recursos metodológicos e didáticos que servem de orientação para o ensino e para a aprendizagem.

1.1.PROBLEMÁTICA

Atualmente, em Angola, no contexto do ensino da Literatura ou da Leitura Literária, lecionada nas 10.^a e 11.^a classes, por exemplo, registam-se contínuos desafios nas metodologias a serem usadas para atingir o sucesso escolar. Para tal, muitos esforços têm sido feitos para se alterar essa situação, seja institucional ou mesmo individualmente da parte do próprio professor ou de outros agentes da educação, a fim de contribuírem para o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, centrado nas metodologias e

recursos didáticos cientificamente propostos. Para isso e para a direção da nossa investigação, decidimos ter como problemática:

O alcance literário de Neto nas academias e os recursos metodológicos e didáticos para o ensino da Literatura em Angola: o caso do Magistério do Sumbe/Angola.

Enquadramento do campo de estudo:

A Escola do Magistério do Sumbe/Angola pertence ao Subsistema de Formação de Professores². Como já previamente referimos na introdução, o Magistério que estabelecemos como campo de estudo é constituído por 4 classes, da 10.^a à 13.^a classe, sendo que a 13.^a classe é essencialmente reservada para estágio pedagógico. A escola em questão leciona 6 cursos: Biologia e Química, Formação de Professores para o Ensino Primário, Língua Portuguesa e Educação Moral e Cívica, Inglês e Educação Moral e Cívica, Educação Física, Matemática e Física. Todos esses cursos são de formação de professores da iniciação até à 6.^a Classe. Sendo que a disciplina de Literatura faz parte do plano curricular do curso de Língua Portuguesa e Educação Moral e Cívica, na 10.^a e na 11.^a classe. Logo, em comparação com os outros cursos e escolas do ensino médio, esta é a que mais conteúdos de Literatura e tempos letivos possui, mas também enfrenta inúmeras dificuldades para a operacionalização e sucesso nas aprendizagens literárias. Perante estas dificuldades, decidimos analisar a problemática supracitada e propor possíveis soluções. Tendo em conta que os alunos desta escola já são potenciais professores, acreditamos ser um espaço académico viável para as experiências e difusão das metodologias propostas.

Apesar de a investigação ser de um campo científico específico, é do conhecimento geral que os problemas que o sistema de educação em Angola vive tem uma dimensão geral, portanto, esperamos que o alcance que esta proposta de plano-tipo aqui apresentada e a memorização poética de Agostinho Neto sejam veículo recorrente para a facilitação didático-metodológica da Literatura em Angola e não só.

² A explicação dos Sistemas e Níveis de Ensino em Angola estão na segunda parte desse trabalho, de acordo com o Diário da Republica de Angola, de 7 de Outubro de 2016, anexo no presente trabalho.

1.2. Objeto de Estudo:

Para a presente dissertação, definiu-se como objeto de estudo A poesia de António Agostinho Neto e as metodologias de ensino da Literatura em Angola.

1.3. Objetivos:

Explorar as alternativas críticas à leitura política de Neto, tendo em conta a situação atual da Nova Angola;

Rememorar a poética de Neto;

Fornecer meios metodológicos e didáticos para aprendizagem significativa da Literatura;

Apresentar dimensões da intermedialidade/intertextualidade capazes de desenvolver alternativas educativas e metodológicas;

Destacar a importância da Literatura como meio institucional para construção da identidade e da construção e manutenção nacionalidade.

1.4. Metodologias de trabalho:

Para o presente trabalho, adotaram-se os seguintes métodos:

Inquérito;

Coleta, análise e tratamento de dados;

Observação;

Experimentação;

Quantitativo e qualitativo;

Pesquisa bibliográfica;

Pesquisa documental;

1.5. Perguntas científicas

Quanto às perguntas científicas que dirigem o nosso trabalho, tal como sugerem Raymond Quivy e Luc Van Compenhoudt (1992), alegando que “ a forma de se iniciar uma investigação consiste em fazer questões”, apresentam-se as seguintes:

Qual é a importância da dimensão literária de Agostinho Neto para os alunos de hoje?

Que princípios, paradigmas e métodos regem a disciplina de Literatura?

Qual é o nível e especialização dos professores que lecionam as disciplinas de Literatura e de Língua Portuguesa?

Quais as metodologias usadas para o ensino da Literatura?

Sendo Agostinho Neto ainda atual para os desígnios nacionais, qual tem sido o seu alcance estético-literário?

Que possibilidades existem para o ensino da Literatura com as outras artes?

1.6. Hipóteses da investigação

Tendo em conta que “as hipóteses são uma resposta prévia ao problema proposto e (...) são desenvolvidas com base em estudos anteriormente realizados de acordo com o tema escolhido” (Baptista e Sousa, 2011:26), propusemos algumas hipóteses para justificar a parte empírica do presente trabalho:

Agostinho Neto, nas academias, é um poeta mais estudado no âmbito político;

O ensino da Literatura não obedece a uma metodologia previamente aprendida;

Há pouca especialização na área de Literatura e Linguística;

Há necessidade de uma revisão curricular e revisão da carga horária da disciplina no ensino não superior;

Há necessidade de se proporem estratégias metodológicas que ajudem um alcance maior das aprendizagens a nível das Literaturas.

II. CAPÍTULO

1. CONHECER O PASSADO DE NETO COM OLHOS NO PRESENTE

1.1. Neto: História, luta e dignidade hoje

A representação poética de António Agostinho Neto é, de certa forma, a apresentação fragmentária do sujeito negro, não apenas porque os momentos de consciência e inconsciências são momentos não permanentes (são de alternância irregulares), mas também tendo em conta o seu contexto e as suas vivências que subentendiam a sujeição do negro à intelectualidade (branca). Um sujeito “tornado” branco, mas feito num mundo em que dois entes identitários em si próprio (negro) lutam, mas o conflito não pode ser público, porque o “eu não sou, não existo” é o negro vivendo como um “sujeito fantasmal”, subentendia também a sujeição ao pensamento do homem branco perante a negação do negro como um ser pensante. Um sujeito “tornado branco” identitariamente em defesa de um pensamento civilizacional em que o *eu em si* e o *eu a ser tornado em si* convivem num conflito de autonegação e autoaceitação numa condição de subserviência. Como refere Achille Mbembe na sua obra *Crítica da Razão Negra*, o sujeito vivendo em si o “sujeito fantasmal” (MBEMBE, 2014). O sentido conflituante entre o ente aculturado e o *Outro* com o qual convive dentro si subalternizado, deixa, por alguns momentos, de conflitar em si, sob conforto do seu Senhor, é uma espécie de auto-hipocrisia demais evidente e confortante para este *Outro*. Como um resquício herdado do processo colonial e da situação acima referida, é o fantasma que ainda hoje se vive, seja na mente do homem branco como superior, seja do homem negro como inferior, cujo discurso diatópico exacerba tal ponto de vista. Logo, o despertar da Negritude foi uma rutura contra o *normal* que o sujeito branco universaliza(va) o seu ponto de vista relativamente ao ser negro, cultivando assim a premente necessidade de incentivar os estudos do psiquiatra e filósofo anticolonialista Frantz Fanon (1925-1961) e se comece efetivamente a se “descolonizar as mentes”.

De mesma forma, pensamos nós, António Agostinho Neto, dadas as correntes de pensamento e o movimento iluministas e racionalistas, isto é, o desenvolvimento das teorias das ciências naturais e humanas, como as teorias sociais e filosóficas da Evolução, Marxismo e o Existencialismo/Humanismo criariam em si conjuntos axiológicos transformacionais, impulsionadores de um novo ambiente político e social, que se tornou vigente na Europa, mas que era de interesse do poeta operacionalizar nas

então colónias africanas, isto, principalmente, após o fim da II Guerra Mundial em que se reconfigurou o panorama geopolítico do mundo, forçando uma nova forma de estar nessa geopolítica mundial. É neste contexto em que Neto desenvolve a sua poesia, numa Angola ainda colónia, não sendo a sua poesia exótica, era essencialmente uma poesia de engajamento. Tal como Pires Laranjeira (2018) refere, no seu texto, na coletânea *Agostinho Neto Uma Vida sem Tréguas 1922/1979*, livro em alusão ao 96.º aniversário de António Agostinho Neto:

Neto construiu decisivamente, em Portugal, a sua perspectiva política da cultura, no sentido em que acrescentou à sua formação humanitária e religiosa uma concepção materialista dialéctica e histórica da humanidade – por via da expressão marxista contida no pan-africanismo e do marxismo-leninismo (...) §O neo-realismo, assumido como um «novo humanismo» (marxismo) a partir de 1947, quando Neto chegou a Coimbra, sustentou e reforçou a sua visão de arte e da literatura como meio de expressar a condição dos colonizados angolanos e africanos. [A poesia de Neto] marca a ruptura definitiva e irreversível com o sistema colonial e o domínio português, impondo, literária e ideologicamente, um novo paradigma histórico, o da formação de uma nova nacionalidade.

Lembramos que Neto nasce em Icolo e Bengo, província do Bengo, a 17 de Setembro de 1922, e que, a partir dos 25 anos de idade, cria uma literatura, como nos lembra Kandjimbo, (2014, em *Noção do Ser*) que representa uma “ruptura na Historiografia da Literatura Angolana: diferente de uma Literatura com discurso nativista e contra uma literatura colonial institucionalizada, isto a partir de 1926, antes promovidas por concursos dirigidos pela Agência Geral do Ultramar”³.

É nesse contexto em que Neto cria a sua poesia de suma esperança, cuja dimensão humanística atribui-lhe um relevo *mosaico* e *sagrado*, uma imagem de libertação dos cativos que honra a visão profética dos seus poemas para com o povo oprimido e com “negro irmão qualquer/meu irmão do mesmo sangue”⁴.

A dimensão humanística do poeta foi construída desde muito cedo, seja pelos testemunhos obtidos pela missão evangélica de seu pai, seja pelas injustiças praticadas por missionários católicos ou ainda pela *Revolta de Catete* (1921-1922). Este último acontecimento, contemporâneo ao seu nascimento, acreditamos nós, o poeta Agostinho

3 *Noção do Ser*, P: Laranjeira e A. Rocha, 2014, pp. 31.

4 *Trilogia*, poema *Saudações*, pp. 73.

Neto teria convivido com a sua história, o que teria influenciado a sua dimensão humanística e ‘*anti-animalizante*’, aliás, como afirma Simão Souindoula⁵ (1956-2018) diversificou no poeta uma “algebra de amor[es]”, ou seja, amor humanista, amor fraternal e amor patriótico de que beneficiou o povo da então província ultramarina, Angola, e não só.

As revoluções que se registaram na maior parte dos países africanos, e que resultaram nas independências das designadas ex-colónias, a partir dos finais da década de 50 do século XX, levaram a várias experiências particulares sejam políticas, culturais e sociais, o que determinou a construção de narrativas nacionais muito específicas em cada território independente. No caso de Angola, depois do início da luta Armada de Independência Nacional, em 1961, o desiderato de Agostinho Neto sobre o futuro do continente, claro no seu poema *Pausa – onde marimba e braços de tambores e braços vozes e braços/harmonizam o cântico inaugural da Nova África* – foi cumprido. Esta nova África reúne em si e com dignidade “todas as mães Negras, cujos filhos partiram⁶”. É manifestamente claro que as denúncias feitas pelo poeta tinham como fim a mudança da situação daqueles bairros “além aonde não chega[va] luz elétrica”, que se substituísse “as casas de chapa onde entra[va] o luar”, que se substituísse por orgulho a “vergonha de te chamarmos Mãe”, ou seja, obterem-se a dignidade e a independência dos povos oprimidos.

Com o exposto anteriormente, podemos, certamente, considerar que Neto pertence a uma geração de renovadores estéticos da literatura angolana, ou seja, *modernistas* dessa literatura, com autores como Viriato da Cruz, António Jacinto, etc., *um modernismo* que comporta várias tendências” ligadas à corrente do continente africano e das diásporas negras das Américas como o *Harlem Renaissance*.

O aparecimento da revista *Mensagem* (1951) é a manifesta determinação desta geração, sob responsabilidade do Departamento Cultural da 1.ª Edição da Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA), em que foram publicados neste número poemas como *Mamã Negra* e *Namoro* de Viriato da Cruz, *Desfile das Sombras* de

5 Historiador Instituto Superior de Ciências de Educação de Lubango, da Universidade Agostinho Neto, membro angolano, vice-presidente do CCI do projecto da UNESCO “A Rota do Escravo”. Antigo Professor no do Comité Científico Internacional do Festival Mundial das Artes Negras, crítico de arte, foi responsável pelo Centro Internacional das Civilizações Bantu.

6 do poema *Adeus à hora da Largada*.

Agostinho Neto e ainda *Questão de Língua Bantu* de Mário de Andrade (LARANJEIRA, 1995).

Tendo em conta a situação política de então, os blocos que determinavam as ideologias políticas mundiais (URSS e EUA), para estes escritores, era razoável a opção pela ideologia marxista, assente na luta contra a soberania imperialista protagonizada pela classe proletária, ou seja, colonizados contra colonizadores. É, portanto, nítida uma poesia ideologicamente marcada pelo pensamento, não apenas marxista, mas também negritudinista, como lembra Pires Laranjeira:

Numa primeira fase do seu pensamento cultural, mesclam-se elementos característicos do pan-africanismo e do neo-realismo (...) pelo encontro com as posições teóricas e as práticas culturais negritudinistas e «negristas» e/ou «indigenistas» [sobretudo de Césaire, Guillén, etc.]⁷

Como exemplo de evidências marxistas, temos a alienação cultural e social evidenciado no poema *Kinaxixi*:

Gostava de estar sentado
Num banco do Kinaxixi
Às seis horas duma tarde muito quente
E ficar...
(...)
Alguém viria
Talvez sentar-se
Sentar-se ao meu lado
E veria as faces negras da gente
A subir a calçada
Vagarosamente
Exprimindo ausência no Kimbundu mestiço
Das conversas
(...)
A pensar que a vida é simples afinal
Demasiado simples
Para quem está cansado e precisa de marchar. (1950)

E na temática relacionada com o humanismo/existencialismo temos como exemplo, o caso do poema *Desfile das Sombras*, cujo título é por demasia expressivo:

Por milhentos caminhos
do meu Desejo
passam sombras a tatear o Nada

vão
esforçados na incerteza

7 in Agostinho Neto Uma Vida sem Tréguas 1922/1979 pp.130.

por abraçar
os pontos de interrogação da existência.
(...)
a violência das quilhas dos navios
recolher a angústia
e os últimos suspiros dos naufragos
e ficou apenas na praia
a sorver as ondas
e a contemplar estática
o movimento do além

Mais ainda, em quase resumo total, o expresso em *Renúncia Impossível* em que a ironia redundante no valor existencial do sujeito poético: “Não creio em mim/Não existo./Não quero, eu não quero ser. (...) Eu elevado até ao Zero/eu transformado no Nada-Histórico”.

Um outro aspeto de grande relevância é o facto de a poesia de Neto ser escrita antes da sua assunção como militante e primeiro presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A., 1963) e, com isto, nela se reservar um carácter mais comprometido com o vindouro país, mais do que uma poesia que seja identificável com um partido político, ou seja, mais nacional do que regional, tal como sabemos que são as génesis dos movimentos de libertação de Angola.

Mais ainda, devemos concordar que Agostinho Neto, como também refere Pires Laranjeira, é de certa forma uma representação de Afonso Henriques e D. Dinis para Angola (LARANJEIRA, 1995), pois que, depois de promover uma luta ideológica e cultural engajada, engendrou uma luta militarizada e de guerrilha. Porém, apesar de as duas atividades (poética e política) possuírem a mesma substância motivacional, foi com o fim de uma que a outra se alteou. Obviamente, tal postura consagra-lhe um destaque particular entre os grandes nacionalistas comprometidos com Angola e com o “negro qualquer de todo mundo”. Podemos, hoje, certamente, afirmar que os dois grandes projetos (político e cultural) vingaram.

Esta correlação entre a poesia e a política de Neto encontra a sua legitimidade na afirmação de René Wellek e Austin Warren de que “o poeta é o particular de um todo social”, o que não nos leva a afirmar que critérios políticos sejam constituídos instrumentos para mensurar valores estéticos, fazendo incorrer a questões de erros de raciocínio vulgar, ou seja, analisar questões literárias com quezilas extraliterárias. No

entanto, reconhecemos que, no percurso analítico de um autor, os critérios extraliterários podem ter a sua importância. Para além de aspetos psicanalíticos presentes na poesia de Neto, há ainda questões de foro social e cultural que são determinantes para a análise do autor. Contudo, menos determinante será quando quisermos analisar a verve que compõe a obra, uma obra que se destaca pela função expressiva e apelativa, com critérios já considerados oblíquos à sua poesia. Uma poesia que atravessa barreiras de nacionalidades e se conjuga comprometidamente com toda a humanidade, remetendo-se o sujeito Humano a refletir sobre a sua desumanização e a transformação em nulidade e insignificância da sua própria existência. Esta poesia destaca-se por isso mesmo, não apenas no âmbito de um discurso poético de *angolano* para *angolano*. Tal é o caso do poema *Saudações* que perpassa as fronteiras angolanas e compromete-se com a Humanidade, sendo, ainda hoje, aproveitado por movimentos negros, como as manifestações *neo-negritudinista* do Brasil, uma ação apelativa para uma irmandade que *kalunga*⁸ não conseguiria separar jamais:

A ti, negro qualquer
meu irmão do mesmo sangue
Eu saúdo!

Esta mensagem
Seja o elo que me ligue ao teu sofrer
Indissolúvelmente
E te prenda ao meu ideal⁹

Ou ainda como Manuel Ferreira afirma, incorporando a extensão geográfica do Negro:

são-tomense ou angolano ou moçambicano, mas o Negro de todo o mundo, Negro escravizado por séculos por todo o planeta: «Libéria! Libéria!», «Brasil!», «Cabo-Verde», «Em Lisboa?», «Na América?», «Harlem!», vivendo assim a sua universal odisséia, escarniado ou chicoteado.
(FERREIRA, 1989)

Ainda sobre as visões críticas, é inegável a existência de vozes opositoras em relação à qualidade estética de Agostinho Neto, como nos referimos, acreditamos que tais oposições serão de âmbito político transportados para o âmbito poético ou apenas por subjugação, muitas vezes equivocadas, por uma limitação em relação às características do neorrealismo, movimento que pensamos ser unânime estar bem representado nos poemas de Neto. Porém, não podemos ignorar o nível de literacia dos

8 Palavra Kimbundu que significa mar.

9 Poema *Saudações*, in *Trilogia*, pp73

indígenas. Para isso, bem nos lembra professor e crítico literário Russel G. Hamilton (1935-2016):

...não é de admirar que os factores sócioeconómicos e ideológicos que caracterizavam o colonialismo português tenham influenciado, e ainda influenciam, directa ou indirectamente, todos os sectores da vida da população africanas das colónias e das novas gerações presentemente lidando com o legado do passado recente. (HAMILTON, 1975)

Não sendo isso uma preocupação apenas dos poetas com alguma escolaridade, Hamilton reforça:

...ao falarmos sobre literatura africana escrita numa língua de origem europeia, temos de partir dumas noções históricas de choque de culturas como factor determinante na consciência daqueles que produziam a literatura.¹⁰

Assim, se a questão de choque cultural era preocupação para Agostinho Neto ter em conta, também o poeta teria de ter em conta o público leitor (e não só) dessa poesia, cujo nível de escolaridade e de literacia, como já referimos, seria um fator determinante para estabelecimento efetivo da comunicação. Era o apelo que Neto e outros poetas lançavam naquela altura. E, se mais do que isso pedirmos em vão seria, num contexto de cerca de 97% de analfabetos. Por outro lado, os procedimentos atribuídos a Neto, mas ainda não provados, a que foram sujeitos algumas figuras, no ato do 27 de Maio de 1977 ou aqueles que o ligam a Viriato da Cruz, não se enquadram cronologicamente à escrita da sua poesia, e, situações morais poderiam questionar o mérito do autor, contudo, isto não torna negável a qualidade e, por outro lado, não diminui a existência do humanismo já referido acima. Ou como bem nos lembra Pires Laranjeira:

Não se pode idealizar um cânone literário angolano que expulse a obra de Neto de um lugar primacial em nome de valores esteticizantes: ela constitui um novo paradigma negro-africano, que obriga a reler toda a poesia, redefinindo o lugar de outros, mesmo o dos *mensageiros* Viriato da Cruz e António Jacinto.¹¹

¹⁰ Ibidem

¹¹ in Agostinho Neto Uma Vida sem Tréguas 1922/1979 pp.133

Aliás, o seu sentido negritudista conjuga a sua voz com a de Aimé Césaire, Leopold Sedar Senghor, Frantz Fanon (Fanon mais conjugando com as ideias de Neto do que o inverso) e de outros comprometidos com a libertação dos povos oprimidos como Jean-Paul Sartre e Simon de Beauvoir que se bateram em defesa de Neto e da sua causa. Acreditamos que Neto terá tido contacto, inclusive, com *A Náusea* (1938) de Sartre, pois, Neto, ao definir o título de *Náusea* (1952), terá mostrado preocupação visto que poderia suscitar o título de Sartre. *Náusea*, de Agostinho Neto, é conto do n.º 2 da revista *Mensagem*, editada em 1980 pela Edições 70, contou com o prefácio de Antero Abreu. Com isto, conseguimos perceber também a dimensão difusora e a influência que a sua poesia terá exercido e terá sido exercida.

Uma outra questão não menos importante é o valor existencial da obra de Neto que muito se deve ao constatado no seu contexto, isto é, a filosofias e ideologias prementes da época, ou seja, a proximidade das questões da negritude com a filosofia de Jean-Paul Sartre, por exemplo, ideologicamente, ao facto de a sua obra, ter tido influências de Aimé Césaire e Frantz Fanon. A defesa e ativismo que Neto exercia, na altura, eram acompanhadas pela contemporaneidade daquelas referências em França. De facto, algumas vezes, os escritores encontravam-se e discutiam questões da negritude em algumas atividades políticas em África (na Tunísia, por exemplo). Ademais, não exige muito esmero, se prestarmos atenção a *O ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre e o valor existencial que muito se correlaciona com a poesia de Neto. O “homem revoltado” é também uma característica na poesia de Neto, ou seja, a sua poesia também se correlaciona com o pensamento filosófico de Albert Camus. Notamos, portanto, as correspondências lexicais que marcam o niilismo representado na obra de Sartre e que também aparece em Neto (secções 719-724 e as expressões lexicais em justa-posição que aparecem em toda obra (Nada-eu, Eu-em-si, não-eu, etc., usadas também por Agostinho Neto em *Renúncia Impossível*)

É de conhecimento comum que na obra de Agostinho Neto, do ponto de vista temático, o que mais se realça é o nacionalismo e a Negritude (humanismo). Negritude que teve como precursor Aimé Césaire, com o seu livro *Cahier d'un Retour au Pays Natal*, de 1939, cujo mote do poema de Césaire foi a reivindicação de grupos de estudantes em Paris (FERREIRA, 1987) e outro precursor da Negritude foi o escritor e poeta Leopold Sedar Senghor. Não obstante este aproveitamento temático, talvez interesse apresentar o conceito de Negritude que o ensaísta Manuel Ferreira inclui no

seu livro *Discurso no Percurso Africano* em que o mesmo apresenta a Negritude como “o património cultural, os valores e sobretudo o espírito da civilização negro-africana”; ou ainda “o conjunto de valores culturais do mundo negro” ou ainda a interessante frase de Césaire que Ferreira cita “A minha negritude não é uma pedra, e a sua surdez precipita-se contra o clamor do dia”. Como dizíamos, vale realçar o discurso nacionalista, que viria a resultar no posterior discurso patriótico.

A esta admirável dedicação, adianta enfatizar também a idade com que os poetas nacionalistas começaram a dedicar-se à arte de engajamento, pois, como refere ainda Manuel Ferreira, eram jovens entre 19-23 anos de idade (FERREIRA, 1987). Admitese, portanto, existirem textos de Neto da década de 30¹², estando ainda Neto em Angola. Portanto, o sentido de revolta que Albert Camus refere em seu *O Homem Revoltado*, aparece muito cedo em Neto:

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desse o primeiro movimento. Um escravo, que recebe ordens durante toda a vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. Qual é o significado deste “não”?

Significa, por exemplo, “as coisas já duraram demais”, até aí, sim; a partir daí, não”; “assim já é demais”, e, ainda, “há um limite que você não vai ultrapassar.” (CAMUS, 2011)

Ora, se por um lado a poesia de Neto fazia apologia a uma *nova Angola* e a uma Nova África, de um modo geral, aliás, era esse o seu objetivo essencial e, na sua voz, esse cantar não se faz calar, como já referimos, evidente no poema *Pausa*, escrito em 1951, onde encontramos claramente expresso esse objetivo:

E entre a angústia e a alegria
Um trilho imenso do Níger ao Cabo
Onde as marimbas e braços tambores e braços vozes e braços
Harmonizam o cântico inaugural da Nova África

O processo de adjetivação dos substantivos em atributos (braços tambores, braços vozes) pode denotar a complexidade e o alcance da tão almejada *Nova África*, desde Níger ao Cabo. A exigência hermenêutica redundante na complexidade do alcance e do desiderato da extensa África negra, ou seja, a extensão do seu sentido existencialista deste “a ti, negro qualquer irmão do mesmo sangue”, que, certamente, incluía as diásporas africanas. Mas, esta luta complexa não se coloca invencível, o poeta apenas

¹² L. Kandjimbo, in *Noção do Ser*, pp. 37.

preludia que tal luta não seria fácil. A natureza dos substantivos tornados adjetivos exige um esforço na percepção, apesar disso, apela ao desiderato harmónico perceptível na voz do poeta: harmonizam o cântico inaugural da *Nova África*. No poema *Pausa*, encontramos o objetivo essencial de toda a sua poesia (para além da *Renúncia Impossível*) tal como sugere Pires Laranjeira (2009), na apresentação da Trilogia de Agostinho Neto.

1.2.A representação psicológica e física do Negro em Neto

A contradição sentimental que o sujeito poético, em Neto, descreve é, como já apelidou Mbembe, resultante de uma “violência fantasmal”, que eleva o sujeito a um sentido de denúncia revoltante devido à extrema desumanização que o homem branco sujeitava ao negro e que, neste seu ser fantasmagórico, o negro consegue atribuir ao homem branco a mais vil metáfora: “répteis” e “vermes”:

quando os répteis se entrincheiram no lodaçal
e os vermes se preparam para devorar uma linda criança
em indecorosa orgia de crueldade

Conseguimos inferir do excerto acima o lodaçal (Senzala) e quem entrincheira o lodo, saindo da “Casa Grande”, metonimicamente representados. Conseguimos aferir nos dois grupos (vermes/colonos/Casa Grande e lodaçal/Senzala) o sentido de opressor e oprimido, segundo Mbembe que nos ajuda a interpretar o sentido, afirmando que:

“no contínuo exercício de trabalho para a vida, no centro está o corpo [negro]” (MBEMBE, 2014). O “corpo” é apenas a representação de “propriedade, número e algarismo”, o corpo é uma representação comercial, portanto, “não possui propriamente sentido intrínseco” e “a visão de motricidade, sexualidade: nada significam”. Este corpo é “*coisedade*” que o faz viver uma contínua ambiguidade:

o trabalho[do negro] para a vida consiste em o seu corpo ser coisificado;
ser coisificado é evitar que seja, por completo, um simples objecto.

Mais recentemente, tal ponto de vista também é partilhado por Paulina Chiziane, no caso moçambicano:

Finjo, por orgulho, que sou feliz, este olhar de rainha, (...) [mas, reconheço que] cada homem que me sobe é uma pá de terra que me cobre tudo. (CHIZIANE, 2009).

Na poesia de Neto, diferentemente de outros poetas, conseguimos perceber as representações dessas coisificações, nos diferentes grupos e faixas (homens, mulheres e crianças). Aliás, em *Renúncia Impossível* são visíveis as descrições das atrocidades de que eram vítimas as mulheres, sujeitas à mesma palavra usada em “Pausa”: orgia, como uma identidade da objetificação sexual da classe dominante, ou ainda em *Renúncia Impossível*: “quando regressardes de orgias nocturnas.”/nem contem com corpos de mulheres/ para vos alimentar de prazeres/nos ócios da vossa abundância imoral”.

Opostamente ao que se faz passar implícita ou explicitamente, os sujeitos em Neto “representam” uma particularidade. Cada sujeito, a sua descrição, representa a unidade de uma violência, seja quando “as crianças [estão] a jogar a bola de trapo além [a]onde não chega a luz eléctrica” ou “mulheres para amamentar os seus filhos sifilíticos” ou ainda nas “longas filas de contratados fatigados/esgotados de trabalhos/mas cantam/(...) cheios de injustiças(...)/com grito de protesto e cantam”, mais ainda a sonegação do direito à educação do amigo Mussunda a quem se “escrev[e] versos que não entende”, pois, “não era isto[esta situação]/que [eles] quer[iam]”. Ainda junto do amigo Mussunda, a “lastimar[-se] o destino das mulheres da Funda/dos [seus] cantos de desespero”. Como vemos, o campo representativo na poesia de Neto é muito alargado, chamando-nos a um sentido de tipificação do ente da “Negrura” mais abrangente.

Numa reflexão não muito profunda, facilmente concluímos que *fragmentação* é uma palavra que caracteriza o processo colonial do ponto de vista psicológico, para além da *diáspora africana*, que fundamenta a fragmentação física e social do povo africano e sustentado, hoje, por interesses individuais de negros procurarem as suas árvores genealógicas na intenção de perceberem esta fragmentação secular. Por outro lado, a coletividade é representada no conceito de fragmentação do sujeito, *povo*, pois que a unidade consiste em defender o povo negro, mas, a descrição individual ou a unicidade é evidenciadora da denúncia e da sua arte *engagé*. Oposto a isso, seria uma representação diminutiva da extensa desumanidade. No fundo, desenvolvendo a sua poesia neste sentido, Neto emana ainda mais a elevada preocupação que prestou à situação carcerária do *ser-eu* que cada negro não exercia, por isso, mais uma vez, o sujeito poético quando nega “não existo”, essa negação do sujeito poético para com *Outro*, leva-o também a

um exercício de autonegação que, gradativamente, atinge a revolta, como defende Camus.

Se, por um lado, a “*Partida para o Contrato*” poderia representar o início de um êxodo sem volta, em que a partida de “Manuel/o seu amor” para São Tomé, também é a evidência de um estado de alma, pois “que não há luz/não há norte na alma da mulher/Negrura/Só Negrura¹³”, a descrição do estado de alma da mulher manifesta-nos uma situação de deterioração forçada da sua representação amorosa em que a possessão do *ser-negro* não é apenas física, mas reduz também a sua insignificância até às estruturas psicológicas, ou seja, o *nihil*.

Podemos também aferir, portanto, que as ideias de agrupamento do negro nas representações poéticas eram, de certo modo, feitas em favor dos proletários, mas esta classe comportava uma certa indefinição constitutiva, como podemos confirmar nas referências feitas por Hamilton, analisando Vila-Nova: “camponês e colonos demonstrando, efetivamente, não apenas o facto de possuir uma classe trabalhadora, mas quem compõe essa classe” e nessa certa indefinição da classe, na expressão do colono, infere-se uma não-classe cuja realidade é “servir”, uma subserviência que não o transforma num elemento comparável. É “servir as refeições” ou “cavar os diamantes que as vossas mulheres irão ostentar em salões”, [trabalhar com o estômago vazio], [negros como] lacaios/para vos tirar os sapatos e os “corpos de mulher negras para vos alimentar de prazeres”¹⁴

1.3. Neto, arte e os seus ideais para consolidação da *Nova Angola*

A relevância das artes e da política era de tal modo expressiva que Agostinho Neto, já presidente da República Popular de Angola, quase um mês depois da independência de Angola, no dia 10 Dezembro, dia da União dos Escritores Angolanos, confere realce, igualmente, às artes (a literatura de modo particular) e aos “artistas” no percurso político que resultaria na independência de Angola.

Neste contexto de luta contra a colonização, sob liderança de Neto, conseguiam-se estabelecer, em Angola, as duas principais etapas, das quatro apresentadas por

13 Trilogia Poética, p.p.43.

14 Renúncia Impossível (negação), Idem.

Clifford Greertz¹⁵, citado por Pires Laranjeira, defendendo que a história do processo colonial divide-se em:

aquele em que os movimentos nacionalistas foram formados e cristalizados;

aquele em que emergiram os vitoriosos;

aquele em que se organizam os estados;

aquele em que se veem obrigados a estabelecer as suas relações com outros estados como com as sociedades irregulares de que surgiram. (LARANJEIRA, 1995).

Dito isto, também não podemos negar a importância que a literatura tivera para dirimir as irregularidades sociais. Neste sentido, a União dos Escritores Angolanos desempenhou um papel de realce, seja como editorial e distribuidor, organizador ou na crítica.¹⁶

É nestas linhas que, na altura, se redimensionaram os caminhos para a aspiração de uma sociedade constituída por profundas irregularidades sociais.

O que podemos inferir em cada etapa descrita por Greertz é o facto de que para a determinação do passo inicial da luta armada contra a colonização, foi indispensável a arte literária como uma das vias para a “cristalização” da luta anticolonial. Esta cristalização, a primeira etapa enumerada, é semanticamente coincidente com aquilo que Russel G. Hamilton nos lembra “essa reivindicação [cultural] era, *grosso modo*, uma metáfora dos sentimentos nacionalistas e, em determinados casos, um véu de actividades políticas clandestinas” e “foi, portanto, na actividade literária que a reivindicação cultural teve o seu maior e mais duradouro impacte na década de 50” (HAMILTON, 1975), acresce-se, as outras artes como música e a dança.

É ainda dentro da primeira etapa, cristalização, que acreditamos se inserir aquilo que Manuel Ferreira (FERREIRA, 1989) decidiu chamar os primeiros três dos quatro “momentos essenciais da evolução das escritas africanas de língua portuguesa”, ou seja, o momento primeiro: o escritor encontra-se em estado de alienação; o momento segundo: apesar de um determinado grau de alienação, os escritores ganham a percepção

¹⁵ Antropólogo norte-americano da Universidade de Princeton.

¹⁶ *Ibem*.

de um regionalismo e o discurso acusa já alguma influência do meio social, geográfico e cultural em que estão inseridos e a enunciação vive já dos primeiros sinais de sentimento nacional; o momento terceiro: o escritor, após ter adquirido a consciência da sua condição de colonizado, liberta-se completamente da alienação e a sua prática literária cria a sua razão de ser na expressão das raízes profundas da realidade social nacional entendida dialecticamente; o momento quarto: com a independência nacional é de todo eliminada a dependência dos escritores africanos e reconstituída a sua plena individualidade. (FEREEIRA, 1989).

E é por isso mesmo que a primeira etapa em Clifford Greertz, em relação às artes, destaca-se com maior preponderância, pois, a esta seguem-se as outras com um carácter mais pragmático e estrutural. Não queremos, por isso, negar a importância de cada etapa, pois, a hierarquia numérica não corresponde com o nível de importância que a cada uma se confere, contudo, para a presente tese, temos de continuamente admitir que o papel da literatura de engajamento impulsionou a difusão da mensagem da almejada independência e dignidade do povo angolano. Apesar de os níveis de analfabetismo serem os 97% já referidos, até à independência nacional, a escrita de Neto sempre se destacou pela simplicidade a fim de que a mensagem fosse acessível e cantada para facilmente se alcançar o poder mnemónico.

ORALIDADE EM NETO

Por isso, talvez também seja oportuno considerar as manifestações orais nos poemas de Neto, visto que, não há espaços para nulidade na obra do poeta, pois, a existir, seria limitar o alcance dos seus poemas e subtrair parte da memória coletiva presente nos seus textos. Portanto, para além dos valores já mencionados (cultural, social, político, histórico), há o aspeto da oralidade presente em alguns textos do poeta, que representa um modo de estar axiológico do povo angolano, como é o exemplo do caso das zungueiras¹⁷, cujo pregão é a representação de uma identidade quotidiana das sociedades angolanas, de maneira geral, e que, de um modo expressivo, é presente no poema *Quitandeira*:

-laranja, minha senhora
Laranjinha boa
(...)
-Minha senhora

¹⁷ Vendedeiras e vendedores ambulantes.

laranja, laranjinha boa!
O meu preço é único: Sangue.

ou o poder anafórico no poema *Criar e Civilização Ocidental* ou, em Viriato da Cruz *Makezu*, fazendo da repetição um exercício de fácil retenção na memória, que, para os objetivos daquela época e a de hoje, do ponto de vista do ensino, por exemplo, era e é um instrumento útil e viável.

2. REMEMÓRIA

2.1. NETO:IDENTIDADE E REMEMÓRIA IRÓNICA

O legado poético e histórico de Agostinho Neto deve ser frequentemente visitado para, com isso, acompanhar a construção da matriz identitária nacional, fazendo hodiernamente o aproveitamento da sua poesia de forma consciente, fixa e oportuna que esse legado exige. Aliás, no discurso de Agostinho Neto no dia 8 de Janeiro de 1979, na União dos Escritores Angolana, em alusão ao dia da Cultura, são expressas as linhas injuntivas para a unidade e consolidação da cultura angolana, pois, como refere o poeta, mais do que para o bem da Nação Angolana, é para o “bem do Povo Angolano.” Nota-se, portanto, que a dimensão expressa da arte em Agostinho Neto foi sempre uma arte humanizante, não apenas ideal, mas concreta, ou seja, não apenas um olhar para resultado artístico, mas para o ente produtor dessa arte. É importante lembrar aqui que a poesia e o discurso de Neto foram sempre marcados por uma dimensão nacional, não menos “profética”.

Esta visão profética é dualizada entre o *sim* e *não* por Pires Laranjeira em *A Poesia de Agostinho Neto como Documento Histórico: premonição da liderança, projecto de libertação nacional e organização do movimento popular, em 1945-1956*, capítulo integrado no livro *Comunidades Imaginadas* (2008), organizado pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20), ali o ensaísta distancia Neto de “qualquer messianismo, providencialismo, mosaísmo ou prometeísmo místico”, fundamentando que tal ponto de vista deveria ser considerado uma “estratégia eficaz”. Contudo, o ensaísta abre espaço para ainda assim considerar, no mesmo capítulo, que “Na poesia, Neto foi sociólogo, economista, ideólogo, antropólogo, historiador e

profeta”¹⁸. Aqui, sendo uma outra visão, achamos interessante citar o excerto de Aristóteles:

Torna-se claro (...) que o ofício do poeta não consiste em escrever coisas que realmente aconteceram, mas aqueles que podiam ter acontecido em determinadas condições; isto é, coisas que são passíveis segundo as leis da verosimilhança ou da necessidade. Na realidade, o historiador e o poeta não diferem entre si porque um escreve em verso e outro em prosa; a história de Heródoto, por exemplo, poderia ter sido escrito perfeitamente em versos, e assim não seria menos história do que é sem escrita desta forma; a verdadeira diferença consiste em que o historiador descreve factos realmente acontecidos, ao passo que o poeta escreve factos que podem acontecer. Por isso, a poesia é algo mais filosófico e mais elevado do que a história; a poesia tende mais a representar o universal, a história o particular. Desta maneira, podemos oferecer uma ideia do universal; a um indivíduo desta ou daquela natureza corresponde dizer ou fazer coisas de tal ou de tal natureza em conformidade com as leis da verosimilhança ou da necessidade; e justamente a isto responde a poesia, mesmo quando atribui nomes próprios às personagens. (REALE, 2001)

Apesar de o presente excerto, de um modo geral, subtrair a noção conceptual de profecia, metaforicamente os dois pontos apresentados por Laranjeira coexistem, portanto, tal visão de profeta não é de todo reduzida.

Retomando a importância da literatura do poeta, a necessidade de visitar Neto é relacionada com a visão social e histórica de Hamilton, que de certa forma também Aristóteles refere, quando o ensaísta afirma: “A literatura é particularmente susceptível de uma simbologia de atraso; por outro lado, a literatura é também capaz de suscitar o passado para alentar o futuro” (HAMILTON, 1975). Neste excerto, é reiterada, atualmente, a necessidade de se extrair da poesia de Neto toda a sua dimensão: poética, política, sociocultural para concretização dos ideais de construção da nacionalidade, estando o povo angolano como a preocupação central.

Em Angola, reconhece-se que se têm sido feitos esforços, para destacar os feitos de Neto, contudo, também se reconhece que a dimensão que tem sido mais difundida é a política, o que subjuga, de certa forma, a importância poética do autor, ou seja, este aproveitamento é reconhecido e mais aludido em círculos exógenos, onde encontramos

18 Comunidades Imaginadas pp.104 a 116.

maior aproveitamento acadêmico, do que em meio endógeno. Não podemos deixar de reconhecer, decerto, que as produções científicas sobre Agostinho Neto continuam a aparecer, as suas publicações existem, mas também é de igual modéstia reconhecer que, nas academias, não se têm feito jornadas em que se extrai do poeta o sumo digno da sua obra como, por exemplo, em movimentos *neo-negritudistas* onde a sua *Renúncia Impossível* é um poema de vida e atualidade, cujo espírito ideológico ajuda a perceber a margem em que o negro era e é colocado, mais ainda nos estudos pós-coloniais onde também o poeta se releva. As tentativas de subalternização ainda persistem e o valor de resistência e revolta do poema sustentam o espírito de movimentos negros da atualidade.

A difusão canónica de Neto, reconheçamos, tem o seu principal granjeio no âmbito extra-académico, subtraindo-se assim o símbolo proveitoso que o autor merece no âmbito intra-escolar. Devemos começar a inverter o aproveitamento que se faz de Neto que é, evidentemente, mais político, não se explorando, portanto, o sumo digno da sua obra literária e que haja da sua obra o auguro de ser exaltada pelo mérito que se destaca por si própria e que os aditivos políticos sejam secundários em propósitos literários.

Em referência a algumas atividades realizadas pela Fundação António Agostinho Neto (FAAN), Catarina Isabel Silva Rodrigues (2013) refere, no escólio do seu livro “A Renúncia Impossível de Agostinho Neto”, que aquela instituição “incentiva e promove estudos sobre a obra do seu patrono, de forma a interpretar e transmitir o espírito da letra que animou a sua poesia e a sua ação política” (RODRIGUES, 2013). Cremos e subscrevemos na totalidade o excerto acima, pois, pensamos que, em Angola, a ação poética de Neto deve ser seguida e divulgada como a sua ação política, a não ser assim, andaríamos nos antípodas da frase pela qual Neto é mais (re)conhecido, ou seja, pela ação política de defesa do seu povo colonizado não pelo legado poético¹⁹ e também em oposição ao direito à cultura dos povos que sempre o poeta defendeu. Não podemos, contudo, deixar de manifestar uma certa incoerência desmesurável na nossa ação displicente quanto à sua poesia, pois, a ação política do poeta é prenunciada e ganha

19 Idem pp. 15.

vida ideológica nos seus poemas, como é constatável no seu poema “Adeus à hora da largada”:

Amanhã
entoaremos o hino à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca da luz
Os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
vão em busca da vida²⁰

Para além da vontade política e da esperança presentes neste excerto, infere-se também, no poema, a incipiência de um homem de revolta, de um homem de recusa, um homem de renúncia. Acreditamos poder chamar a atenção da necessidade de ver Neto como uma identidade literária mais presente no ensino e na vida dos angolanos; oposto a isso, redundaria no demérito daqueles que se moveram em defesa da libertação do país, sem esquecer que esse demérito também se irradiaria aos apoios que Sartre, Simon de Beauvoir entre outros, que, em 1956, em campanha internacional, defenderam a libertação de Neto e a sua causa.

Uma nota para qual Catarina Rodrigues nos chama a atenção é ausência dos poemas de Agostinho Neto nos manuais escolares do ensino fundamental de Portugal, uma irrelevância em relação a um dos autores mais importante do universo de língua portuguesa. Se por um lado tal atitude limita os alunos quanto à riqueza cultural de outros países de Língua Portuguesa, por outro lado, não se constrói e não se cria um ambiente emancipatório para um legítimo discurso de Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP); contrariamente, cria-se um ambiente de ações em que uma ou outra parte contrai em aceitar a suposta imagem identitária de um dito “país irmão”. E, vale ressaltar que, ainda hoje, em tempos posteriores à ditadura salazarista, como bem justifica Catarina Rodrigues: constitui “um incómodo o seu discurso poético [de Neto]” (RODRIGUES, 2013).

Como anteriormente justificado, é necessário visitar e explorar Neto como património de identidade artística nacional de Angola. O inquérito realizado em Abril de 2020, no Magistérios do Sumbe/Angola (ex Escola de Formação de Professores),

²⁰ Poema Adeus à hora da largada.

uma escola de formação de professores e com formandos preparados para lecionarem a disciplina de Língua Portuguesa mostrou que existe um conflito de identidade entre Agostinho Neto enquanto político e enquanto poeta. O inquérito consistiu na identificação frases e versos que identificam o autor enquanto político ou poeta. Surpreendentemente, os alunos conhecem as frases de Neto, todavia não se consegue distinguir entre Agostinho Neto poeta e Agostinho Neto político. O maior número de respostas pendeu para o político, fazendo jus à nossa afirmação de que existe uma sobrevalorização das atividades políticas em detrimento da vida artística o autor. (anexo n.º 3)

2.1.1. Rememória e releitura de Neto no século XXI

A apropriação de alguns poemas de Neto atualmente (tal como alguns movimentos de minoria sociais o fazem) sustenta ativamente a construção de um ideal de luta por direito que ainda hoje subsiste. Vejamos, por exemplo, o movimento negro no Brasil, S.O.S Racismo ou mesmo os estudos Pós-Coloniais são instituições sociais que reanimam a chama da negritude, ou seja, a insipiência de uma Neo-negritude. As tragédias que se passam atualmente no mar mediterrâneo ou em Sicília (Itália), por exemplo, continuam a conservar a imagem metafórica que *Kalunga* (o mar) representa para o ser negro como refere o sujeito poético em Agostinho Neto:

“banham-me ondas
feitas de desejo e pranto
(...)
todo o meu ser se debruça
ante o drama da História
que nos legou
esta alma triste
de submissão e sofrimento

Ações consequentes que resultam dos grandes patrocinadores das guerras que não se diferenciam tanto com os protagonistas das ações coloniais. A postura que se tem diante desta realidade do negro é ironizada e hiperbolizada pelo próprio poeta no nosso contexto de angolanidade e da *mundialidade* “Eu próprio sou uma ilusão/sou a irreabilidade/Sou sonho”²¹. Assim, enquanto não explorarmos a dimensão real do poeta, a sua importância nacional (e internacional), esse ensejo ser-lhe-á ainda um “sonho”, tal como José Luís Mendonça bem mostra:

21 Poema Ópio

Permaneces cego no sarcófago
mas peço que retires outro livro
escrito na tua mão-monumento
um poema-decreto que ordene
«a data da abolição desta escravatura»²²

Não há espaço para nulidade na obra de Neto, não há espaço para subtrair importância num ou noutra poema do autor, pois, cada texto se justifica no seu contexto, seja para criticar a “cultura” colonial, que submetia o negro ou negra a situações desumanas que consideraríamos que Neto ‘chamou’ de “casamento” precoce com o sofrimento. Contudo, a medida que o tempo passa e revisita-se o texto do poeta, várias interpretações geram ao leitor, tendo em conta o contexto da atual República de Angola e o desiderato que o poeta almejava. Hoje, portanto, alguns dos seus textos parecem ironizar o descaminho em relação ao que a sua poesia almejava consumir, como acontece com o poema *Ópio*:

Casaram-me com tristeza
(...)
Deu-me Tristeza em casamento
Quando nasci
(...)
Não tive infância
Nem mocidade
Não tive alegria
Da primeira idade
Por causa deste noivado prematuro
E senil

Porque a realidade é Tristeza
E eu não a quero assim.
(...)

A releitura dos poemas de Neto leva-nos a fazer um novo aproveitamento. Ressalta-nos também a dimensão ética e moral, uma ética que nos remete para um sentido axiológico contínuo e intemporal, demonstrando seguramente que a questão relativa à visão profética do poeta não é o único ponto em que Aristóteles se relaciona com os poemas de Neto, pois, a preocupação que o poeta demonstra, não apenas em relação a si enquanto indivíduo, mas com o povo (a cidade, na visão aristotélica) encontra acolhimento também nas seguintes palavras do filósofo:

²² Poema Carta para Agostinho Neto, de José Luís Mendonça.

“Se é idêntico o bem do indivíduo e o da cidade, parece mais importante e mais perfeito defender o da cidade; o bem é, sem dúvida, também desejável quando se refere a uma só pessoa, mas é mais belo e divino se tem relação com um povo e com uma cidade” (apud REALE, 2001)

Logo, a dimensão humanística de Neto para com o seu povo e com os “negro[s] quai[s]quer de todo o mundo” reveste-se também de um valor político aristotélico, ou seja, mais próximo ao ideal político, no seu conceito etimológico.

Atualmente, os textos de Neto começam abrir caminhos para novas hipóteses de interpretação, ironizando a situação hodierna de Angola, ou seja, os descaminhos que alguns nacionalistas e não só protagonizaram, não apenas a Angola, mas, principalmente ao povo angolano. Neto sintetiza essa desumanização no poema *Noite*, num musseque sem luz:

(...)

onde as vontades se diluíram
e os homens se confundiram
com coisas

Ou seja, já como referimos, em Neto, a liberdade era aspiração para *Nova África*, o que subentendia também a legítima dignidade do seu povo, e, como refere Mbembe, estaria a se evitar as formas de coisificação do povo (negro). Contudo, contra alguma expectativa, o êxodo do povo das sanzalas e dos musseques que acedeu ao asfalto, parte deles formados elites, fizeram com que aquelas “vontades [de Neto se] “diluí[ssem] e os homens se confundi[ssem] com coisas”. Realçamos, portanto, que não é propósito legitimar quaisquer formas de manifestação colonial, pelo contrário, realçar a convivência da poesia de Neto que, para além de ainda hoje a sua escrita abrir caminho para releitura e novo efeito estético, coloca a poesia do autor numa dimensão também “pós-moderna”, como nos lembra as características Ana Paula Arnaut (2010), no seu artigo *Post-modernismo: o futuro do passado no romance português*:

“Da nova literatura sobressaem os seguintes aspectos: a mistura de géneros e a decorrente fluidez genológica, num culto ostensivo e quase sempre subversivo; a insistente e crescente polifonia, em algumas situações a tocar as fronteiras do indecível, da fragmentação e da (aparente) perda de narratividade; os exercícios metaficcionalis, já presentes em romances cómicos e satíricos do século XVIII, mas agora renovados em grau e qualidade e alargados da escrita da história à re-escrita da História. Sublinhe-se, a propósito do modo como se processa a recuperação do passado,

a imposição da paródia como elemento de fundamental importância para a deslegitimação das grandes narrativas que, num entendimento que nos parece pertinente, estendemos a códigos genológicos e periodológicos”.

No seu artigo *Da ficção à história: a ironia romântica como elo mediador entre fato histórico e ficção na prosa saramaguiana*, Glauber Rezende Jacob WILLRICH (2017) lembra-nos que:

a ironia busca ‘estabelecer verdades que interessam a determinada perspectiva’ (L.P. Duarte, 2006, p.57), e há uma luta de partidos em oposição, de sentidos contrários, cujo objetivo (...) é defender uma determinada posição diante de um conflito previamente estabelecido. Uma concepção importante a se fazer em relação à ironia, de maneira geral, é que ela está ligada diretamente a uma concepção de visão crítica do mundo, que perpassa inevitavelmente pela subjetividade de quem se serve dela; e tal subjetividade invariavelmente se modifica nas diferentes gerações no decorrer da história, mediados senão por contextos ulteriores.²³

Sendo assim, acrescentaríamos um outro exemplo irónico do poema de Neto, que é a cultura de generalato, isto é, a oficialização da instituição pessoal pela patente militar é algo para que Neto também chamaria atenção no poema *Não me peças sorriso* em que o sujeito poético se rebela contra sua situação de anonimato:

Não me exijas glórias
que eu sou soldado desconhecido
da Humanidade

As honras cabem aos generais

Lembramos que o presente poema é escrito em 1949, tem Agostinho Neto 25 anos de idade, num ambiente inverosímil, mas que, ainda hoje coincide com a cultura do descaminho e de expropriações em favor de generais, em Angola.

A direção que o país tomou nas últimas décadas cria hoje um cenário em que o sujeito poético (negro) recoloca a reclamação por um lugar digno. Ainda que distante do contexto, o poema *ironiza* a atual República de Angola, devido à impunidade daquela classe de militares viveu até antes da assunção do atual Presidente da República, João

23 Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013

Manuel Gonçalves Lourenço. Este ponto de vista de Neto, mesmo sem a reconhecida intenção, está presente em Pepetela no seu romance *Sua Excelência de Corpo Presente*:

(...) De um lado e do outro dela se postam os nossos filhos. Os oficiais.
(...) O país era por todos respeitado e eu acarinhado, lisonjeado, distribuindo benesses como um imperador em tempos antigos.
(PEPETELA, 2018).

Entre os dois autores, no ano 1949, Neto e, ano de 2018, Pepetela, se expõem situações semelhantes em que os reclamantes, na primeira situação, passam a protagonistas, na segunda. É ainda de realçar que o sentido de “*os nossos filhos. Os oficiais*”, em Pepetela, não se poder apenas fixar no sentido literal. Portanto, Neto *ironiza* os desvios do compromisso popular, inclusive, naqueles que participaram da luta pela independência de Angola.

Recorrendo à teoria da receção do sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (1932-2014), quando refere que “as questões políticas também são responsáveis pela construção e reconstrução de sentido, estabelece[ndo] situações multi-referenciais”, tendo este autor como base do seu pensamento, o de Karl Marx, afirmando que “o consumo determina a produção assim como a produção determina o consumo”, assumimos, portanto, em Hall e Marx a fundamentação legitimatória para releitura irónica de Neto.

Em seguida, ainda em *Não me peças sorriso*, Neto também se *manifesta* contra a infelicidade de “casamento” precoce com o sofrimento desde tenra idade, suscitando a questão dos Direito das Crianças, situação a que estavam sujeitas todas as crianças negras nascidas naquela época. No poema *Ópio*, o sujeito poético denuncia:

Casaram-me com a tristeza!
(...)
não tive infância
nem mocidade
não tive alegria
da primeira idade
por causa desse noivado prematuro
e senil
(...)
Meus pesados dias são ilusões
meus prazeres amarguras
a Felicidade e a Vida
Sonhos.
(...)

Porque a realidade é a Tristeza
e não a quero assim.

A releitura do excerto acima, já no longínquo ano de 1947, recolocar-nos-ia também o olhar crítico, por exemplo, à ilustração do casamento precoce que, atualmente, o governo angolano tem desincentivado diante das autoridades tradicionais, devido à alienação social e cultural que se tem gerado, principalmente, em prejuízo das raparigas. A assumirmos tal interpretação, podemos a ela acrescentar a ideia desafiante que Neto se proporia, pois, no ano em referência, tal conteúdo seria objeto de repugnância, posto que desafiaria a postura axiológica sobre o conceito de casamento, numa altura em que poeta, em *Havemos de Voltar*, apelava ao retorno “às nossas tradições”. Apesar de os pontos de vistas poderem gerar divergências, convergente é o facto de a poesia de Neto sustentar o cognome de “*O guia Imortal*”.

Lembramos ainda que a Assembleia Nacional da República de Angola aprovou a 23/01/2019, por unanimidade, a nova Lei sobre a Liberdade de Religião, Crença e Culto, diploma legal que define regras e normas para disciplinar a constituição e organização das confissões religiosas, este novo instrumento legal é a resposta ao furor de igrejas que nascia e se difundia em Angola, a este furor estão adjacentes as debilidades dos serviços públicos e, algumas denominações religiosas exploram seus membros com base na “teoria da libertação”, muitas vezes, acompanhadas de “artefactos deificados”. No entanto, tal fenómeno, Neto já critica no longínquo ano de 1955. Hoje, mais uma vez, retomado o assunto com o seu poema *O verde das palmeiras da minha mocidade*:

E ficavam também
as orgias religiosas dos óbitos
as adivinhações maravilhosas dos malefícios
a histeria
das crepusculosas cerimónias para a vida
e para o amor
o cheiro acre do sangue
a fecundidade da terra
o objecto transformado em deus
tintas e poeiras
gotas e fragmentos de ossos
lágrimas e canções
segredos invioláveis de seitas de mistério
Humanidade e desumanidade
As teorias.

A poesia de Neto é suficiente para as reflexões atuais. José Luís Mendonça, no seu Livro *Angola, Me diz Ainda* (2018), percebendo a imponência de Neto ainda hoje, inteligentemente dedica a abertura do seu livro com um excerto do poema *Adeus à hora da Largada* e ainda “reescreve” e intertextualiza Neto. Tal evidência se repete no poema *Carta Para Agostinho Neto*, quando o sujeito poético aclama:

Permaneces cego e surdo no sarcófago
mas peço que retires do outro livro
escrito da tua mão-monumento
um poema-decreto que ordene
«a data desta abolição desta escravatura».²⁴

chamando a atenção para a atualidade dos poemas de Neto, da ironia e da sátira que os textos “fazem” à “nova” Angola, que, no entanto, vão dando passos de mudança.

A dimensão referencial do poema exposto destaca-se, não apenas pelas referências objetivas, mas também pela imitação de algumas manifestações antropológicas que exigem a releitura irónica dos textos do autor, importante e atual para o *novo* contexto de Angola, numa altura como esta em que o governo de Angola, por intermédio dos seus órgãos ministeriais desincentivam o casamento precoce. Portanto, vemos aqui que a dimensão humanística de Agostinho Neto não se apresenta apenas entre o *eu e o Outro*, mas também com condutas culturais contrárias aos direitos das crianças negras, no caso. E esta ironia não intencional, evidentemente, é desafiante não apenas pelo reforço do ato aí denunciado, pois, pode também representar uma afrontamento à postura axiológica bantu, visto que, já em 1947, em Coimbra, Neto daria sinais da necessidade de se mudar a postura daquele contexto colonial que, infelizmente, ainda em hoje persiste em Angola relativamente ao direito das crianças.

Dito isto, conseguimos notar que não há espaço para simploriedade na obra de Neto, o aproveitamento que se faz da sua obra é conseqüente à matéria que é objeto de investigação no presente trabalho de dissertação. Por isso, um outro aspeto que não se deve deixar de explorar nos poemas de Neto é a representação discursiva nos seus poemas, sempre identitariamente neorrealista. Os seus poemas têm a informação explícita com marcas da oralidade muito presentes, um recurso antropológicamente valorativo, dado que a oralidade representa uma imagem clara e respeitante da cultura

²⁴ Poema *Carta para Agostinho Neto*, in *Angola, Me diz Ainda*, pp.28.

local. Logo, vai ser no poema *Quitandeira* que, num jogo entre o poético e dialógico, o autor destaca a marca de excelência da oralidade nos seus poemas das vendedeiras ambulantes:

-laranja, minha senhora
Laranjinha boa!
-compra laranjas
Minha senhora!
Leva-me para as quitandas da Vida

A esse grupo social é-lhe associado o pregão que é uma das representações culturais do comércio fixo e ambulantes; tais manifestações de oralidade ainda podemos encontrar em outros poemas netianos como *Criar*, *Caminho do mato*, etc.. A isto se acresce a prudente e acertada escolha pelo neorealismo, tornando a sua *tecnhé* aparentemente informativa e acessível, mas constantemente expressiva, filosófica e com elevado valor sociológico, cultural, literário, axiológico, antropológico, etc. A exemplo dos poemas acima expostos, é o seu contemporâneo, poeta Viriato da Cruz, no seu poema Makèzú (1961, in *Poemas, editado pela Casa dos Estudantes do Império*) onde igualmente se homenageia as vendedeiras de rua, cujo sujeito poético é a Avó Ximinha, entoando o pregão “kuakiè, Makèzú, Makèzú”. A representação anafórica existente nos versos é um exercício mnemónico viável para os povos locais e para o nível de escolaridade que os mesmos possuíam.

Como nos referimos nas linhas anteriores, a necessidade de revisitar os poemas de Neto é tão necessário como a necessidade de consolidar os ideais da nação. O grande desejo de Neto foi, como ele mesmo referiu uma “Nova África” e Angola independentes. No entanto, apesar de esse objetivo estar consumado, os passos para consumir a sua frase “o mais importante é resolver o problema do povo” ou a crítica sobre aqueles que punham o sujeito poético negro em situação oposta à sua vontade, ainda persiste nos dias de hoje, tal como fenómenos como a necessidade de uma liberdade social e económica, que coloca parte da população em situação de precariedade humana. Se por um lado são incomparáveis a realidade de Angola com outras realidades, por outro lado, há sonhos não cumpridos que o colonialismo e a guerra não justificam o que dá lugar à atualidade e à interpretação irónica.

Apesar de reconhecermos a vontade do atual Presidente da República, João Manuel Gonçalves Lourenço, em corrigir a atual situação dos antigos combatentes e não

só, é de conhecimento geral que, por herança, há muitos “*soldados desconhecidos*” cuja corrupção beneficiou a poucos e prejudicou a muitos, razão de o Estado estar a levar a cabo prova de vida e novos cadastramentos dos antigos combatentes, porque aos generais (entenda-se oficiais, antigos combatentes ou não) honra não lhes falta. Portanto, hoje, há uma nova necessidade de releitura de Agostinho Neto, que pode incentivar à mudança profunda e pode ser vista como uma linha direcional daquilo que se augura como uma “Nova Angola”. Aliás, pensamos que está na poesia de Neto o verdadeiro desiderato da povo angolano, a sua expectativa de liberdade, agora é uma liberdade social, educativa, estrutural e de justiça social que tenha o povo como o principal beneficiário, e, acreditamos nós que, quando João Manuel Gonçalves Lourenço vê em Neto o seu modelo de liderança, é necessário recordarmos as grandes virtudes de Neto, os grandes desafios a que se propôs desde jovem, o protagonismo que alcançou e perceber, igualmente, o nível de expectativa a que se eleva João Manuel Gonçalves Lourenço. Ponto de vista este que vamos desenvolver em capítulos a seguir.

Por outro lado, vale lembrar que o neorrealismo é o estilo que mais se destaca na obra de Neto. Tais são os casos dos poemas *Renúncia Impossível (negação)* ou *Sábado no musseque*, por exemplo. Este primeiro, com um diálogo intertextual com *Cahier d'un retour au Pays Natal*, como trata Catarina Rodrigues (2013). Agostinho Neto é predominantemente a voz da *intermediação* entre o colonizado e colonizador, através do neorrealismo, muitas vezes, descritivo e conceptual como em “Os musseques são bairros de humilde/de gente humilde”, o poeta consegue pôr em evidência a dimensão real do que os negros eram sujeitos. Podemos questionar o facto de o verso explicativo, passível de deduzir semelhanças de que possa pertencer a um vocabulário simplório, porém, esteticamente, pode ser um exercício de exaltação do ente do musseque, a assunção de um espaço onde a cultura festiva sustenta uma axiologia não apenas os musseques em si, mas de um modo de estar dos angolanos e sua gente. Os versos, dependendo da sua entoação musical, podem, certamente, criar manifestações estéticas diferenciadas ao leitor e, portanto, seria, igualmente de certa ingenuidade julgar os versos como simples.

3. Defesa da poesia e de Neto vs Construção da nacionalidade

3.1. Canonização

Sabemos que Angola é um país em construção pelo que o legado histórico de Agostinho Neto deve ser frequentemente revisitado para, com isso, acompanhar a construção da matriz identitária e/ou o seu aproveitamento para os novos tempos de forma consciente, segura e oportuna que o legado em si exige. Aliás, o discurso de Agostinho Neto a 8 de Janeiro de 1979, na União dos Escritores Angolanos, em alusão ao dia da Cultura, esteve sempre direcionado para o ponto de unidade, pois, como refere o poeta “para a apreciação ao nosso [dos poetas] trabalho, dentro do contexto verdadeiro da Nação Angolana, ou melhor: do Povo Angolano”. Importante frisar aqui a dimensão nacional, que, tanto na poesia como nos discursos, se destacam não pelo carácter regionalista, um propósito que o poeta legou e que, ainda hoje, se constrói devido à síncope que a guerra originou. Portanto, para construção nacional, às palavras de Neto associam-se então as de Hamilton de vale buscá-las mais uma vez, quando diz: “a literatura é particularmente suscetível a uma simbologia de atraso; por outro lado, a literatura é também capaz de suscitar o passado para alentar o futuro” (HAMILTON, 1975). Neste excerto, está a razão que justifica a revisitação frequente à poesia de Neto e a toda a sua dimensão: poética, política, sociocultural para concretização dos ideais da construção da nacionalidade, estando o povo como a preocupação central.

Reconhecemos, pois, que há evidência, em Angola, de problema da unidade nacional, logo, a modalidade de integração se deve conformar com alguma permeabilidade social, devido a idiossincrasias locais.

As tendências de *modernização* e de *modernidade* culturais “racionaliza[m] as intenções autoritárias e normativas no interior das culturas, em nome do interesse comum nacional e das prerrogativas étnicas”²⁵, havendo, portanto, necessidade de refletir as vantagens e desvantagens em nome da unidade nacional.

Com o que acima expusemos, reforçamos a pertinência do estudo da Literatura e a sua contínua institucionalização, pois que, a sociedade angolana não é inocente em relação a posturas raciais em algumas instituições (principalmente as de liderança privada) onde são frequentes as queixas sobre atos de racismo de quadros expatriados, em solo angolano, e com aparente vantagem hegemónica de resquícios coloniais.

²⁵ Idem, 36.

Saltam-nos à vista casos como de Simão Hossi alegadamente “agredido, humilhado e expulso de um restaurante²⁶” por motivos raciais ou a queixa anónima de neocolonialismo no Banco de Fomento Angola (BFA)²⁷ ou ainda os atos discriminatórios e raciais que também noticiaram, em Agosto de 2019, ocorridos na rede de Supermercados Candandu e Kero, em Angola. Curiosamente, vale realçar, coincidência ou não, são mais citados casos entre cidadãos portugueses ou originários e angolanos, quando a questão é entre angolanos e estrangeiros.

Todavia, estas questões de *divisão social* também são visíveis nas designações *regionalistas*, em Angola, como denota a expressão “sulano” para designar quem é do Sul de Angola, “kamunanu” para quem da parte Centro-Sul, expressão pejorativa com substrato das línguas bantu, “langa” para quem é da região Norte e com cultura Bakongu ou de regiões próximas aos dois Congos. Essas expressões, apesar de igualmente serem usadas ludicamente, possuem o seu sentido pejorativo e/ou discriminatório tal como é a palavra “ocindele”²⁸. Todos esses factos e presumíveis acontecimentos que aqui citamos são manifestações evidentes de uma nação ainda não consolidada. A necessidade de debates, cujo fim único deve ser a unidade nacional, é premente, tal como canta Teta Lando “se você é branco,/isso não interessa a ninguém/ se você é (...)negro,/ isso não interessa a ninguém,/ só o que interessa é a vontade de fazer Angola/Uma Angola verdadeiramente unida”²⁹, conjugando com a voz de Neto:

“a cultura não pode inscrever-se no chauvinismo, nem pretende evitar o dinamismo da vida...A cultura do povo angolano (...) é hoje constituída por pedaços que vão das áreas urbanas assimiladas [às] áreas rurais apenas levemente tocadas pela assimilação cultural europeia”³⁰.

Se se justifica a totalidade do excerto de Agostinho Neto, na altura em que discursava, certamente hoje esta amálgama se encontra mais assente. Devemos aprender a conviver com ela e adaptarmos os angolanos em aceitar a heterogeneidade social, incluindo as origens europeias, mas distantes de quaisquer resquícios “eurocêtricos e sectarismos”.

26 Noticiado no jornal www.dw.com, 03/09/2019, 23:31.

27 Notícia publicada pelo jornal online Club-k de, 15 de Março de 2014, consultada 03/09/2019.

28 Expressão de origem umbundu usada principalmente no Sul de Angola, para designar o homem branco. Lê-se Otchindele [f].

29 música “Angolano Segue em Frente”, Teta Lando.

30 Extrato do discurso de Neto no âmbito do dia da cultura, dia 8 de Janeiro de 1979.

Wander Melo Miranda, analisando o caso brasileiro, lembra-nos que dados os processos de consolidação, à recente independência de Angola interessa a “essência meta-histórica”, pois, o processo inacabado de nação, Wander citando António Cândido, “o espírito do Ocidente acaba, entretanto, virando [como já] fantasma”, deturpando os pontos convergentes e simbólicos que interessam ao país. Para tal, Wander Melo Miranda dá o exemplo da música brasileira cuja essência considera “inautêntica”, muito ocidental, diferentemente da Ásia.³¹ Continuando, é necessário lembrar que a:

“concepção de história é inerente à temporalidade linear e contínua, que evolui por etapas sucessivas, no interior de um sistema que vai se integrando factos e eventos até formar uma tradição que reflui maciçamente em direcção ao referente”.³²

Neste sentido, a Literatura Angolana cria parâmetros, cujo objetivo final é igualmente um consistente estado formado nação. Nas literaturas, também está a ela ligada a tentativa de continuar a estabelecer o lugar merecido da poesia angolana, cujo epicentro são a dignidade nacional, a sua autoexaltação, a institucionalização, a estética, o prazer, que, como sabemos, é uma poesia que a ela se atrela ainda uma hegemonia luandense. Logo, é preciso notar que a:

“apropriação estética de modelo de nação que parece predominar entre nós segue essa lógica conjuntiva, que [deve] busca[r] se integrar, conciliando diferenças, (...) na relação mecanicista e rigidamente hierárquica entre modelo (hegemónico: entendo no plano nacional) e cópia (plano periférico: regional) e na indefectível noção de dependência cultural que lhe serve de suporte.”³³

31 Revista Brasileira de Literatura Comparada, Nações literárias n°2, pág. 33.

32 Ibidem.

33 Idem, pp.34

III. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS E DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA LITERATURA

1. Literatura e Ensino em Angola

Na sua tese de doutoramento, no capítulo V.1., Luís Kandjimbo lembra-nos que a Literatura Angolana é considerada uma “disciplina em sentido epistemológico por quatro ordens de razão, pois:

1. É objecto das práticas especializadas de investigação, crítica, e ensino;
2. Os conteúdos informativos e cognitivos dessas práticas, transmitidos e avaliados pelas comunidades interpretativas em determinados contextos institucionais são veiculados através de um discurso de segundo grau sobre o sistema literário angolano fundado na tradição cultural e literária angolana;
3. A literatura angolana submete-se aos testes de legitimidade através de metadiscursos interpretativos;
4. O objecto de ensino da Literatura Angolana é constituído pelo conhecimento proposicional elaborado que sobre ela recai.”³⁴

Neste sentido, podemos afirmar que é indubitável o estatuto epistemológico da disciplina de Literatura Angolana, cuja transmissão é feita, sobretudo, pelo “conhecimento proposicional nos domínios dos Estudos Literários Africanos”. Tal como ainda refere Kandjimbo, “não [são os Estudos Literários Africanos] a única forma de conhecimento que é transmitida no processo de ensino, ou seja, deve haver um “pluralismo metodológico” ou interdisciplinar igualmente tidas como via de eficácia e eficiência da disciplina num contexto de multiculturalidade e entre as construções “*européizantes*” e “*africanizantes*” em que o objetivo, pensamos, não dever passar pela marginalização de alguma, mas pelo conhecimento de cada uma e produzir espaços de importância de acordo com a situação do país ou da aula.

Em consonância com a intenção deste trabalho, que nessa terceira parte se reserva ao contexto de ensino da Literatura em Angola e a aplicação didática de Agostinho Neto, pensamos que, analisando o caso da Literatura Angolana, Kandjimbo

³⁴ Tese de Doutoramento de Luís Kandjimbo, *O Estatuto Disciplinar da Literatura Angolana*, (2015), pp.273.

faz uma espécie de resumo daquilo que pretendemos operacionalizar nesta tese, quando diz:

A virtude epistémica da excelência em demanda da qual se engajam as comunidades disciplinares ou interpretativas consagradas ao estudo da Literatura Angolana configura o tipo de problemas a ter em conta na determinação do seu estudo epistemológico, sobretudo ao abrigo das questões suscitadas no âmbito da Epistemologia e da Filosofia Moral. (...) o ensino constitui um dos níveis a partir do qual se torna possível avaliar a pertinência do conhecimento, sua relação com a verdade e a objectividade, bem como a necessidade da sua justificação, admitindo-se a possibilidade de ocorrer a transmissão de diferentes verdades intemporais, longe de qualquer tentação essencialista, sem que tal implique a prática de um ensino intemporal.³⁵

acrescenta o autor que o:

“estatuto epistémico da Literatura Angolana tem a sua âncora no pluralismo epistémico e cultural do mundo hodierno, e na paisagem política denominada pelo Estado-nação, apesar da falência do paradigma nacional em África [e em Angola, particularmente.]³⁶

Podemos, com os excertos acima, concluir que a afirmação da Literatura Angolana como disciplina e os seus meios de operacionalização e institucionalização são considerados consolidados. Os não consolidados serão certamente o contributo esperado para construção de uma nação atualmente por consolidar e onde a Literatura tem o seu papel preponderante, vendo, portanto, na educação, no alargamento dos cursos e na formação dos professores, desideratos conjuntos para alcançar de resultados a nível macro.

Urge lembrar que um dos desafios, como acima dito, é formação de professores de Literatura e de Língua Portuguesa. Desde a extinção da Faculdade de Letras do Lubango, assistiu-se a “um recuo em questões relacionadas com a disciplina de Literatura, isto é, a fragmentação do ensino da Literatura Angolana”³⁷. Hoje, a Faculdade de Letras de Luanda, principalmente, os Institutos Superiores de Educação (ISCED) e alguns programas do ensino não universitário procuram restituir espaço à Literatura.

35 idem pp. 273-274.

36 Idem, pp. 274

37 Idem, pp. 285.

Se por um lado temos a Literatura com os seus limites, por outro lado, temos a dificuldade com os recursos metodológicos e didáticos. Recorda-nos mais uma vez Kandjimbo que essas dificuldades são decorrentes desde a década de 90 do século XX e que ainda hoje persistem no ensino em Angola, sendo:

- Fraca produção [a nível da didática da Literatura] endógena;
- Difusão caótica de manuais alicerçadas no modelo pedagógico português (entenda-se de Portugal) [muita vezes seguindo metodologias da disciplina de Língua Portuguesa]³⁸

A persistência dessas dificuldades a nível do ensino da Literatura é transversal a outras disciplinas escolares, fundamentalmente as disciplinas artísticas, comprometendo, de certa forma, a interdisciplinaridade. Por isso, é necessário estabelecer uma relação mais próxima entre o aluno e o livro de Literatura ou de Língua Portuguesa, de modo que haja uma cultura de convivência com o livro enquanto obra de arte. Na ausência de livros ou perante a dificuldade na difusão da arte, o objetivo do ensino pode não ser alcançado devido à ausência deste livro/obra, ou seja, a verdade enquanto objeto dessa arte não é alcançada, se não vejamos:

Mostrar ou ‘apresentar’ conteúdos materiais faria emergir sua verdade autêntica (...), pois ao meramente mostrar (ZEIGEN) sem dizer (SAGEN) ou explicar o material mobilizado ativaría o núcleo histórico da verdade que habita o agora de cada cognoscibilidade, ou seja, o momento da compreensão individual ou coletivo. Por outro lado, a verdade que intencionalmente se ‘representa’ comportar-se-ia de maneira artificial, no sentido de que a verdade é morta na intenção.³⁹

Os desafios do ensino da Literatura não param por estes ora enumerados. Por exemplo, a situação atual do ensino em Angola, a escassez de professores especializados em ciências ligadas às Literaturas (Línguas, Artes, etc.), os currículos escolares das especialidades de Linguística ou Língua Portuguesa a nível do II Ciclo, isto é, da 10.^a à 13.^a, (apesar de conterem temas ligados à Literatura) são alguns dos problemas que enfrenta a disciplina de Literatura. Os conteúdos de Literatura, quando são lecionados, as metodologias usadas são de recurso frequente à Língua Portuguesa. A par desta situação, não podemos ignorar o facto de o país estar a tomar um rumo indelicado,

38 Ibidem

39 In A apresentação Histórica como método Historiográfico de W. Benjamim, in Revista UFGBR.

devido à crise económica que se enfrenta, ou seja, devido à necessidade de se diversificar a economia, há uma tendência avulsa de se apostar em cursos técnicos, uma postura que contraria e pode aprofundar a necessidade aflitiva de se olhar o país em todas as suas vertentes e pode ignorar as prioridades a nível cultural, de um modo geral, e das artes, de modo particular. A consideração destas prioridades ajudaria a refletir sobre a pergunta “o que é ser angolano?”. Pergunta, certamente, para qual não encontramos resposta apenas no campo das ciências exatas. Obviamente, a situação económica dita as prioridades do país, mas não deixaríamos de acautelar que tal medida necessita de tomada de posições prudentes de modo a formarmos um homem integral.

A consolidação da nação e a construção da identidade, as manifestações de um certo relativismo social que Angola vai incorporando, seja pelos *media* ou por movimentos sociais a ele estranhos, sugere, constantemente, que façamos as seguintes perguntas:

Quem somos?

O que é ser angolano?

O que esperamos ser?

Decerto, há perguntas cujas respostas fogem do controlo humano, no entanto, os instrumentos de análise das mudanças sociais, as análises das alterações podem ajudar-nos a prevenir e criar mecanismos políticos e sociais que nos direcionem, a fim de se evitar mudanças que possam degenerar a matriz da sociedade angolana. Reconhecemos que essa “degeneração” pode significar desenvolvimento social, contudo, interessa, igualmente, a manutenção da essência do ser angolano que, admitamos, já não é de fácil manutenção devido à heterogeneidade que a caracteriza. Acresce-se a isto a tendência de uma sociedade de consumo moldada pelos *media*, excessivamente de *entretenimento*, que nos fazem acreditar que podemos estar a assistir a um processo insipiente de uma sociedade moldada no deleite ou no despropósito, que, como sabemos, são as tendências atuais psicanalíticas que criam mudanças sociais vantajosas para a já conhecida tendência ocidental ou para aqueles que tomam proveito de tal transformação. Se por um lado não podemos controlar, de todo, a evolução das sociedades, por outro lado, temos de antecipadamente reconhecer, que aquilo que nos escapa, pode ser o que nos identifica e o que nos identifica é a nossa essência, a nossa essência é ser angolano. Essa degradação, diferentemente da evolução, não pode ser negociável. Portanto, devemos

pensar que os cursos técnicos desenvolvem a economia e que são um importante setor para alavancar a economia do país, contudo, todos os setores da sociedade devem desempenhar o seu papel para o desenvolvimento do país e desenvolver o homem de forma integral. As ciências sociais têm de ter acolhimento para o desenvolvimento integral do homem novo. A educação vende-se e, tal como as artes, desenvolvidas, criam uma linha impulsionadora para o turismo interno (economia). Temos como exemplo, o corredor do ex Reino do Congo, (atual Mbanza Kongo, fundado no século XIII, elevado a Património Mundial da Humanidade, pela UNESCO, a 07/08/2017). Portanto, o desenvolvimento crítico do aluno angolano como apreciador da arte, para além de dar oportunidade e possibilidades de desenvolvimento de um discurso interartístico (ensinar o diálogo entre as artes ou explorar as correspondências artísticas), poderá desenvolver-se num compromisso estético com estas artes e valorizar ainda mais os artistas e, certamente, a economia e a própria educação, inevitavelmente.

2. Um ensino da literatura para a formação integral do aluno e os seus desafios

Consideramos previamente a organização do Sistema de Educação e Ensino de Angola, publicado em Diário da República de Angola, a 07 de Outubro de 2016, que, no seu artigo 17.º, apresenta os seguintes subsistemas:

1. Subsistemas:

- a) Subsistema de Educação Escolar;
- b) Subsistema de ensino Geral;
- c) Subsistema de Ensino Técnico-Profissional;
- d) Subsistema de Formação de Professores (onde se enquadram os magistérios);
- e) Subsistema de Ensino de Adultos;
- f) Subsistema de Ensino Superior.

2. Níveis:

- a) Educação Pré-Escolar;
- b) Ensino Primário;
- c) Ensino Secundário;
- d) Ensino Superior

Seguidamente, analisando a disciplina de Literatura lecionada nas escolas, é essencial considerar a necessidade de uma reforma do ensino que começaria pela expansão dos cursos de Língua e Literatura, na maior parte das províncias, e a necessidade de formação e atualização dos professores de modo mais eficiente para se

obter os efeitos almejados. Acresce a isso, uma reforma curricular, principalmente, no domínio do ensino das metodologias da disciplina de literatura e das Teorias da Literatura.

A experiência docente de alguns professores e alunos entrevistados (v. anexo 3, p. 103), no Magistério do Sumbe/Angola, mostrou-nos que os alunos da 10.^a, 11.^a, 12.^a e 13.^a classes daquela instituição de formação de professores estão abertos à aprendizagem e ao exercício do gosto pela arte, ou seja, ao despertar e à convivência com a sensibilidade estética. Porém, a atual estrutura dos programas (v. anexo 5, p. 110) e os tempos letivos (v. anexo 4 p. 109) que a disciplina de Literatura tem por semana, dá à disciplina uma imagem de disciplina marginal, ornamental, imagem que passa aos respetivos professores e, conseqüentemente aos alunos.

Como exemplo do que afirmamos, veja-se que um aluno da 10.^a classe da especialidade de Língua Portuguesa tem, por semana, 3 tempos letivos (90+45 minutos) de Literatura e 6 (90X3) de Língua Portuguesa.

Na 11.^a classe, na mesma especialidade, tem 2 tempos letivos de Literatura (45+45 minutos, normalmente, em dias separados) e 6 de Língua Portuguesa (v. anexo 4, p. 109).

Nas 12.^a e 13.^a classes, não há a disciplina de Literatura. Sendo que, nas outras especialidades do nível médio dos atuais Magistérios (ex-Escolas de Formação de Professores), não há, no currículo, a disciplina de Literatura. Importa destacar que, na disciplina de Literatura, na 10.^a classe, consta o capítulo de Literatura Europeia (matéria de Literatura Portuguesa), já na 11.^a classe estão as 5 Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e a Brasileira. A esta descrição, acresce o facto de muitos dos respetivos professores nem sempre darem aulas nas disciplinas em que se terão especializado. Devido à escassez de professores, eles são deslocados para disciplinas como Literatura. Logo, não será de estranhar que um professor que tenha terminado a formação em Psicologia, por exemplo, esteja a dar aulas de Língua Portuguesa ou de Literatura. Por vezes, poderá ter tido alguns anos de experiência acumulados em Língua Portuguesa, mas, por não haver formação superior no distrito onde trabalha ou por não ter sido dispensado para formação, fez uma formação não da disciplina que leciona, mas, muitas vezes, motivada por outras razões que não académicas.

Caso também desejarmos analisar as especialidades do Ensino Médio (Magistério), em que são formados docentes para o ensino primário até à 6.^a classe, esses, em especialidade de Língua Portuguesa, por exemplo, podem não voltar a formar-se nesta mesma especialidade a nível do Ensino Superior, seja por outras vocações ou por haver muita procura e pouco acesso aos mesmos cursos no nível superior ou ainda por ser um curso que não se oferece na sua localidade. São a estes chamados professores descolocados ou, por gíria, *para-quedistas*⁴⁰. No entanto, justo é reconhecer que existem vários esforços a nível pessoal de professores, e, residualmente, das instituições empregadoras. Os professores procuram, muitas vezes, por meios próprios, incentivos para progredir academicamente, elevando o nível de aprendizagem dos alunos.

O ensino da Literatura e a Educação literária têm um papel importantíssimo na formação de leitores e na criação de uma consciência estética e ainda promover a igualdade educativa e social. Vale lembrar que quando falamos em ensino da Leitura, a ela se associa, portanto, o ato de decifração, um exercício sígnico que o leitor se submete constantemente. Já, no exercício de leitura literária são várias as competências que um leitor (estudante) ativa durante o processo de cognição.

Como nos recorda a professora da Universidade de Barcelona, Isabel Solé (2000), as aprendizagens anteriores podem ser determinantes para o processo de leitura literária, ou seja, a estrutura cognitiva do aluno deve ser levada em consideração para ativar os seus conhecimentos prévios, indispensáveis para o aproveitamento e desenvolvimento do aluno. Nesse sentido, apesar de haver dissenso em relação **aos métodos de leitura do texto literário, isto é, o histórico, historiográfico e estético**, pensamos que, em Angola, em contexto de sala de aula, não se pode prescindir de nenhum. Aliás, para além desses, propomos, neste trabalho, o **ensino da literatura com as outras artes (os métodos interartístico e intertextual)**, ou seja, tal como designou W. Wolf (2011), no seu artigo *(Inter)mediality and Study of Literature, intermedialidade ou intertextualidade*. Como sabemos, o percurso de uma aula é muitas vezes o que determina a metodologia a usar, portanto, é justificável a apologia a vários métodos e recursos de ensino aplicáveis de acordo com a conveniência, num contexto

40 Gíria que designa os professores que dão aula numa disciplina que não é de sua especialização.

em que os alunos vivem as dificuldades já mencionadas e com níveis de literacia peculiares.

É necessário referir sobre as dificuldades que o aluno encontra diante de um texto literário, seja a complexidade estética (principalmente em textos exógenos, isto é, textos que não são da Literatura Angolana), filosófica, sociológica, histórica, metafísica, etc. podem criar ambientes que proporcionam a esta dificuldade de o aluno compreender a mensagem e, talvez, até de extrair a ideia central do texto literário. Consequentemente, esta dificuldade pode obstruir a construção de um pensamento próprio, reflexivo, ou seja, dificultaria o aluno a construir um exercício racional que o ajudaria na sua produção oral e escrita, sendo essa produção um dos objetivos centrais a extrair de uma obra de arte no contexto de sala de aula.

Referências históricas sobre as intermedialidades

No seu artigo sobre intermedialidade, o professor Werner Wolf refere que o termo ‘intermediality’ foi cunhado em 1983 e que foi usado para relacionar sistemas semióticos entre a literatura e as artes visuais. Enquanto a intertextualidade é uma variante da intermedialidade, pois, como o autor refere, a intertextualidade é *homomedial*, ou seja, relaciona aspetos dentro de uma única arte, isto é, a presença do texto A num texto B (“relations between verbal texts or texts systems”). Já a intermedialidade atravessa a fronteira de uma única arte (“Intermediality, in contrast, applies in its broadest sense to any transgression of boundaries between”)

Como já referimos, para os meios atuais e principalmente num contexto como o de Angola, em que os recursos de ensino não são acessíveis a todos, o ensino a partir das estratégias⁴¹ de leitura proposto por Isabel Solé é, em alguns casos, determinante devido à diversidade dos métodos e aos recursos que as referidas estratégias permitem, ou seja, os recursos interartísticos. Se por um lado é inegável que os recursos de intermedialidade e interartísticos revitalizam e rememoram um texto ou uma obra artística, por outro lado, criam espaços para uma educação artística, ajudam a tornar a aprendizagem mais significativa, granjeando leitores com sentido estético capazes de fomentar em si um comprometimento com a arte, de um modo geral, e o desenvolvimento de um pensamento crítico, científico, filosófico, de modo particular.

41 Expostas detalhadamente a partir da página 74 a 76 do presente trabalho.

Para sustentar a nossa proposta metodológica de intermedialidade e de intertextualidade, fazemos também recurso ao estudo de Claus Clüver (1932-), no seu artigo sobre “*INTER TEXTUS/ INTER ARTES/INTER MIDIA*”, o autor fala da “iluminação mútua das artes”, ou seja, referências que são precedentes da *intermedialidade* de que a “pintura é a poesia muda...⁴²”.

Para o caso de Angola, as evidências da intermedialidade como fenómeno artístico são marcadas, inicialmente, pelos estudos de Carlos Estermann, Hélli Chatelain e Óscar Ribas, ou pelas chamadas *cartas mensagens* ou *tampas de panela* ou ainda de *Testos de Panela*, recolhidos desde 1944 a 1956, localizados, atualmente, no Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra, peças acompanhadas pelo livro *Filosofia Tradicional dos Cabindas* (1966), de José Martins Vaz, livro através do qual são decifrados os provérbios, as adivinhas e fábulas esculpidos e numericamente explicados.

Estas representações, se por um lado reclamam um tipo de escrita “autóctone” dos povos cabinda (povos da província angolana de Cabinda) a qual, como refere o livro, era uma escrita que “não era uniforme na região”, por outro lado, tais representações de escrita sugerem a *porta* para uma “história da língua”, na perspectiva bantu, daquela região, ou ainda uma *ekphrasis* daquele contexto, que dignificaria aquele povo de Angola e a etnografia local, tal como necessita de um estudo aprofundado em relação às intermedialidades, em Angola. Aliás, Carlos Estermann bem refere na introdução do livro:

Tal arte parece aproximar-se da escrita ideográfica dos chineses e também dos hieróglifos dos egípcios. Talvez se possa chamar de pictografia – no sentido lato do termo – destinado a transmitir um número de sentido restrito (...) antes de mais, convém observar que, para pôr em harmonia o significado e o significante – ou em palavras mais simples – para tirar um sentido das figuras esculpidas nos testos ‘falantes’, é necessário proceder com muita arte e grande sabedoria, e conhecer, perfeitamente a relação existente entre as figuras e os provérbios, dos quais o povo em estudo, um tesouro muito variado.

É praticamente impossível conseguir tal decifração, sem recorrer aos velhos do povo de Ngoyo, mais conhecidos por Cabinda, uma vez que são depositários válidos e orais da sua cultura” (VAZ, 1966).

42 Referência clássica de Simónides que se presume a mais antiga sobre intermedialidade e a relação interartística.

Com isto, queremos propor que o diálogo da Literatura com pictórico (a intermedialidade como forma de arte), em Angola, é registado desde a primeira metade do século XIX, apesar de ser uma fase insipiente dessas manifestações interartísticas. Depois dos estudos de Estermann e de Chatellain, evidentes nas suas classificações sobre a literatura angolana, poderíamos considerar ser a altura mais concreta as demonstrações de um estudo como tal, ou seja, uma segunda fase, a de José Martins Vaz, com o livro *Filosofia Tradicional dos Cabindas*.

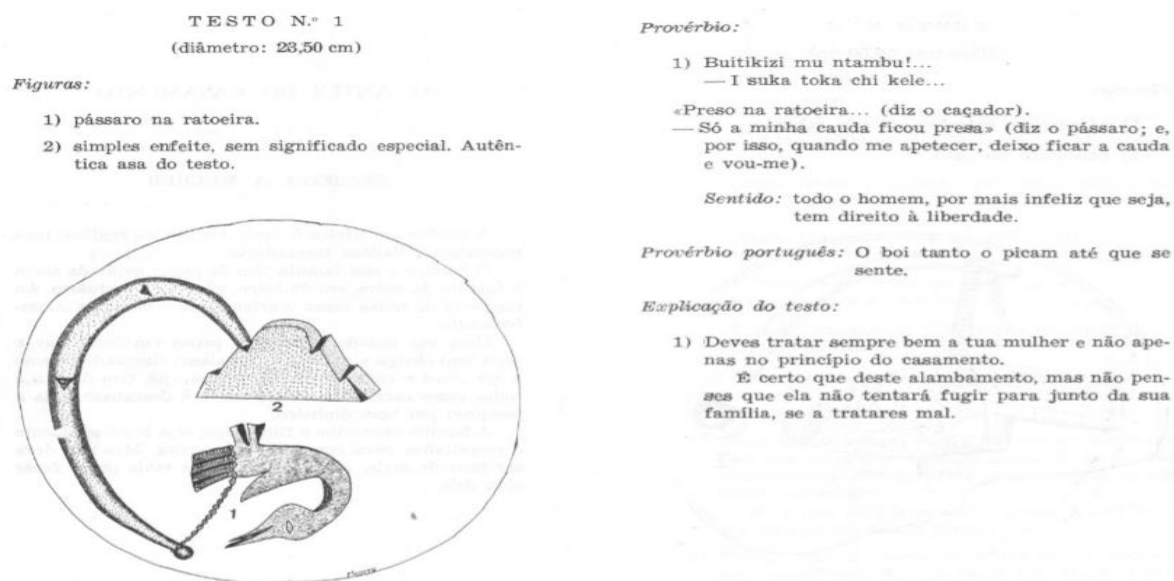


Figura 1. Imagem do livro *Filosofia Tradicional dos Cabindas* e o respetivo provérbio e significado.



43

Figura 2. Imagem das *Tampas de Painelas* tiradas no Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra, base para o livro *Filosofia Tradicional dos Cabindas*.

Portanto, se por um lado os estudos da *intermedialidade*, no Ocidente, foram cunhados em 1983, tais manifestações, em Angola, evidenciam alguma sincronia com o mundo ocidental. Vejamos, pois, o conceito de *intermedialidade* segundo Werner Wolf, professor da Universidade de Graz (Áustria):

43 Imagem tirada no Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra, em Setembro de 2019.

The term ‘intermediality’ was coined in 1983 by the German scholar Aage A. Hansen-Löve in analogy with ‘intertextuality’ in order to capture relations between literature and the visual arts (...) in Russian symbolism. (...) it is still sometimes confused with ‘intertextuality, especially if ‘text is used as an umbrella term covering all semiotic systems. (...) intertextuality is a variant of the ‘intermediality’ and refers exclusively to ‘homomedial’ relations between verbal texts or texts systems (...) Intermediality, in contrast, applies in its broadest sense to any transgression of boundaries between *media and thus in concerned with ‘heteromedial’ relations between different semiotic complex. ‘Interarts relations’ is also a formerly much used synonym of ‘intermediality’. (...) The emerging preference for ‘intermediality’ over rival terms such as ‘interart relations’ and ‘intertextuality’ indicates the increasingly *interdisciplinary profile of the research being conducted in this domain. All though the term ‘intermediality’ originated in a literature-centred milieu and is still used mostly in relations to literature, it has far transcended the boundaries of the literary field. This is also why, strictly speaking, the objects that are linked or characterised by intermediality should be called ‘semiotic complexes or entities’, a designation that includes not only various *genres and groups of texts but also artefacts, performances, installations, and so on.⁴⁴

Como podemos perceber, o conceito de *intermedialidade* e *intertextualidade* não são, de todo, de fácil distinção, como Wolf também demonstra no parágrafo sobre *problems of definition and typology*, referindo que “*The most obvious among these is the problem of defining the term ‘medim itself’*”. O esforço de precisar o conceito de intermedialidade é evidente ao tentar conceituar igualmente a intertextualidade:

Intertextuality refers to the presence of a text A in text B. A is the ‘intertext’ if one stresses the textual precursor, the ‘pretext’ absorbed by a later text.

As pequenas especificações poderão ajudar-nos a precisar aquilo que pretendemos demonstrar relativamente às intermedialidades (e intertextualidades) entre alguns poemas de Neto e de alguns outros poetas, para além de uma demonstração de exploração ideológica numa aula de Literatura, cujos alunos são futuros professores.

⁴⁴ (*Inter*)mediality and study of Literature Purdue University Press. Vol. 13, 2011

Como teremos a oportunidade de ver na presente dissertação, a experiência didática da música *Umbi-Umbi* em Banda Desenhada (p. 60), a transformação de arquiteturas em poemas são (v. anexo 2, p. 100), portanto, modalidades de intermedialidade. Por outro lado, como referiu o conceito de Wolf, a intertextualidade é um tipo de intermedialidade, portanto, o que propusemos, nessa dissertação, ao fazermos referência dos dois, é, pois, por os dois servirem de instrumentos didático-metodológicos úteis para um maior resultado do ensino da Literatura na sala de aula.

Antes do conceito de intertextualidade de Werner Wolf, alguns trabalhos terão sido feitos para realçar a importância daquilo que se viria a chamar *intertextualidade*. Passamos, portanto, a conceituar a visão de *intertextualidade* segundo Kristeva, em 1974, (upod, CUSTÓDIO, 2014), referindo que:

tout text se construit comme mosaïque de citations, tout text est absorption et transformation d'un autre texte. À la place de la notion d'intersubjectivité s'installe celle d'intertextualité, et le langage poétique se lit, au moins, comme double.

Ao fazer tal referência, Kristeva remete-nos também a uma intertextualidade “interdiscursiva” e “intersistémica” que, como refere o ensaísta e professor Pedro Balas Custódio (2014), pressupõe uma “relação sincrónica e/ou diacrónica entre textos e, por conseguinte, implica um domínio do *conhecimento literário*”. Sendo assim, a intertextualidade acontece enquanto modalidade literária, pois, o próprio “escritor também [é] leitor e espectador”, sendo, portanto, ele resultado de uma cultura.

Apesar de as referências sobre intermedialidade e intertextualidade terem origens na cultura clássica, com Simónides a referir que “a poesia é uma pintura falada, a pintura é a poesia muda” ou com Plotino “assim como o mito é escultura falada, a escultura é o mito silente”, as intermedialidades e intertextualidades vão-se manifestando nas formas literárias ao longo da História, como é evidente nas formas de denominar as manifestações artísticas como neoclassicismo ou neorromantismo. Porém, mais recentemente, estudiosos como Bakhtin (1999) vão prestando mais atenção ao que consideram “polifonia da linguagem” ou ainda o facto de “todo o texto situar-se na junção de vários textos dos quais ele é ao mesmo tempo a releitura, a acentuação, a condensação, o deslocamento e a profundidade” (SOLLERES, apud, SAMOYALT 2008). A Bakhtin junta-se Foucault (2000) que sublinha que “não existe enunciado que

não suponha outros, não existe um só que não tenha à sua volta um campo de coexistência, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e papéis”, pois, “o intertexto não tem outra lei senão da infinitude dos seus recomeços” (BARTHES, 1999).

Por sua vez, Jenny (1979) refere ainda que “ a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas de trabalho de transformação e de assimilação de vários textos, operados por um texto centralizador, que detém o comando do sentido.” Mais recentemente, Custódio (2014) refere:

mesmo que entre os textos exista transposição, cópia, decalque, imitação ou simples alusão, este movimento de interseção, abertura e tangência produz novos significados e novas leituras, imprimindo-lhes uma nova curiosidade dinâmica, pois impossibilita o fechamento.

É baseado nesse conjunto de autores que de uma visão macro da intertextualidade, nós propomos uma estratégia didática a nível micro, para o incentivo da leitura literária.

No programa curricular do Magistério do Sumbe (Angola), elaborado sob égide do Ministério da Educação deste país, constam abordagens da relação entre a Literatura e as outras artes como o cinema e a música (v. anexo 5, p. 110). Contudo, as insuficiências nos âmbitos metodológico e de conteúdo nem sempre ajudam a alcançar o cumprimento do programa e, conseqüentemente, do ensino destes conteúdos.

Esta abordagem intertextual potencia interseções que podem dinamizar os recursos didáticos no ensino da Literatura e da Leitura Literária, estabelecendo “proximidade, analogia, indagações, inferência e desenhos de redes que facilitem a compreensão global dos textos que leem.” É um jeito também de colocar o texto ao “serviço do aluno” e não o oposto, o que é mais comum. O aluno tem assim a possibilidade de exercitar outros métodos que não sejam apenas o quase condicionado por um “aparato crítico, narratológico, periodológico, linguístico ou outros de diferente alcance e natureza. Não que eles sejam dispensáveis, mas porque não são os únicos que concorrem para o processo da leitura que os alunos devem levar a cabo na escola.” (CUSTÓDIO, 2014)

Recordamos que as experiências metodológicas e didáticas que têm como base a intertextualidade e a intermedialidade devem privilegiar o diálogo entre literatura e pintura, cinema, arquitetura, banda desenhada, etc., pois, como lembra Wolf, “ a intertextualidade é um tipo de intermedialidade”. E estes cruzamentos poderão aumentar o entusiasmo dos alunos, dará um novo fôlego às suas aprendizagens, renovando igualmente as modalidades das suas aprendizagens, ou seja, dará maior interesse aos conteúdos e à sua forma.

Nestas “variantes textuais e metodológicas”, haveria a necessidade de ter em conta o fator histórico do texto e a faixa etária dos alunos. Custódio lembra-nos que esses recursos metodológicos são de “fácil execução”, apesar de, para o contexto angolano, exigir um esforço maior, principalmente nos casos da relação entre Literatura e cinema, por exemplo, devido à falta de energia em alguns locais. Porém, não se pode descurar vias alternativas como a Literatura e a Arquitetura ou a Literatura e a Banda Desenhada.

Os recortes para criar banda desenhada, por exemplo, são recursos que, dependendo do nível e faixa, poderiam ser usados como estratégias para este ensino, seja numa aula de Português ou numa aula de Literatura, fazendo com que os objetivos da aula sejam atingidos com os recursos que entusiasmam e despertem o interesse dos alunos e que ajudem a se familiarizar ainda mais com a matéria, e, conseqüentemente, com as outras artes.

Estes métodos também ajudam a manter a interdisciplinaridade dentro da Literatura, por exemplo, a nível da relação entre a Literatura com a Geografia, com a História, com a Sociologia, com a Psicologia, com a Língua Portuguesa, com a Filosofia, etc., tal como René Wellek e Austin Warren demonstram, em *Teoria da Literatura* (1949), a propósito da relação entre Literatura e Psicologia e Literatura e Sociedade. A Literatura serve de ponte para estabelecer elos interdisciplinares que elevam o nível crítico do aluno nos diálogos múltiplos que esta disciplina pode proporcionar.

Para uma proposta didática que explore a intertextualidade, trazemos dois poetas que se correlacionam, José Luís Mendonça e Agostinho Neto, poetas de gerações diferentes.

Para começar, é importante referir que Mendonça evidencia muita proximidade e faz apologia à temática poética de Neto e à justiça social defendida pelos poemas de Neto. Além da técnica presente em alguns dos poemas de Mendonça (2018) – *Praça da não-independência* e *Praça da Independência* – o autor remete-nos para técnica presente em *Renúncia Impossível Negação* e *Renúncia Impossível afirmação* (1949). É visível o paralelo técnico dos dois autores, não apenas na hierarquia Negação a Afirmação, como também na ordem dos poemas no livro. Como exemplo da intertextualidade em Neto, trazemos o seguinte poema de Mendonça:

Carta para Agostinho Neto

Os versos que floriste
com teu braço implacável
sobre as pútridas raízes da opressão
ainda estão rarefeitos
no chão que hoje pisamos

nossos pés levantam ossadas
de cíclicos cadáveres que ainda
respiram os ventos da história.

A noite é a mãe que nos embala
no sangue coagulando de uma catana
esquecida na rua da lama.

Os cães ladram como Prometeu
trocando com Zumbi dos Palmares
a saliva quente da palavra-passe
de mudar o leme do eterno retorno.

Há uma criança sem ossos sob a pele
que as hienas do tempo desprezam
nos cemitérios da ignorância.

Permaneces cego e surdo no sarcófago
mas peço que retires do outro livro
escrito na tua mão-monumento
um poema-decreto que ordene
«a data da abolição desta escravatura»⁴⁵

José Luís Mendonça não recorre apenas a uma intertextualidade indireta, como também direta. A invocação que faz a Agostinho Neto é a evidência da importância que Mendonça dá a Agostinho Neto é também a defesa da poesia de Neto presentemente.

⁴⁵ José Luís Mendonça, Angola, Me Diz Ainda.

No poema acima, por exemplo, é notável o apelo que faz a toda a poesia de Neto, visto que na poesia de Neto perpassa a luta contra a opressão colonial, ou seja, a luta pela Liberdade dos oprimidos: Mendonça refere que “Os versos que floriste com teu braço implacável/sobre as pútridas raízes da opressão/ainda estão rarefeitos/no chão que hoje pisamos”.

É notável que, mais do que a ideia de intertextualidade, no presente poema *Carta para Agostinho Neto*, há inicialmente a ideia de continuidade. Mendonça, no seu poema, é uma voz que reclama uma certa liberdade, cujo ideal se subscreve em Neto.

A ideia de continuidade começa desde o título do poema, *Carta para Agostinho Neto*, até às referências históricas que se inferirem de alguns versos, seja pela implacabilidade dos versos, que, como em Neto, Mendonça mostra que continuam vivos os problemas, enumerando “seja pelos cíclicos cadáveres que ainda/respiram os ventos da história” ou ainda pelo aparente abandono do ideal que moveu o início da Luta pela Libertação Nacional, em 1961, representado pelo símbolo da “catana esquecida na rua da lama”, reafirmando talvez algum desvio ao compromisso da Luta da Libertação Nacional pela qual se empenhou Agostinho Neto, pois, como refere Mendonça, ainda hoje “Há uma criança sem ossos sob a pele/que as hienas do tempo desprezam/nos cemitérios da ignorância”. Este excerto, porém, invoca igualmente a ignorância à qual “os homens negros ignorantes [que deveriam] respeitar o homem branco/e temer o rico” eram sujeitos. Os homens ignorantes representavam 97% dos analfabetos que Angola tinha na época colonial. Ou seja, para Mendonça, a ignorância que sustentou o domínio colonial até 1975, ainda persiste nos dias de hoje, colocando parte da população naquilo que ele chama de “cemitério da ignorância”.

O paralelo que se faz em relação à ignorância nos dois tempos fazem-nos acreditar que, ao ler Mendonça hoje, há necessariamente o imperativo de se ir buscar os textos de Neto, devido à continuidade e memória que se faz ao poeta-maior.

A forma como Mendonça começa o livro do qual faz parte o poema com o excerto de “Adeus à Hora da Largada” de Agostinho Neto, e no presente poema, “Carta a Agostinho Neto” mostra claramente o lugar que Mendonça dá a Agostinho Neto na sua escrita. Mais uma vez, Mendonça começa como termina o seu poema, pondo em evidência a intertextualização (indireta e direta, respetivamente) do poema “Adeus à

hora da largada”, mais concretamente o verso “a data da abolição desta escravatura”.

Vejamos:

Permaneces cego e surdo no sarcófago
mas peço que retires do outro livro
escrito na tua mão-monumento
um poema-decreto que ordene
«a data da abolição desta escravatura»

Mendonça passa-nos a ideia de que a abolição da “escravatura” ou de colonização não foi completa. Contudo, a aclamação de Agostinho Neto deve ser entendida de um jeito irónico, visto que Mendonça apenas se apresenta como a continuidade da escrita de Neto, recorrendo a alguns temas como a injustiça social, a situação política de Angola, a pobreza que se vive em Angola, cujo resumo está no poema que dá título ao livro “Angola, Me Diz Ainda”.

Nesse sentido, para o aluno, é interessante estabelecer um diálogo intertextual entre esses dois poetas, visto que, para além da temática comum, são duas gerações de poetas em contextos diferentes, cujos problemas invocados pelos sujeitos poéticos parecem-nos ser os mesmos. Há ainda nessa análise a ideia cíclica da história, interessante para os alunos de modo a desenvolver neles uma cultura da dignidade e de compromisso diante de um ideal virtuoso capaz de edificar um propósito social ou nacional.

Um outro aspeto que interessará correlacionar nos dois autores é a técnica de versificação. Neto sempre se caracterizou pela construção de versos livres, brancos ou soltos. Conferindo-se a si liberdade na construção versificatória. Além disso, a poesia de Neto é caracterizada pela irregularidade dos seus versos, não sendo, portanto, a escansão um detalhe qualificador para a sua poesia. Não nos passa despercebido também um estilo próximo ao realismo (neorrealismo) que, sendo por memória ou não, em Mendonça também se constata, fazendo do aparentemente simples um estilo de escrita dos poetas.

Mendonça não faz apenas a intertextualização de Neto numa obra literária. Já em *O Reino das Casuarinas*, Mendonça (2014) recorre a Neto para a construção de partes daquele romance. Por exemplo, Mendonça, lamentando a situação da personagem Primitivo, escreve: “Foi essa côdea de pão da alma que fez dar de cara com ele, doze

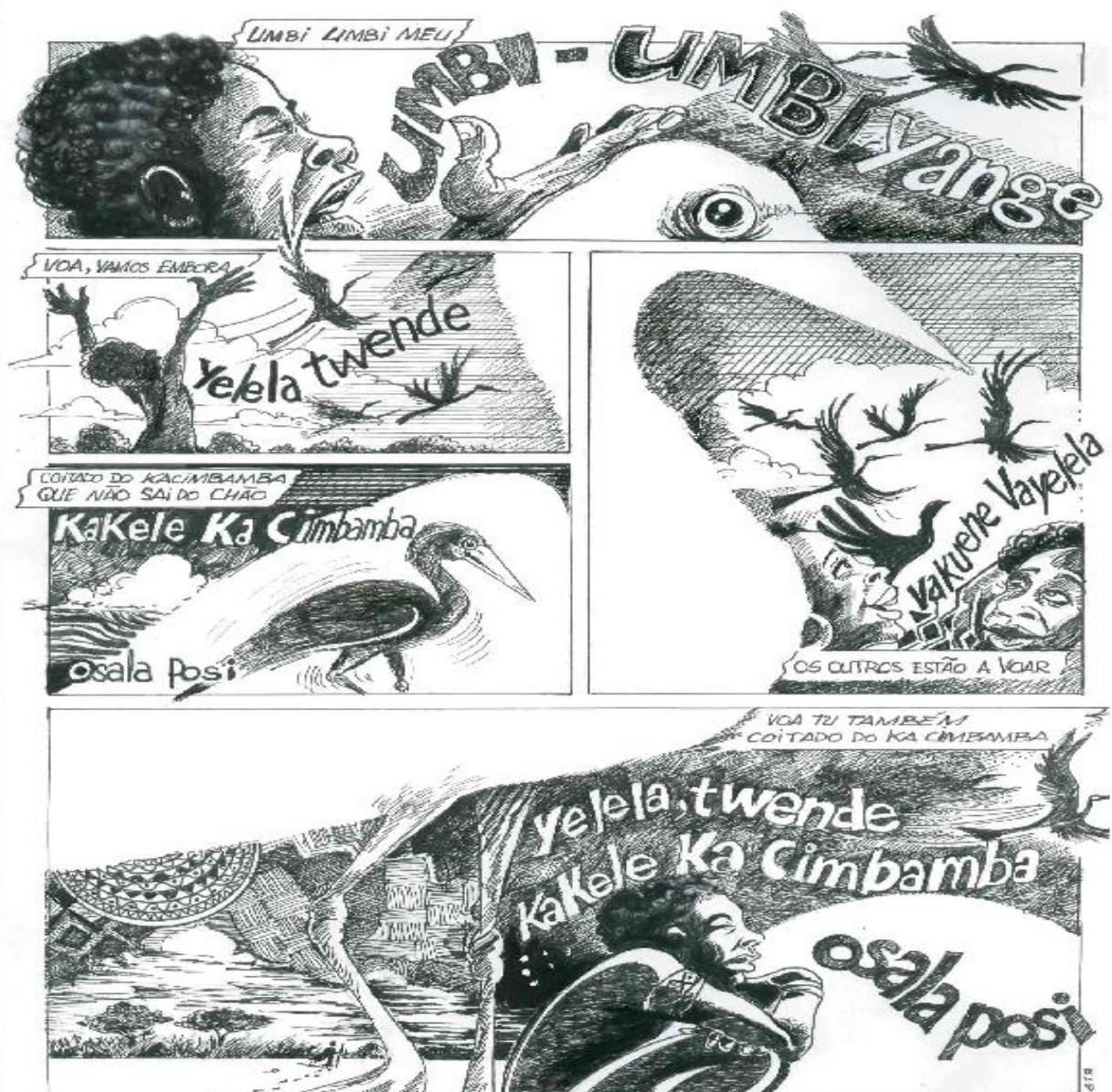
anos depois do nosso juramento «à Angola independente/Angola libertada⁴⁶»”. Num livro que, para além de Agostinho Neto, Mendonça faz a intertextualidade de excerto de Camões, de David Mestre, para além de Agostinho Neto enquanto poeta e político.

Queremos, portanto, reafirmar a importância de, na didatização da Literatura, o professor poder recorrer às propostas de intertextualidade ora sugeridas. Fazendo isso, o professor didatiza, cria uma dualidade histórica, revitalizando e rememorando a cultura, a vida e a importância do escritor e as épocas literárias específicas.

3. Aplicação didática da Literatura com as outras artes

De acordo com o conceito de intermedialidade e sustentando a experiência didática, temos a seguinte demonstração:

⁴⁶ Excerto do poema *Havemos de Voltar*, de António Agostinho Neto.



47

Figura 3

A figura 3 é uma experiência criada no âmbito do trabalho final da disciplina de Interartes, lecionada pelo Doutor Paulo Pereira, em 2018, tendo já em atenção a presente dissertação. Foi feita a adaptação da música de Filipe Mukenga em Banda Desenhada. Numa tentativa de gerar correspondência artística (ou seja, intermedialidade como um método didático) ao tema musical “umbi-umbi” para o ensino, criamos, especificamente para esse trabalho. A curta banda desenhada de que nos iremos servir como proposta de um futuro desenvolvimento, não só didático, para o contexto angolano, mas também nos servirá para aproximar as artes e equipará-las do ponto de vista de importância cultural em Angola. Por outro lado, para que sirva de ponto de partida para outras criações e

correspondências artísticas que venham a facilitar as metodologias do ensino das literaturas para o contexto em estudo, particularmente, entre literatura e música.

Apesar de a presente B.D. ter sido criada apenas para esta experiência, foi iniciado um brevíssimo inquérito para explorar a sensibilidade presente na B.D., o inquérito foi feito a quem não conhece a canção (ou a quem a conhece, mas não a reconhecia inicialmente) do qual foi quase unânime a resposta, tendo em conta as questões sensíveis como “melancolia, tristeza, ou seja, sentimentos negativos, mas também a exaltação, pedido a divindade”. Importa realçar que o depoimento de professores da 7.^a classe, cidade do Sumbe (Angola), acrescentou à leitura da B.D. que “faz apelo a questões axiológicas como solidariedade” pelo que é considerado adaptável para o nível de ensino com o qual os professores trabalham. Vale mais ainda o inquérito feito a meninos de 6 anos idade, da 2.^a classe, da Escola José Marty-Sumbe (Angola), tendo chegado à conclusão da leitura de que “estes senhores não estão bem”, fazendo recurso igualmente às “emoções negativas” decorrentes da música, representada na banda desenhada, cuja língua originária é umbundu, uma língua que a maior parte das crianças em questão não domina.

Ainda na relação de intermedialidade, mas entre poesia e música, vale realçar que a poesia de Neto foi desde há muitas décadas musicada por cantores como Rui Mingas (poema *Adeus à Hora Largada*), os Irmãos Cafala (poemas *Renúncia Impossível*, *Voz do Sangue*, *Assim clamava esgotado*, juntos com Rui Mingas, os Irmãos Cafala são reconhecidamente canta-autores), Patrícia Faria (*Poema para todos*), Matias Damásio (*Um bouquet de rosas para ti*), Belita Palma (cantou o poema *Caminho do Mato*, a cantora pertenceu ao grupo musical Ngola Rítmicos, grupo de reconhecido empenho pelas músicas de intervenção política e social e de resistência anticolonial) e Pablo de Milanés (*Havemos de Voltar*). Mais recentemente, foi promovida pela Fundação António Agostinho Neto a homenagem a Neto em poemas musicados e publicados no DVD com a chancela daquela fundação.



Figura n.º4

A importância da produção dos artistas que musicaram os poemas de Neto disponibilizam-nos mais um instrumento de uso pedagógico na sala de aula, para além da exposição gráfica dos seus poemas. Pois que se, por um lado, o livro nem sempre é acessível a todos, por outro lado, existe uma camada da sociedade ainda sem acesso à escola ou que não sabe ler ou ainda que é mais seduzida pela arte musical do que pela escrita. Este exercício de intermedialidade em Neto, sabemos, exige o seu engenho. Os Irmãos Cafala, por exemplo, ao musicarem *Renúncia Impossível*, tornaram o poema mais conhecido musicalmente do que pela sua exposição gráfica.

Numa segunda experiência didática, promovi, em Agosto de 2018, um concurso de poesia em que mais de 30 alunos partiram de uma obra arquitetónica, transformando-a em poema. O poema vencedor (anexo n.º 2, pp. 105) há-de ser transformado em música, atividade que detalhamos no presente capítulo.

Levado este exercício à sala de aula, como instrumento pedagógico, selecionamos também, para esta dissertação, quatro poemas de Agostinho Neto, a fim de que os alunos acessem às Literaturas a partir de um outro veículo artístico, isto é,

o uso da intermedialidade como recurso de ensino, já agora numa escola do ensino médio.

Ainda no âmbito desta dissertação e numa terceira experiência didática, convidou-se o grupo de teatro Nova Lua Teatro, composto, maioritariamente, por alunos do Magistério do Sumbe, alunos de diversos cursos, mas com predominância do curso de Língua Portuguesa, a fim de representarem, numa única peça de teatro, os poemas de Agostinho Neto: *Contratados*, *Renúncia Impossível*, *Criar* e *Quitandeira*. A mesma peça de teatro teria o apoio sonoro de um grupo musical que foi formado por alunos do Magistério do Sumbe, sendo estes alunos das 10.^a e 11.^a classes. Os grupos eram também composto por duas meninas que não acederam ao Ensino Médio (da 10.^a a 13.^a classe) por exiguidade de vagas. Lembramos que os alunos (futuros professores do ensino de base) tiveram 15 dias, para, diante dos poemas referidos, puderem criar composições musicais e representações teatrais dos referidos poemas, cujo resultado consta em anexo.

MÉTODOS: INDUÇÃO, DEDUÇÃO, ANÁLISE, SÍNTESE E COMPARAÇÃO

A cada dia, no exercício docente, cada professor ou agente de educação deve perguntar-se se o jeito como instrui os seus alunos fá-los ser alunos competitivos em relação aos alunos de outra escola, de outra cidade, província, ou país, isto é, qual é a sua percentagem de aproveitamento, no sentido de mensurar o seu esforço e o envolvimento das partes no processo de ensino e aprendizagem. Nesse momento, em Angola, o processo de educação ainda não tem nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura os meios para desenvolver o gosto pela leitura. Ou melhor, como refere Paulo Lampreia Costa, professor da Universidade de Évora, no seu artigo *Leitura e Educação Literária: da viagem possível às restrições do mapa* (2017), “a convivência com livros de literatura não é um primado pelo contacto com o manual (manuseio). Não se tem, na prática, na maior parte das escolas, a cultura de convivência com manuais de literatura” que promova o gosto pela leitura. Apesar dessa chamada de atenção, das classes iniciais até à 13.^a classe, acrescenta o professor, citando Cristina Mello, “na educação literária, a relação entre cognição e fruição [devem ser] ‘dos aspectos inseparables en la experiencia del lector’”⁴⁸.

48 In Ensino em Revista online.

A necessidade de se aprimorarem os métodos didáticos e os conteúdos de ensino devem ser uma prioridade, para se construir uma mente crítica mais elevada do aluno angolano, nesse caso, por intermédio das artes como vimos demonstrando. Os alunos mostram apetência pelas artes, mas apresentam poucas habilidades para concretizar ou aperfeiçoar devido, em alguns casos, à falta de meios didáticos. Por exemplo, no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, depois de uma aula dada, o aluno nem sempre aplica aquilo que aprendeu, ou seja, tem havido dificuldade em operacionalizar e autonomizar os conhecimentos da sala de aula no dia-a-dia. Ou seja, “o português da lei” e o português que se “angolaniza” estão em constante tensão. Logo, para a Língua Portuguesa e também para a Literatura, devemos trabalhar, tal como sugere Roig-Rechore (2009), de modo que se gere no aluno “unha reacción individual perante unha obra literaria, que lhe é possibilitada pelo seu conxuto de saberes culturais, literarios e sociais”⁴⁹ .

Importa salientar que nem tudo é problema, pois, há uma vontade expressa nos alunos em desenvolver o espírito artístico e que consideramos ser um “terreno fértil” a valorizar, no Magistério do Sumbe. O projeto concursal realizado no Magistério do Sumbe, a segunda das três experiências didáticas realizadas, como já referido anteriormente, tinha também como objetivo incentivar os alunos para a prática de escrita e para as atividades interartísticas. O projeto estava organizado de acordo com os seguintes critérios:

1. Localizar uma obra arquitetónica de relevância histórica;
2. Criar, a partir da referida obra arquitetónica e da sua base histórica, um texto poético;
3. O texto poético vencedor será proposto para a criação de um tema musical.

Os professores convidados, inicialmente, lecionavam Sociologia, Filosofia, Língua Portuguesa, História. Tivemos também a disponibilidade do professor, à época, coordenador do curso e professor de Língua Portuguesa do Magistério do Sumbe, que determinou vencedor um jovem aluno, numa participação de mais de 30 alunos de diferentes cursos, para além dos excluídos por incumprimentos de critérios de acesso ao concurso. Lembro que, a escola em causa é de formação média de professores, logo, o

⁴⁹ Ibidem, Ensino em Re-vista, Uberlândia, MG.

incentivo às artes também serve de base futura quando forem professores em exercício e estiverem diante de um texto ou de uma outra obra de arte, a fim de torná-la mais significativa, pois que, como refere Clüver “até onde se permite reconhecer, as fotografias originais [e outras obras de arte] possuem qualidade artística”, ou seja, a partir do original, Clüver abre portas para a imitação, por isso, a este excerto, acrescentamos que, inclusive, que uma cópia pode ser uma obra de arte pelo engenho e manutenção de um estilo, seja pela competência paródica ou pela reinvenção ou reescrita como entendemos que José Luís Mendonça faz ao escrever os seus poemas faz a intertextualidade de Neto.

A educação continua sendo o veículo de maior importância para revolução da consciência e emancipação social dos alunos. Diante deste fato evidente, são vários os desideratos que se esperam almejar a nível do ensino. O desafio de se criar, na sala de aula, um ambiente para se absorver nos currículos materiais artísticos e interartísticos, reconheçamos, está condicionado a muitos fatores. Para além da heterogeneidade já referida e da atualização e especialização do professor de Literatura e de Língua Portuguesa, temos igualmente o professor de Educação Visual e Plástica. Pensamos que a formação do professor disciplina de Educação Visual e Plástica, tal como o currículo da disciplina deveriam ser ambos sujeitos a reformas. Estas reformas implicariam dar relevâncias artísticas que, interdisciplinar e transdisciplinarmente, seriam um fator acessório para as metodologias das disciplinas artísticas, tal como é o caso da Literatura, na vertente das intermedialidades e das Interartes. Um exemplo desta abordagem poderia ser a criação e transformação de contos em Banda Desenhadas, de canções em representações em B.D. ou ainda de narrações com base em quadros ou esculturas como *mwana-pwo*⁵⁰. Neste sentido, sugerimos a necessidade de as escolas de arte cooperarem a nível de representações de modo a se evoluírem em todas as dimensões artísticas possíveis.

⁵⁰ Máscara de reconhecimento internacional de origem do leste de Angola.

4. Paradigmas, princípios (e métodos) da didática e da teoria literária no ensino da Literatura

Para o alcance da aprendizagem da parte dos alunos e da aplicação didática, para além dos métodos interartístico, de intermedialidade, histórico, historiográfico e estético hermenêutico, vão ser necessários também os métodos:

Indutivo: o método que privilegia os conhecimentos anteriores, ou seja, parte do conhecido para o desconhecido. Uma tendência no ensino e na investigação que tem a sua utilidade, tal como defenderam empiricamente Hume, Lock entre outros, por ser um método que privilegia a experiência. Ou seja, induzir é chegar à conclusão a partir de dados particulares.

Dedutivo: proposto por Descartes, Spinoza, etc., contrariamente ao indutivo, o dedutivo parte do geral ao particular. Parte-se de um conhecimento generalizado, por exemplo, de que “todo o homem é mortal”, logo há o alcance dedutivo de que o “Paulo é mortal”, ou seja, parte de conclusões “formais e lógica” para análise dos particulares.

Elaboração conjunta: privilegia uma aprendizagem com a interação ativa do professor e o aluno para a concretização da aprendizagem. A elaboração conjunta desenvolve capacidades e habilidades para a cooperação, precisão e responsabilidade. Promove a aprendizagem de determinadas maneiras comportamentais e o diálogo entre o professor e o aluno. (LIBÂNIO, 1994)

Trabalho independente – consiste em dar autonomia ao aluno nas suas aprendizagens. É um método centrado no aluno em que o professor participa de forma indireta. (LIBÂNIO, 1994). São, portanto, com esses métodos que se vai desenvolver o plano de aula-modelo para o contexto angolano.

A par dos métodos, avançamos com a referência aos diferentes paradigmas do ensino da Literatura. Cristina Mello (1999), ao analisar a problemática do ensino da Literatura, enumera os paradigmas que orientam os processos ensino-aprendizagem.

Mello refere que são vários os métodos que norteiam o ensino e a aprendizagem da literatura, o mais antigo talvez, o método histórico, é marcado e influenciado pelo exercício literário que caracteriza o romantismo e pelo carácter também do historicismo que envolve aquele período literário. No entanto, é importa salientar que o ensino da

Literatura obedece a paradigmas estruturalistas, para tal, Eduardo Prado Coelho, no seu *Paradigmas no Estudos Literários*, (apud MELLO, 1999) , considera 3 paradigmas:

1. Paradigma filosófico – com vertente historicista e formalista. Abrange o método histórico, de abordagem da literatura de origem positivista do século XIX. Neste mesmo paradigma, também de cariz formalista preconizado pelo Círculo Linguístico de Praga e pela fenomenologia, facilitando a compreensão da literariedade.
2. O paradigma comunicacional – privilegia o processo de comunicação literária, a crítica de identificação, a estética da recepção, a pragmática do texto e da comunicação;
3. Paradigma metapsicológico – compreende a vertente psicanalítica e metafísica, conseqüentemente: crítica da consciência, crítica da imaginação, crítica psicanalítica.

Já Victor M. Aguiar e Silva, citado por Cristina Mello, diz que “as transformações que nos últimos anos têm ocorrido na Teoria da Literatura faz-lhe “considerar” a existência de dois paradigmas fundamentais:

- paradigma formalista-estruturalista;
- semiótico-comunicacional. (MELLO, 1999)

Para o ensino da Literatura, em Angola, é de relevância primordial o paradigma comunicacional por propiciar espaço para problematizar “a importância do receptor em relação aos “processos de interação textual”, sem desprimor de outros paradigmas, cuja importância é igualmente elevada.

Estes paradigmas sugeridos pelos dois autores mostram que a teorização sobre o ensino da Literatura têm sido feitas nas últimas décadas, logo, estes subsídios teóricos merecem a devida relevância nos estudos referentes à Literatura. Estas sugestões de paradigmas não impõem uma ortodoxia, pois, sabemos que o ensino da Literatura, tal como qualquer outra ciência, privilegia, de vez em quando, a confluência de métodos e modelos teóricos, dependendo da “perspectiva às quais a comunidade científica recorre, tendo em conta o contexto, a crítica e o ensino praticado ou praticável, portanto, a concepção relativista” (MELLO, 1999). Sendo assim, para Angola, o ensino deve ser sempre pensado para alcançar a heterogeneidade do espaço académico, para conservar

a comunicação dialógica entre o texto, o autor e o aluno, sem perder de vista que os “modelos teórico devem se ‘adaptar’ e se ‘recontextualizar’ sem ceticismo científico”⁵¹. Por outras palavras, devemos a isso acrescentar a ponderação de que as orientações teóricas devem levar em conta fatores didáticos, sem se esquecer de aspetos socioculturais que definem o perfil do leitor (aluno) e as circunstâncias pedagógicas de recontextualização e de domínios teóricos.

Queremos referir que dada a extensão do poema a ser analisado, propomos uma divisão em 7 partes, tal como sugere Catariana Isabel Silva Rodrigues⁵². As estratégias de leitura literária e não serão aplicadas de forma linear, mas sim de acordo com a conveniência do excerto a ser analisado do texto, ou seja, de acordo com a conveniência. Mais, o nível de exploração em cada parte vai precaver possíveis tautologias, fazendo, portanto, com que, em alguns excertos, possam ser menos explorados.

Para o alcance do objetivo da leitura literária, como já nos referimos anteriormente, Solé nos sugere as chamadas “estratégias do ensino da leitura”.

Estas estratégias, tal como a autora as define, são “*una habilidad, una destreza una técnica, un procedimiento.*” (SOLÉ, 2000) A autora chama a atenção para que estas estratégias não “*prescriben totalmente el curso de una acción*”. As estratégias são sim, “*sospechas inteligentes*” direcionando “*el camino más adecuado que hay se tomar*”. Estas estratégias também são caracterizadas por *autodirección y autocontrol*, ou seja, “*a supervisión y evolución*”, criando possibilidades de imprimir “*modificaciones cuando sea necesario*”. No entanto, tal como já fez referência a professora Cristina Mello (1999), também as estratégias não podem ser consideradas ortodoxas, ou seja, devem obedecer a critérios contextuais.

Estas estratégias de leitura exigem sempre uma planificação e controlo prévio e objetivos para cumprir. Sejam em “*microestrategias (para nosotros, habilidades, técnicas, destrezas...)*” ligadas a tarefas concretas, dando lugar, seguidamente, a *macroestrategias (nuestras estrategias)* que é “*el carácter de capacidades cognitivas más elevadas* e que, por consequência, leva a *metacognición*, isto é, *a capacidade de*

51 Idem.

52 In “A Renúncia Impossível de Agostinho Neto – um novo discurso poético, intertextualidade”, FLUC, 2013. vale referir que, em alguns excertos, não se vai fazer uma exploração exaustiva devido a possíveis tautologias.

conocer el propio conocimiento, de pensar sobre nuestra actuación, planificarla” (SOLÉ, 2000).

Tal como também já foi proposto, para a estratégia da leitura, para a compreensão do que se lê, são necessárias três condições que Solé cita, lembrando Palinesar e Brown:

1. *De la claridad y coherencia del contenido de los textos;*
2. *El conocimiento previo del lector, ou seja, a “significatividad psicológica”;*
3. *De las estrategias que el lector utiliza para intensificar la comprensión y el recuerdo de lo que lee*⁵³.

Estas estratégias revestem-se de importância porque facilitarão a *“la comprobacion, la revisión, y el control de los que se lee, y la toma de decisiones adecuadas en función de los objetivos que se persigan.”*⁵⁴ Pois que o objetivo das estratégias de aprendizagem da leitura literária não é dominar um amplo repertório das estratégias, mas usar as estratégias adequadas para a compreensão dos textos, isto é, as estratégias de leitura são ferramentas didáticas do professor para o desenvolvimento da leitura do aluno.

As estratégias de leitura são acompanhadas de perguntas, cujas respostas são necessárias para o leitor compreender o que se lê. Segundo a autora, são:

1. “Comprender los propósitos explícitos e implícitos de la lectura. Equivaldría a responder a las preguntas: ¿Qué tengo que leer? ¿Por qué/para qué tengo que leerlo?”
2. Activar y aportar a la lectura los conocimientos previos pertinentes para el contenido de que se trate. ¿qué sé yo acerca del contenido del texto? ¿qué sé acerca de contenidos afines que me pueden ser útiles? ¿Qué otras cosas sé que pueden ayudarme: acerca del autor, del género, del tipo de texto?”
3. Dirigir la atención a lo que resulta fundamental en detrimento de lo que puede parecer trivial (en función de los propósitos que uno persigue. ¿Cual es la información esencial que el texto proporciona y que es necesario para lograr mi objetivo?)

53 Idem, 58-59

54 Idem, 62

Por seu lado, Judi Moreillon (2007), no seu *Collaborative Strategies for Teaching Reading Comprehension*, sugere-nos outras estratégias de compreensão leitora, que, a semelhança de Solé, nos ajudam a explorar e a dissecar as várias nuances que os textos nos oferecem. No entanto, de Moreillon, queremos trazer e aproveitar, para este trabalho, as estratégias das imagens sensoriais e inferenciais. Desde já, passamos a enumerar as sugestões da autora que consistem em explorar o texto antes, durante e depois da leitura. Esta exploração consiste em o professor confirmar o nível de aprendizagem dos alunos e o conhecimento que o aluno traz sobre o conteúdo a aprender. Por outro lado, Moreillon acrescenta que as estratégias inferenciais e sensoriais feitas antes, durante e depois de lido o texto devem ser acompanhadas de conexões, ou seja, conexão texto-leitor, conexão texto-texto e conexão texto-mundo (MOREILLON, 2007). Estas conexões ajudam estabelecer a relação entre professor e o aluno durante a leitura e a ativar aquilo que Solé designou de conhecimento prévio e que servirão também de base para o método histórico sugerido por Cristina Mello. Por outro lado, são as estratégias que nos ajudam a concretizar os já referidos métodos indutivo e dedutivo.

Trazemos o excerto de um texto sobre o oceano onde Moreillon exemplifica a exploração sensorial e inferencial da seguinte forma.

Antes de ler:

[O professor deve fazer] Conexão ao conhecimento sensorial anterior[:]

Tocar música do oceano suavemente. Ler o título do livro. Pedir aos alunos que fechem os olhos e levem um minuto para imaginar as vistas, sons, gostos, texturas e cheiros do oceano. Quando abrirem os olhos, faça o brainstorming do maior número possível de imagens sensoriais do oceano. Os educadores podem começar o brainstorming e continuar contribuindo à medida que o brainstorming se desenvolve. As entradas devem ser gravadas com cores diferentes, uma para cada sentido: visão, audição, paladar, tato e cheiro.

Continuando, a autora sugere demonstrações a serem feitas durante a aula:

A educadora ou professor que escuta, compartilha suas imagens e conexões com os alunos. Exemplo: agora moro no deserto, mas cresci no Centro-Oeste, longe do oceano. Quando a autora [escreve] sobre como o oceano é um homem velho, uma metáfora, [torna] mais fácil imaginar o oceano nos meus olhos.⁵⁵

⁵⁵ Importa referir que há um texto literário base, inserido no *Collaborative Strategies for Teaching Reading Comprehension* em que Moreillon completa o sentido do texto e detalha o exercício.

Finalmente, no pós-leitura:

A educadora que escuta, compartilha suas imagens e conexões com os alunos. Exemplo: acho que o autor, que usa a voz da jovem na história para descrever o oceano dessa maneira, fez-me conectar às imagens sensoriais que me ajudaram a experimentar o oceano com mais força. Eu conseguia imaginar o oceano em minha mente porque podia relacioná-lo com coisas com as quais estou familiarizado, como um homem velho, um hálito salgado (...). Imaginar o oceano em minha mente tornou essa passagem ainda mais memorável para mim. Minha visualização incluía sons e cheiros, além de imagens visuais. A linguagem figurativa do autor fez o oceano ganhar vida para mim. Nessas passagens, as palavras do autor criaram um filme realmente bonito em minha mente.

Moreillon lembra-nos ainda que estes procedimentos didáticos ora mencionados são dirigidos por perguntas que servem para mensurar o nível de aprendizagem do aluno e para estabelecer a relação entre o texto-leitor-mundo durante a aula. Por outro lado, o professor deve dirigir a leitura fazendo perguntas que podem ser de antecipação, perguntas de inferência, perguntas de controlo e determinação das ideias principais.

Antecipação

Eu prevejo isso . . .
Meu palpite é isso. . .
Eu suspeito disso . . .
Eu acho que essa pista significa isso. . .
Eu sabia que isso iria acontecer a seguir porque...

Inferência
permite que os leitores contruam seus próprios significados baseados em pistas limitadas no texto, requer mais sofisticação do que a previsão.
Inferir significado no nível da palavra requer uma quantidade mínima de experiência no idioma.

Eu concluo isso . . .
Que pistas o autor ou ilustrador deu aos leitores?
O que vejo na minha mente que não está na página?
Por que isso aconteceu? O que vai acontecer seguir?
O que acontecerá depois? Eu estava correto?
Faz sentido?
O que o autor estava a tentar dizer nesta história?
O que o ilustrador estava a tentar mostrar?

Perguntas de controlo/direcionamento da leitura	Eu me pergunto . . .
	Quem . . . ?
	O que . . . ?
	Onde . . . ?
	Quando . . . ?
	Por quê . . . ?
	Por quê . . . ?
	O que isso significa?
	O que isso faz você pensar por conta própria experiência de vida, em outro texto ou no mundo?
	Essa pergunta faz você pensar em outra questão? ⁵⁶

Vale, portanto, para além dos paradigmas do ensino da Literatura, lembrar os princípios gerativos e estratégicos em educação, nesse caso (da educação literária), propostos por Edgar Morin, Emilio-Roger Ciurana e Raúl Domingo Motta (2003), no seu *Educar na Era Planetária*:

Princípio sistémico ou organizacional;	Princípio da autonomia/dependência;
Princípio hologramático;	Princípio do diálogo;
Princípio de retroatividade;	Princípio de reintrodução do sujeito
Princípio de recursividade;	cognoscente em todo conhecimento.

Não podemos ainda nos esquecer que os alunos (potenciais leitores)/sujeitos cognoscentes criam e experimentam, no exercício da aprendizagem da literatura, a teoria sobre a percepção e receção da obra literária. De lembrar que a teoria de receção contraria a limitação do formalismo que vê no leitor “um sujeito limitado à percepção”, cuja afirmação é um contraponto do valor que *Rezeptionästhetik* ou *reader-response criticism* (Alemanha vs EUA) defendiam a experiência de Norman H. Holland “*5 Readers Reading*” (1975) ou mais tarde ao que se veio chamar Tema e Identidade “Identity-Theme” do leitor que constitui o sentido do texto.

A teorização do espaço do leitor na obra, para além de criar um sentido para uma perspectiva de desconstrução, coloca também em falência a visão soberana do autor e eleva a importância das referências literárias do leitor como elemento de

⁵⁶ Segundo Moreillon, nas suas demonstrações, em *Collaborative Strategies for Teaching Reading Comprehension*, as questões não obedecem a um padrão, ou seja, as perguntas de inferência, por exemplo, podem ser feitas na pré-leitura ou durante a leitura, de acordo com a conveniência do texto ou da aula.

autoridade dos sentidos a atribuir ao texto, tendo em conta as culturas anteriores. Logo, no contexto de ensino da Literatura, a teorização dá vantagem aos potenciais leitores, fornecendo-lhes, assim, a partir da leitura, instrumentos “que os ajudem a criar um discurso autónomo, crítico, que explorem na obra vertentes hermenêuticas que se enquadrem ou que mais tarde possam vir a se enquadrar nelas. Como refere Carlos Ceia, “o texto deixa de ser intangível, para ser compreendido como meio para estabelecer uma espécie de contrato de concordância entre o leitor e o autor.”

Ainda sobre a importância do leitor/aluno, importa referir que, para o ensino da Literatura, dentro do *reader-response criticism*, e diante do pensamento que “A Literatura é o produto de um modo fixo de ler”, esta dissertação, portanto, não subscreve o referido pensamento, visto que, no ensino da Literatura, a análise varia, não só como acima nos referimos, devido à cultura do leitor, mas também pelas possíveis reinterpretações que se dão aos textos ao longo do tempo. Lembrando Fish, Carlos Ceia diz:

Os sentidos não são propriedades nem de textos fixos e estáveis, nem de leitores livres e independentes, mas de comunidades interpretativas que são responsáveis tanto da [pela] configuração das actividades como pelos textos que esses textos produzem.⁵⁷

René Wellek e Austin Warren, por sua vez, lembram-nos daquilo que Aristóteles já referiu sobre as artes, ou seja, que a arte é imitação, os dois autores lhe chamam “Criação Social” da Natureza e do mundo interior ou subjetivo do indivíduo objeto de imitação. Assim, entendemos nestes dois autores a sua ideia de que “para uma obra ser compreendida, nenhuma obra de arte pode ser inteiramente única, porque seria completamente incompreensível”(Wellek e Warren, 1949). Com isto, entendemos que a imitação, dentro da sua abrangência de significado, é crucial para o entendimento de uma obra de arte, seja entre o social e a obra de arte, ou de uma obra de arte para outra obra de arte.

⁵⁷ Carlos Ceia Dicionário de Termos Literários online.

PROPOSTA DE UM PLANO DE UNIDADE DIDÁTICA

Enumerados os paradigmas, os princípios e os métodos do ensino da Literatura, passamos ao plano tipo de uma aula de Literatura para o contexto angolano

PRELIMINARES:

12^a. Classe

Duração: 45min (x4 aulas)

Unidade: Texto Lírico

Métodos: socrático, hermenêutico,
indutivo-dedutivo, inferencial,
elaboração conjunta, trabalho
independente, histórico, interartístico,

Geral:

- dar a conhecer ao aluno a importância de *Renúncia Impossível* nas Literaturas de Expressão Portuguesa e na História, de modo geral;

Objetivos

Específicos:

- compreender a relação colonizador vs colonizado em contexto colonial;
-compreender as marcas do *modernismo* angolano;
-enunciar os sentimentos do negro;
-enumerar as atividades sociais desempenhadas pelos brancos;
-relacionar o modernismo angolano e as ideias filosóficas determinantes para a escrita de Agostinho Neto;
-articular elementos interartísticos que ajudem a alcançar os objetivos de ensino;
-identificar os elementos de intertextualidade;
-sublinhar os elementos que demarquem as manifestações culturais indígenas;
-relacionar o texto com as identidades pessoal, social e global do aluno.

Sendo assim, na base dos princípios, métodos, paradogmas e das estratégias de Isabel Solé e Judi Moreillon propomos o seguinte plano-tipo para o contexto angolano:

ATIVAR O CONHECIMENTO PRÉVIO (antes da leitura de *Renúncia Impossível*)

Ler o contexto histórico em casa, a partir dos livros de História, privilegiando o método histórico e promovendo a interdisciplinaridade e ainda, antes de ler o 1º excerto, atentar às seguintes questões:

1. A partir do título do texto, de que esperas que o texto trate? (antecipações)
 - a) Nunca desistir;
 - b) Nunca abdicar das coisas mais importantes;
 - c) Resistência.

A partir da imagem, o professor ativa as imagens sensoriais e usa o método de intermedialidade:



58

1. O que sentes diante desta imagem?
2. Faça a caracterização da imagem (tomando notas para, no fim da aula, os alunos poderem **correlacionar o poema e imagem (TEXTO-IMAGEM)**):
 - a) Raiva;
 - b) Revolta;
 - c) Negros;
 - d) Reivindicação;

NB: não antecipar as possibilidades. Aguardar que os alunos respondam.

Não perder de vista os detalhes das indumentárias;

- 2.1. Conheces alguém que tenha passado por essa situação? (**Texto-Leitor**, fazer anotações)

(explorar as respostas dos alunos, de modo a se encaixarem nas respostas esperadas. O professor deve tomar proveito das respostas dos alunos e registrar a participação dos alunos à aula, partindo do conceito de que não existem respostas erradas, vindas dos alunos)

Obtidas as respostas, ler o **1.º excerto**:

58 <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/o-nascimento-de-uma-nacao-critica>
“The Birth Of A Nation”

(tendo em conta a realidade plurilingue dos alunos, propor-se-á que a leitura seja feita por eles em voz alta, ou seja, desenvolvimento da oralidade, literacia)

I - Negação

Não creio em mim

Não existo

Não quero, eu não quero ser.

Quero destruir-me:

- Atirar-me de pontes elevadas

e deixar-me despedaçar

sobre as pedras duras das calçadas.

Pulverizar o meu ser

desaparecer

não deixar sequer traço de passagem

pelo mundo.

Quero matar-me

e deixar que o não-eu

se aposses de mim.

1. Quais são as sensações e o estado psicológico que o sujeito poético manifesta no primeiro excerto? (Usar imagens sensoriais)
 - a) Raiva; b) revolta; c) autodestruição; d) Frustração; e) dececionado; e) depressão; e) impróprio à sua vida; f) desespero g) Altura (sensação: elevar)
2. Qual é a palavra que mais se repete no excerto?
 - 2.1. Que sensações te ressaltam as palavras “Não” e “Negro”? (explorar a expressividade da aliteração, suscitar a hipótese intencional de o autor usar as duas com sentido expressivo. Haverá alguma relação semântica, *Não* e *Não-ser* (Negro)).

Inferências (e de estabelecimento da leitura com os alunos): Porquê o sujeito poético insiste em suicidar-se? Isso faz sentido?

Antecipação: qual é o teu suicídio?

- a) A morte e a mudança do curso da História, resultando num ato heroico;
- b) A mudança do curso da História sem necessária morte;
- c) Indiferença.

2º EXCERTO

Mais do que um **simples suicídio**

quero que esta minha morte

seja uma verdadeira novidade histórica

um desaparecimento total

até mesmo nos cérebros

daqueles que me odeiam

até mesmo no tempo

e se processe a História

e o mundo continue

como se eu nunca tivesse existido

como se nenhuma obra tivesse produzido

como se nada tivesse influenciado na vida
como se em vez de valor negativo
eu fosse Zero.

**Quero ascender, subir
elevar-me até atingir o Zero
e desaparecer.**

Deixai-me desaparecer!

Mas antes vou gritar
com toda a força dos meus pulmões
para que o mundo oiça:

- Fui eu quem renunciou à Vida!
Podeis a continuar a ocupar o meu lugar
vós os que mo roubastes

Aí tendes o mundo todo para vós
para mim nada quero
nem riqueza nem pobreza
nem alegria nem tristeza
nem vida nem morte
nada. (ironia à realidade)

Não sou. Não existo. Nunca fui.
Renuncio-me
Atingi o Zero

1. Por que o suicídio do sujeito poético terá de ser uma novidade histórica?
2. Conheces algum relato sobre suicídio? (relação leitor-texto)
3. Que imagens sensoriais sugerem os versos: “Quero ascender, subir/elevar-me até atingir o Zero”, “Mas vou gritar/com toda a força dos meus pulmões/para que o mundo oiça”?

3.1.(inferência) o que achas que aconteceu a seguir?

Ajudar o aluno a perceber o movimento de ascensão e a entender a expressividade dessa ascensão como uma proximidade à deificação do eu-poético, no entanto, em oposição à imagem do sujeito poético ao dizer “atingi o Zero”. Se a imagem da ascensão significar morte e morte *versus* libertação na perspetiva cristã, percebemos que o sujeito poético usa a expressividade para a sua experiência social que é oposta à lógica, inclusive metafísica.

Explorar a imagem sonora na estrofe a seguir.

4. “Podeis continuar a ocupar o meu lugar/ vós os que mo roubastes” (perguntas abertas e fechadas)
 - a) A quem se dirige o sujeito poético?
 - b) Quem achas que o terá roubado? (Relacionar o roubo com o sentido de Nada/Zero, o niilismo existencial expresso pelo sujeito poético. Dependendo da classe em questão, inserir aqui os textos de Sartre, Camus

(existencialismo/humanismo), explorando os métodos histórico, historiográfico, indutivo-dedutivo e o estético.

5. a) Como entender a vontade do sujeito poético quando afirma “Aí tendes todo o mundo só para vós/para mim, nada quero/...nem vida nem morte.
b) Como determinar esse desejo do eu-poético? Qual é a dimensão espacial do poeta (inferir e realçar a expressividade irónica aí existente)

(Fazer referência à ironia, a repetição e a interrogação como recursos estilísticos repetidas vezes, para denunciar situações decorrentes em seu contexto e aclamar a um exercício hermenêutico e de autojulgamento do ente protagonista do mal.

6. Relacione o sentido das repetições e a oralidade nas culturas africanas (angolana, ato memorização).

3º EXCERTO

E agora,

Vivei, cantai, chorai

casai-vos, matai-vos, embriagai-vos

dai esmolas aos pobres.

(uma referência a solidariedade católica ou apenas um sentido social ou humano cristão?)

Nada me pode interessar

que eu não sou

Atingi o Zero!

Não contem comigo

para vos servir às refeições

nem para cavar os diamantes

que vossas mulheres irão ostentar em salões

nem para cuidar das vossas plantações

de café e algodão

não contem com amas

para amamentar os vossos filhos sífilíticos

não contem com operários

de segunda categoria

para fazer o trabalho de que vos orgulhais

nem com soldados inconscientes

para gritar com o estômago vazio

vivas ao nosso trabalho de civilização

nem com lacaios

para vos tirarem os sapatos

de madrugada

quando regressardes de orgias nocturnas

nem com pretos medrosos

para vos oferecer vacas

e vender molho a tostão

nem com corpos de mulheres

para vos alimentar de prazeres

nos ócios da vossa abundância imoral.

Não contem comigo

Renuncio-me.

Eu atingi o Zero

Não existo. Nunca existi.
Não quero vida nem morte
Nada!

(Antes de ler o excerto)

1. Quem são o sujeito poético e o sujeito a quem se dirige? (Se puderem, devem ler a história de Angola colonial ou convidar um professor de História, para dar uma aula suplementar a de Literatura ou encontrar fragmento sobre a matéria ou distribuir excertos sobre diferentes momentos e pedir um trabalho de grupo sobre os factos mais relevantes. Apresentar num powerpoint com um número de diapositivos.
2. Que ocupação/funções sociais achas que desempenhavam o sujeito e o destinatário? (relacionar com o poema “Monamgambe” de António Jacinto, podendo ser o poema cantado por Rui Mingas)
 - a) Tendo em conta as denúncias expressas pelo sujeito poético, em que estado físico achas que ele se encontra? Faz um retrato físico, esse retrato pode ser feito por alunos da escola de arte em conjunto com os alunos em causa, ou seja, criar um quadro que possa ser usado, posteriormente, como um texto descritivo, explorando assim a expressão motora e artística dos próprios alunos.
 - b) Consegues tirar referências que situem o texto na História (a questão da localização do texto no tempo e no espaço) e de quem se trata? (Texto-mundo)
 - c) Que pistas encontras nesse excerto que justifiquem o desejo de suicídio do sujeito poético?

4º EXCERTO

Podeis agora queimar
os letreiros medrosos

que às portas dos bares, hotéis e recintos públicos
racial

gritam o vosso egoísmo

nas frases: “SÓ PARA BRANCOS” ou “ONLY TO COLOURED MEN”

Negros aqui. Brancos acolá.

} discriminação

} segregação

Podeis acabar

com os miseráveis bairros de negros

que vos atrapalham a vaidade

Vivei satisfeitos sem “colour lines”

sem terdes que dizer aos fregueses negros

que os hotéis estão abarrotados

que não há mais mesas nos restaurantes.

Banhai-vos descansados

nas vossas praias e piscinas

que nunca houve negros no mundo

que sujassem as águas

ou os vossos nojentos preconceitos

com a sua escura presença.

Podeis transformar em toureiros
ou em magarefes
os membros da Ku-klux-klan
para que matem a sua fome sanguinária
nas feridas dos touros que descem à arena.
Não há negros para linchar!

grupos de supremacia racial

Barbaridades sujeitas ao homem negro.

Porque hesitais agora!
Ao menos tendes oportunidade
para proclamardes democracias
com sinceridade

Podeis inventar uma nova História.
Inclusivamente podeis atribuir-vos a criação do mundo.
Tudo foi feito por vós
Ah!
que satisfação eu sinto
por ver-vos alegres no vosso orgulho
e loucos na vossa mania de superioridade.

1. Conheces alguém que tenha passado pelo que expressa o sujeito poético nesse excerto? (relação leitor-texto)
2. Que sensações te sugerem o comportamento segregacionista?
Violência, intolerância, desumanidade, falta de amor ao próximo, subalternização de povos
3. Que outras barbáries o sujeito enuncia e que povo era sujeito?
Violência física: objetificação total do corpo negro; psicológica: redução do homem negro à animalidade; subtração e epistemicídio da cultura negra.

(Antecipação) Prevejo que a vontade em se suicidar é motivada pela desumanidade.

5º EXCERTO

Nunca houve negros!
A África foi construída só por vós
A América foi colonizada só por vós
A Europa não conhece civilizações africanas
Nunca um negros beijou uma branca
nem um negro foi linchado
nunca mataram pretos a golpes de cavalo-marinho
para lhes possuírem as mulheres
nunca extorquiram propriedades a pretos
não tendes, nunca tivestes filhos com sangue negro
ó racistas de desbragada lubricidade
Fartai-vos agora dentro da moral.

Que satisfação eu sinto
por não terdes que falsear os padrões morais
para salvaguardar
o prestígio, a superioridade e o estômago
dos vossos filhos.

Ah!

O meu suicídio é uma novidade histórica
é um sádico prazer
de ver-vos bem instalados no vosso mundo
sem necessidade de jogos falsos.

Eu elevado até o Zero
eu transformado no Nada-histórico
Eu no início dos Tempos
eu-Nada a confundir-me com vós-Tudo
sou o verdadeiro Cristo da Humanidade!

PROCURAR EM “O SER E O NADA”
PARECENÇAS LEXICAIS

Não há nas ruas de Luanda
Negros descalços e sujos
a pôr nódoas nas vossas falsidades de colonização
em Lourenço Marques
em **Nova York**, em **Leopoldville**
em **Cape-Town**
gritam pelas ruas
a foguetear alegria nos ares:
-Não há negros nas ruas!
Nunca houve.
Não há negros preguiçosos
a deixar os campos por cultivar
e renitentes à escravização
já não há negros para roubar.
Toda a riqueza representa agora o suor do rosto
e o suor do rosto é a poesia da vida.

Não existe música negra
Nunca houve batuques nas florestas do Congo
Quem falou em spirituals?

Vá de encher os salões
de Debussy Struss Korsakoff.
Já não há selvagens na terra.
Viva a civilização dos homens superiores
sem manchas negróides
a perturbar-lhe a estética!

} alternância vocálica

Nunca houve descobrimentos
a África foi criada com o mundo.
O que é a colonização?
O que são massacres de negros?
O que são os esbulhos de propriedade?
Coisas que ninguém conhece.

} » **sujeição ao conceito europeu.**

} Perguntas retóricas/figurativas

A história está errada
Nunca houve escravatura
nunca houve domínio de minorias
orgulhosas da sua força

Acabai com as cruzadas religiosas
A fé está espalhada por todo mundo

} ler sobre o papel das cruzadas na história

sobre a terra só há cristãos
vós sois todos cristãos.
Não há infiéis por converter
Escusai de imaginar mais infidelidades religiosas
para justificar
Repugnantes actos de barbarismo.

Não necessitais enviar mais missionários
a África
nem aos bairros de negros
Nunca houve feitiços
nem concepções religiosas diferentes
nunca houve religiosos a auxiliar a ocupação militar.

1. Como descreves os colonizados e colonizadores nos espaços sociais? Como andavam nas ruas? Quais eram os seus direitos? (antes da leitura do excerto, ler excertos sobre o direito/estatuto do indigenato, dos contratados e negros no momento colonial).
2. (depois de lido o excerto) Que te faz lembrar este excerto?
3. O que te parece negar o sujeito poético com os versos: “Nunca houve descobrimento/a África foi criada com o mundo”.
4. Tente indagar quais as questões que o sujeito poético levanta no excerto, em cor azul?
5. Invertendo os sentidos negativos dos versos sublinhados, que te parece que o sujeito poético quer denunciar ao mundo? (Nessa questão, explorar o número de respostas possíveis de modo a ser várias opiniões dos alunos, dada a sensibilidade histórica do tema e as hermenêuticas que se lhes extrai)
6. Porquê será que o sujeito poético assume-se “sou (negro) o verdadeiro Cristo da Humanidade!”
7. Inferência: Qual será o tratamento dado às manifestações culturais africanas?
8. Que relevância histórica terão as cidades e nomes aí mencionados?

Estou a fazer conexões durante a leitura (aluno e professor)?

6º EXCERTO

Acabai com os missionários

Os seus sofismas

Os seus milagres inventados para justificar ambições e vaidades

Possuis tudo, tudo

e vós sois todos irmãos.

Podeis continuar com os vossos sistemas

socialistas ou capitalistas

que isso não me interessa.

Explorai o proletariado

ou dai-lhe de comer

isso é convosco.

Continuai com os vossos sistemas políticos

ditaduras democracias.

Matai-vos uns aos outros

lutai pela glória

lutai pelo poder
criai minorias fortes
que protejam os seus comp...
apadrinhai os afilhados dos vossos amigos
criai mais castas
aristocracias, plutocracias
aburguesai as ideias
e tudo sem a complicação
de verdes intrusos
imiscuir-se na vossa querida
e defendida civilização
dos homens privilegiados.

Homens irmãos

dai-vos as mãos

gritai a vossa alegria de serdes sós

SÓS!

únicos habitantes da Terra.

Eu atingi o Zero!
Isto s implica extraordinariamente
a vossa ética.
Ao menos não percais agora
a ocasião de serdes honestos.
Se houver terremotos
Calamidades, cheias ou epidemias
ou terras a defender da invasão das águas
ou motores parados nas lamas a de selvas africanas
raios partam!
já não tereis de chamar-me
para acudir ás vossas desgraças
para reparar os vossos desastres
ou para carregar com a culpa das vossas incúrias.
Ide para o diabo!

1. Qual pensas ter sido o papel dos missionários na colonização em Angola?
(antes da leitura)
 - 1.1. Como relacionas o papel dos missionários na colonização e algumas manifestações religiosas atualmente?
 - 1.2. Que relação possível fazes entre a teoria filosófica dos sofistas e a religião, na perspetiva do sujeito poético?
2. Porque acredita serem os Homens-irmãos os “*únicos habitantes da terra*”?

7º EXCERTO

Eu não existo

Palavra de honra que nunca existi.

Atingi o Zero

o Nada.

Abençoada a Hora
do meu super-suicídio
para vós

**homens que construíis sistemas morais
para enquadrar imoralidades**

O sol brilha só para vós
a lua reflecte luz só para vós
nunca houve esclavagistas

} Gradação do niilismo

} Ausência de luz» mito da caverna? Quem não vê a luz?

nem massacres
Nem ocupações da África.
Como até a história
se transforma num Tratado Moral
sem necessidade de arranjos apressados!
Não existem os pretos dos cais e do caminho de
ferro.

**Nos locais de trabalho nunca se ouviram cantos
dolentes**

só há chiadeira dos guindastes.
Nunca pisaram os caminhos do mato
carregados com quilos às costas
são os motores que se queimam sob as cargas
Ó pretos submissos humildes ou tímidos

Sem lugar nas cidades

ou nos escaninhos da honestidade } como se mensura dimensão moral do negro de acordo
ou nos recantos da força } com essa ironia?
com a alma poisada no sinal menos,
polígamos declarados
dançarinos de batuques sensuais
sabei que subistes todos de valor
Atingistes o Zero
sois Nada
e salvastes o Homem.

Acabou-se o ódio de raças
e o trabalho de civilização
e a náusea de ver meninos negros
sentados na escola
ao lado dos meninos de olhos azuis
e as extorsões e compulsões
e as palmatoadas e torturas
para obrigar inocentes a confessar crimes
e os medos de revolta
e as complicadas demarches políticas
para iludir as almas simples.
Acabaram-se as complicações sociais!
Atingi o zero
Cheguei à hora do início do mundo
E resolvi não existir.
Cheguei ao Zero-Espaço
ao nada-tempo
ao Eu coincidente com vós-Tudo.

E o que é mais importante
Salvei o mundo.

1. Lido o último dístico, como relacionas o sujeito poético e a expressão “sou o verdadeiro Cristo?” (Texto-Mundo)
2. Qual pensas ser a mensagem do sujeito poético?
3. Como relacionas a imagem observada e a mensagem do texto? (relação interartes)
4. Este texto ajudou-te a atingir/alcançar a intenção do autor? (extrair as ideias principais)

5. Há alguma coisa hoje com a qual se devia relacionar com o texto?

Determinar as ideias principais:

Quais são as motivações ideológicas no texto?

A partir do texto, o professor deve levar os alunos a identificar as expressões que demonstrem, por exemplo, o existencialismo/nihilismo. Sendo um dos temas mais explorado no século XX, é importante o acompanhamento da crise existencial gerada pela humanidade como a coisificação do negro e os instrumentos que apoiam manifestações neocoloniais como algumas atitudes capitalistas atualmente. A exemplo dessa coisificação, da crise existencialista que demanda do poema de Neto, é o nihilismo que Albert Camus aborda, na sua teoria sobre o Absurdo em que o homem vê no suicídio a solução dos seus problemas. Pode, igualmente, a partir da relação do poema com a Negritude, trazer o conceito de Negritude e, também, excertos do ““A renúncia impossível” de Agostinho Neto: um discurso poético, interartístico e o alcance pedagógico”, em que Catarina Isabel Silva Rodrigues trabalha a intertextualização de Renúncia Impossível e “Cahier d'un retour au pays natal” de Aimé Césaire.

A grelha a seguir será considerada como um modelo temático (tal como o modelo de perguntas diretivas acima expostos, que ajudarão o professor a dar uma aula de Literatura), sem fechar outras possibilidades ideológicas. Aconselha-se que cada exploração ideológica seja uma aula específica, tendo em conta o nível cognitivo dos alunos e também para melhor exploração e absorção da ideologia em questão, evitando a possível densidade do conhecimento a transmitir.

AUTOR/IDEOLOGIA	VERSOS
A.Camus:	Atingi o Zero
Nihilismo/absurdismo	Simples suicídio
	Quero destruir-me
	Deixar-me despedaçar
	Quero matar-me

1. Qual é a palavra que mais se repete no poema de Agostinho Neto?

Antônio Agostinho Neto e Albert Camus:

A expressão “Não”, de cujo valor pode resultar o sentido de revolta, é também explorado por Camus (2011) no seu livro “*O Homem Revoltado*”. O Homem revoltado, diz o autor, é o escravo/colonizado que diz “não”. É aquele que obedeceu durante toda a vida, e, julga-se subitamente inaceitável a condição de vassalagem. Este “não” significa que “as coisas já duraram demais”, que “até aqui, sim, mas a partir daqui, não...há um limite que você não vai ultrapassar”, esse *não* afirma a existência de uma fronteira (CAMUS, 2011). Há um sentimento de revolta de que o *outro* exagera”, por isso, o escravo/colonizado diz “sim e não”. Nessas repetições da negação, podemos também concluir, por meio de Camus, que quando o escravo/colonizado “rejeita (NEGA), faz uma dupla rejeição (NEGAÇÃO): a ordem humilhante do seu *superior* e rejeita (NEGA) ao mesmo tempo a sua condição de escravo/colonizado”. O *não* do sujeito poético ultrapassa os limites da recusa, agora EXIGE (imperativo recorrente no 6º excerto), “Agora, acabai, explorai, continuai, lutai, criai, aburguesai, dai-vos, gritai”. Esta *exigência* é expressa exaustivamente ao longo do poema é o que Camus chama de o “Tudo ou Nada”, que, “em última instância, [faria aceitar] a derradeira derrota, que é a morte, vista como alternativa à libertação do sujeito negro, ou seja, o suicídio a que se dispõe ironicamente. Portanto, o sujeito poético, no poema de Neto, dá vida *O Homem Revoltado* de Camus.

Renúncia Impossível e Achile Mbembe

Na sua obra *Crítica da Razão Negra* (2014), Achile Mbembe ajuda a teorizar sobre o corpo negro e sobre o estado psicológico do negro. Tal análise nos sugere linhas de exploração à *Renúncia Impossível*, isto é, os estados físicos e psicológicos do sujeito negro denunciados por Agostinho Neto. Para ajudar o professor a teorizar e sustentar alguns pensamentos de Neto explorados por Mbembe, temos:

Renúncia Impossível

“deixar que o não-eu se aposses de mim”
“não existo”...“quero destruir-me”
...
“Eu não existo
Palavra de honra que /nunca existi.

A. Mbembe *Crítica da Razão Negra*

O Negro só existe na relação de submissão, i.e., Senhor e negro
O negro manifestando um estado de psicológico de “violência fantasmal”, comparado a um “sujeito esquizofrênico”.

Atingi o Zero/o Nada.
Abençoada a Hora/do meu super-
suicídio/para vós”
“minutos de loucura”(Afirmção)
Etc.
“nem um negro foi linchado/nunca
mataram pretos a golpes de cavalo
marinho”
“palmatoadas e torturas/para obrigar
inocentes a confessarem crimes”
“nem com corpos de mulher/para vos
alimentar de prazeres”
Etc

Coisificação do corpo

“Vive uma íntima relação que sempre
associou o nome ‘Negro’ à morte, ao
assassínio e ao desaparecimento”

Renúncia Impossível

Gayatri Spivak “Pode o Subalterno
falar”(2010)

A partir da teoria de Spivak
“subalternização”, o professor aproveita
o poema para explorar as evidências da
tal teoria no poema de Agostinho Neto.

O poema é como um todo ideológico
referente ao pensamento de Spivak,
portanto, atentemos:

A vivência e convivência colonial foi um
contínuo exercício para manter a
ideologia que, como refere Spivak
“alguns críticos mais radicais produzidas
pelo Ocidente hoje são o resultado de um
interesse em **manter** o sujeito do
Ocidente ou o Ocidente como sujeito.
É a teoria do Sujeito-efeito. Abalo à
soberania subjectiva VS sujeito oculto.

Renúncia Impossível

O poema em si

Jean-Paul Sartre

“Entender o escritor como um intelectual
militante, detentor de uma palavra – que
é a palavra literatura – capaz de traduzir
fielmente, representar situações sociais
que importa denunciar ‘a função do
escritor é proceder de modo que
ninguém possa ignorar o mundo, nem

alhear-se dele”⁵⁹. (C. Reis, 2001, pp. 43)

As expressões expostas do “eu diante do seu senhor”.

Marcas lexicais (palavras em justaposição) que, simultaneamente, caracterizam o *Ser e o Nada*: não-eu, Nada-Histórico, nada-tempo, Zero-espaço, expressões determinantes para a filosofia existencialista de Sartre na sua relação entre o *Possuído e o Possuidor*.

Secções 283-291 e 714-722.

Resolver dificuldades de compreensão

Descobrir palavras desconhecidas;

Escrever sobre as partes confusas;

Analisar as estruturas frásicas;

Trabalho Para Casa:

1. Tomar nota das características estróficas do poema.
2. Fazer a escanção versos:
Não creio em mim
Não existo
Não quero, eu não quero ser.

O objetivo da tarefa é fazer o levantamento das características estruturais do poema que nos invoquem o modernismo português, principalmente, a valorização existencial e a estrutura dos versos livres.

Proposto o plano-tipo e diante de *Renúncia Impossível*, é necessário ensinar os alunos que nem sempre um artefacto (entendamos texto) é uma obra de arte, pois, a função de um artefacto como obra de arte é, antes de mais, puramente estética. Quando um aluno lê ou interpreta uma obra de arte, mostra-se também capaz de “interrogar, formular juízos de valor, de opinar e de decidir em consciência.” (SOLÉ, 2000), é este também o resultado esperado com a aplicação destes métodos e recursos ora sugeridos.

⁵⁹ C. Reis citando Jean-Paul Sartre

Tal como em outros domínios científicos, há questões relativas às disciplinas a que devemos dar respostas. Assim, para uma educação literária, Fernando Azevedo e Ângela Balça, professores da Universidade do Minho, preocupados com a leitura e educação literária, lembram-nos das questões de Compagnon:

- Que valores pode a literatura criar e transmitir ao mundo actual?
- Que lugar deve ser o seu no espaço público?
- Para quê a literatura?
- Qual é a sua pertinência para a vida?
- Por que razão defender o seu lugar na escola?

Analisadas essas questões, poderemos estar continuamente despertos para a relevância da educação literária e artística no ambiente académico. É irrefutável, portanto, o lugar da literatura no mundo atual. O valor mimético, defendido por Aristóteles, mostra que a literatura nos permite criar e representar as visões do mundo, a partilhar de valores e conhecimentos que nos auxiliam a pensar o mundo. A literatura familiariza os leitores com o mundo, acresce em nós uma visão de mundo mais plural em relação às experiências humanas. Através da já referida *mimesis*, o leitor deleita-se e, simultaneamente, se instrui. É a partir dessas vias que alcançará a autonomia para interrogar, contestar ou subordinar-se a um poder. Ou seja, a literatura permite-nos criar um mundo de ligações entre o espaço “empírico e histórico-factual em que se encontram os leitores/intérpretes.”⁶⁰

Desse modo, o leitor (aluno) vai se sentir resultado de um mundo literário, ou seja, vai se sentir dotado “de um conhecimento relevante acerca dos textos, autores, géneros, bem como convenções, temas e estilemas literários, de modo que se possa sentir membro ativo e participante de uma mesma comunidade”⁶¹. Fernando Azevedo e Ângela Balça lembram-nos ainda que a educação literária “procura que o leitor desenvolva um conjunto de saberes culturais, literários e sociais que o auxiliem a fertilizar a sua competência enciclopédica, em particular, a competência intertextual. É este saber, eminentemente pessoal, que ajuda o leitor a preencher aquilo que o texto não diz, mas promete ou indicia (os espaços brancos, de que falava Umberto Eco)”⁶².

60 EDUCAÇÃO Literária e Formação do Leitor”, Fernando Azevedo e Ângela Balça.

61 Ibidem

62 Ibidem, 3.

E, para compreender a obra de arte, no caso do texto, especificamente, o professor precisa de considerar a possibilidade de o aluno fazer uma leitura (algumas vezes em silêncio) com base num modelo mais global e orientado para a integração das habilidades, mais do que a tradicional leitura centrada nas hierarquias das habilidades do aluno. Logo, na integração das habilidades, espera-se que o aluno crie um ambiente que evolui da receção passiva à interação. Assim, dando mais autonomia ao aluno para a compreensão da leitura, Jocelyne Gaißon lembra-nos:

Tradicionalmente, tanto os investigadores como os professores concebiam a compreensão na leitura como um conjunto de sub-habilidades e ensinar sucessivamente de forma hierarquizada (descodificar, encontrar a sequência das acções, identificar a ideia principal...) julgavam que o domínio destas habilidades era sinónimo de domínio da leitura. No entanto, é difícil limitar a leitura a um conjunto de sub-habilidades específicas, visto que nunca se conseguiu elaborar uma lista única de habilidades que contribuem para a compreensão. Além disso, mostrou que alunos fracos em leitura podem por vezes dominar melhor certas habilidades isoladas que leitores hábeis. Assim, é possível conseguir fazer exercícios de leituras isolados sem se saber realmente ler. (GIASSON, 1993)

Em concordância com a nossa visão sobre o contexto e o lugar do aluno na sala de aula, a autora afirma ainda que:

Qualquer habilidade apreendida fora da actividade global de leitura não se realiza do mesmo modo que quando é utilizada num contexto real de leitura. [ou seja, a síntese] influencia na descodificação. (GIASSON, 1993)⁶³

63 Ressalta-nos a ideia que defende Luís Kandjimbo sobre o ensino a partir de um cânone endógeno.

CONCLUSÃO

O direito à educação dado a um pequeno grupo de nativos de Angola deu a oportunidade para que, a partir da assimilação da cultura do colonizador, os estudantes colonizados se engajassem a fim de denunciarem as desumanidades praticadas por Portugal nas suas ex-colónias. Desse grupo, destaca-se António Agostinho Neto que, com a sua poesia, denuncia e exalta o papel do negro na História, recusando-se a abdicar do seu lugar e, conseqüentemente, da sua importância na História Universal.

O empenho que Agostinho Neto dedicou à justiça dos povos Negros de todo o mundo é marcado desde muito cedo, provavelmente desde os anos 30 do século XX. Essa determinação é-lhe particular, pois, numa visão diacrónica, em Angola, poucos são os que, com a idade de Neto, demonstraram igual determinação.

O engajamento de Neto faz ressaltar, de certa forma, o papel da cultura (Literatura) na influência do poder político. Uma imagem indissociada no percurso histórico de Angola.

Essa importância faz com que os processos de consolidação da democracia e da nação tenham sempre um olhar injuntivo nos textos do poeta, pois, ajudam a orientar os desideratos da Angola, seja no domínio educativo, cultural, axiológico, seja no dos Direitos Humanos, etc., justificando-se, mais uma vez, nessa dissertação, a escolha de Neto.

Para além da sua reconhecida importância, constatámos, nas escolas, a necessidade de se explorar Neto na sua dimensão poético-cultural, uma dimensão que não se separa da política, mas que tem sido subjugada em nome da dimensão política. Por isso, decidimos trazer “Renúncia Impossível”, para aplicação metodológica e didática, visto que também é reconhecida a quase inexistência do ensino da Didática de Literatura em Angola, o que nos levou a preparar para a terceira parte desse trabalho a exploração didática do poema de Neto.

Os métodos e paradigmas propostos na presente dissertação ajudaram também a propor a cronologia das intermedialidades como manifestação artística, em Angola, que como vimos, existe uma sincronia com os estudos do Ocidente. No caso de Angola, as intermedialidades começaram com as pesquisas de Helli Chatellain, Carlos Esterman e Óscar Ribas, numa fase insipiente e com José Martins Vaz, numa fase de um estudo já

reconhecido de intermedialidade. Os designados *Testos de Panela* demonstraram-nos a criação de uma pictografia da região Norte de Angola (Cabinda), pelo que sugerimos maior investigação e estudos para o enriquecimento da etnografia do país e, particularmente, dos povos cabindas.

É evidente pois que para chegarmos à proposta de ter, a nível micro, a intermedialidade e a intertextualidade como métodos de ensino da Literatura tal como foi demonstrado, tivemos que fazer uma incursão histórica que sustentasse esta visão micro, a partir de referências macros, pois, como sugere Cristina Mello (1999), para o aproveitamento de um plano local, os métodos não devem ser regidos por “ortodoxias”, mas adaptáveis aos “contextos”. Assim, na terceira parte deste trabalho, propusemos métodos de ensino da Literatura que respeitassem as características dos alunos e as circunstâncias que os envolvem. Dado o interesse e a pertinente necessidade de se melhorarem os métodos de ensino, o presente trabalho deve ser visto como um ponto de partida no âmbito do ensino e de propostas das intermedialidades/intertextualidade, em Angola.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Francisco e BALÇÃ, Ângela (2017). *Leitura e Educação Literária*. Revista Portuguesa de Educação. Universidade do Minho.

BAETENS, Jan (2013) *Monomedial Hybridization in Contemporary Poetry*.

BATSÍKAMA, Patrício (2014). *Introdução à História das Artes em África*. Mayamba. Luanda.

BERNARDES, José A. Cardoso; MATEUS, Rui Afonso (2013). *Literatura e Ensino do Português*. Lisboa. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

BRADILLA, Lothar. (1989). *Introdução à Didática da Literatura*. [trad. Maria de Assunção et alli]. Lisboa. D. Quixote.

CAMUS, Albert, (2011) *O Homem Revoltado*. [trad. Valerie Rumjanek]. S. Paulo: Ed. Record.

CERQUEIRA, Nelson (2018). *Aesthetic Response of the Angolan Poet Agostinho Neto*. Garimpo. São Paulo.

CHIZIANE, Paulina. (2016). *O Alegre Canto da Perdiz*. Lisboa: Caminho.

CHAPPLE, Freda, On Intermediality, Revista de Estudios Culturales de La Universitat Jaume I, Vol. VI/2008, pp7-14.

CLÜVER, C. (2001). Interarts Studies: An Introduction. In: Buescu, H.C., Duarte, J.F. & Gusmão, M.

(Orgs.), <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357/1454>:

novos caminhos da literatura comparada. Lisboa: Dom Quixote.

CLÜVER, C. (2006). Inter textus/ Inter artes/ Inter media [versão eletrónica]. Aletria, 6, 1141.

CONCHIGLIA, Augusta (2019) Agostinho Neto: da guerrilha aos primeiros anos da independência. FAAN&Colecção Novo Rumo. Luanda.

FONCESA, Fernanda Irene et alli (1994). *Pedagogia da Escrita: Perspectiva*. Colecção Linguística e Porto Editora. Porto

FERREIRA, Manuel (1989). O discurso no percurso africano. Lisboa. Plátano Editora.

GIASSON, Jocelyne (1993). *Compreensão na Leitura*. Edições ASA. Porto.

GINETTE, Gerárd (2001). *A Obra de Arte: Imanência e Transcendência*. Littera Mundi. São Paulo.

KANDJIMBO, Luís (2015) dissertação de doutoramento: *Estatuto da disciplina de Literatura Angolana*. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

KANDJIMBO, Luís (2019) *Alumbu: O cânone endógeno no campo literário angolano*. Luanda. Mayamba.

LARANJEIRA, Pires (1995). *Literatura Africana de Expressão Portuguesa*. _____Universidade Aberta

LARANJEIRA, Pires e ROCHA, Ana T., (2014). *A NOÇÃO DO SER. TEXTOS ESCOLHIDOS SOBRE AGOSTINHO NETO*. Luanda: FAAN e COLEÇÃO NOVO RUMO.

LARANJEIRA, Pires; SIMÕES, Maria João; XAVIER, Lola Geraldês, (2006). *ESTUDOS DE LITERATURAS AFRICANAS CINCO POVOS, CINCO NAÇÕES*. Acta do Congresso Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Lisboa: Novo Imbondeiro e Universitas.

LOMA, Carlos, et alli. (2009). *Textos literários y contextos escolares*. Graó. Coimbra

MATEUS, Rui Afonso e BERNARDES, José Cardoso (2013). *Literatura e ensino de Portuguesa*. Fundação Francisco Manuel Santos. Lisboa.

MBEMBE, Achille (2014). *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona.

MELLO, Cristina (1998), *O ensino da Literatura e a Problemática dos géneros literários*. Coimbra, Almedina.

MENDONÇA, José Luís (2014). *O Reino das casuarinas*. Portugal. Caminho.

MENDONÇA, José Luís (2018). *Angola, Me Diz Ainda*. Lisboa. Guerra & Luz.

MORIN, Edgar et alli (2003), *Educar na Era Planetária*. [trad. Sandra Trabucco Valenzuela] S. Paulo. Cortez Editora.

NETO, António Agostinho (2009), *Trilogia Poética: Sagrada Esperança, Renúncia Impossível, Amanhecer*. Luanda, EUA.

PEPETELA (2018). *Sua Excelência de Corpo Presente*. D. QUIXOTE.

REIS, Carlos (2001). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Almedina. Coimbra.

REIS, Carlos (2018). *O conhecimento da Literatura: Introdução os Estudos Literários*. [2ªed.] Almedina. Coimbra.

RODRIGUES, Catarina Isabel Silva (2013). *“A Renúncia Impossível” de Agostinho Neto: Um novo discurso poético, intertextualidade e alcance pedagógico*. Luanda. Coleção Novo Rumo e Fundação A.A. Neto,

RÖSING, Tania M. K. (1990). *A Formação do Professor e a Questão da Leitura*. EDIUPF. Passo Fundo.

SAMUELS, Machiel Anthony (2011). *Educação ou Instrução: A História do Ensino em Angola: 1878-1914*. [Trad. Sílvia Ochôa Arez]. Mayamba. Luanda.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar (2017) *História da Literatura Portuguesa*. 17ª Ed. Porto. Porto Editora.

SARTRE, Jean-Paul (2007), *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. [Trad. Paulo Perdigão]. Petrópolis: Ed. Vozes

SILVA, Vítor M. Aguiar (2007). *Teoria da Literatura*. [ed- 8ª]. Coimbra. Almedina

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2010). *Pode o Subalterno Falar?* [Trad. Sandra Regina Goulot Almeida *et alli*] Baía: Ed. UFMG.

VAZ, José Martins (1966), *Filosofia Tradicional dos Cabindas*. Agência-geral do Ultramar. Lisboa.

VERCELLONE, Frederico. *A Estética*. Editorial Estampa. Lisboa.

WELLEK, René e WARREN, Austin (1949). *Teoria da Literatura* [tra. José Palla e Carmo]. Publicações América-Europa.

Outras fontes:

Actas do I EIELP Promoção da leitura no ensino básico. Questões sobre o ensino dos processos de compreensão na leitura. 2010. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Ensino mm Re-Vista, Uberlândia, MG. V.

https://www.academia.edu/23720530/Collaborative_Strategies_for_Teaching_Reading_Comprehension

Literatura (Angola), 12.ª Classe.

Manual Escolar de *Literatura*, Ministério da Educação de Angola, 2014. Porto Editora.

Revista de literatura *Formação Breve: o conto Teoria de análise*. (2013). Universidade de Aveiro CLC.

Revista *Estudos Literários*, n.º 3, ano 2013, Coord. Cristina Mello e Ana Maria Machado, universidade de Coimbra

Revista Mensagem Casa dos Estudantes do Império (1996). Vol. 1 e 2. ALAC. Lousã.

Revista Mensagem, Casa dos Estudantes do Império. (1996) *Agostinho Neto: uma vida sem tréguas 1922-1979*. (2018). Luanda-Lisboa. FAAN.

Viagens, Literatura Portuguesa (Portugal), 10.º ano. Porto Editora.

Viagens, Literatura Portuguesa (Portugal), 11.º ano. Porto Editora.

ANEXOS

Anexo n.º1

3. A formação contínua de professores é assegurada predominantemente pelos Centros de Formação de Professores ou por outras instituições de ensino, autorizadas para o efeito.

ARTIGO 48.º

(Objectivos específicos do Ensino Secundário Pedagógico)

Os objectivos específicos do Ensino Secundário Pedagógico são os seguintes:

- a) Ampliar, aprofundar e consolidar os conhecimentos, as capacidades, os hábitos, as atitudes e as habilidades adquiridas no I Ciclo do Ensino Secundário;
- b) Capacitar os indivíduos para o exercício da actividade docente-educativa na Educação Pré-Escolar, Ensino Primário e no I Ciclo do Ensino Secundário;
- c) Assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da criatividade técnico-pedagógica e científica;
- d) Permitir a aquisição de conhecimentos, hábitos e habilidades necessárias para a inserção na actividade docente-educativa ou para o prosseguimento dos estudos no Subsistema de Ensino Superior;
- e) Fomentar o empreendedorismo para o desenvolvimento de habilidades de trabalho para a vida activa, associadas ao espírito de iniciativa e de autonomia.

SUBSECÇÃO II

Ensino Superior Pedagógico

ARTIGO 49.º

(Ensino Superior Pedagógico)

O Ensino Superior Pedagógico é um conjunto de processos, desenvolvidos em Instituições de Ensino Superior, vocacionados à formação de professores e demais agentes de educação, habilitando-os para o exercício da actividade docente e de apoio à docência em todos os níveis e subsistemas de ensino.

ARTIGO 50.º

(Organização do Ensino Superior Pedagógico)

1. O Ensino Superior Pedagógico realiza-se após a conclusão do II Ciclo do Ensino Secundário ou equivalente, com duração variável em função das particularidades do curso.
2. O Ensino Superior Pedagógico pode ser de graduação, outorgando os graus académicos de bacharelato e de licenciatura.
3. O Ensino Superior Pedagógico pode ser de pós-graduação académica, outorgando os graus académicos de mestrado e doutoramento.
4. O Ensino Superior Pedagógico pode ser de pós-graduação profissional, sob a forma de agregação pedagógica, outorgando o diploma de especialização.
5. A profissionalização para a docência pode ser assegurada ao longo da formação superior, por intermédio de acções específicas de agregação pedagógica.
6. A formação contínua de professores e agentes de educação é assegurada preferencialmente pelas instituições de ensino vocacionadas para o Ensino Superior Pedagógico ou por outras instituições autorizadas para o efeito.

ARTIGO 51.º

(Objectivos Específicos do Ensino Superior Pedagógico)

Os objectivos específicos do Ensino Superior Pedagógico são os seguintes:

- a) Assegurar a formação de indivíduos habilitando-os para o exercício do serviço docente e de apoio à docência, ao nível de graduação e pós-graduação académica, outorgando os graus académicos de bacharel, licenciado, mestre e doutor;
- b) Garantir o ensino superior pedagógico ao nível de pós-graduação profissional, sob a forma de agregação pedagógica, conferindo o diploma de especialização;
- c) Assegurar a profissionalização para a docência ao longo de qualquer formação superior por intermédio de acções específicas de formação, equivalentes à agregação pedagógica;
- d) Assegurar a formação contínua de professores e de agentes de educação.

SECÇÃO VI

Objectivos Gerais e Estrutura do Subsistema de Educação de Adultos

ARTIGO 52.º

(Subsistema de Educação de Adultos)

O Subsistema de Educação de Adultos é o conjunto integrado e diversificado de órgãos, instituições, disposições e recursos vocacionados para a implementação de processos educativos baseados em princípios, métodos e tarefas de andragogia.

ARTIGO 53.º

(Objectivos Gerais do Subsistema de Educação de Adultos)

Os objectivos gerais do Subsistema da Educação de Adultos são os seguintes:

- a) Promover acções educativas destinadas à recuperação do atraso escolar e ao combate ao analfabetismo literal e funcional;
- b) Promover o desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos para a sua melhor integração social e profissional;
- c) Dotar os indivíduos de capacidades técnicas para responder às exigências do desenvolvimento económico e social do País;
- d) Promover a educação patriótica, moral, cívica e, cultivando o espírito de tolerância, o respeito mútuo, o respeito pela diferença e a preservação do ambiente;
- e) Garantir a valorização das línguas nacionais, da cultura local e da cultura nacional;
- f) Desenvolver no indivíduo hábitos, habilidades, capacidades e atitudes para participar na transformação do meio familiar e social, de modo a contribuir para o desenvolvimento comunitário e rural;

- e) Promover o desenvolvimento das habilidades para o trabalho e para a vida activa, associadas ao empreendedorismo, ao espírito de iniciativa, à criatividade, à inovação e à autonomia.

SUBSECÇÃO II
Ensino Secundário Técnico

ARTIGO 40.º
(Ensino Secundário Técnico-Profissional)

O Ensino Secundário Técnico-Profissional é o processo através do qual se adquirem e desenvolvem conhecimentos gerais, técnicos e tecnológicos para os diferentes ramos de actividade económica e social do País, permitindo-lhes a inserção na vida laboral e o exercício de uma actividade profissional e, mediante critérios, o acesso ao ensino superior.

ARTIGO 41.º
(Organização do Ensino Secundário Técnico-Profissional)

1. O Ensino Secundário Técnico-Profissional realiza-se após a conclusão da 9.ª classe, com a duração de quatro anos, em escolas técnicas do Ensino Secundário.

2. Após a 9.ª classe e a 12.ª classe do Ensino Secundário Geral, são organizadas formas intermédias de formação técnico-profissional, com a duração variável de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, de acordo com a especialidade.

3. Os indivíduos a partir dos 15 (quinze) anos de idade têm acesso ao Ensino Secundário Técnico-Profissional.

ARTIGO 42.º
(Objectivos Específicos do Ensino Secundário Técnico-Profissional)

Os objectivos específicos do Ensino Secundário Técnico-Profissional são os seguintes:

- a) Ampliar, aprofundar e consolidar os conhecimentos, as capacidades, os hábitos, as atitudes e as habilidades adquiridas no I Ciclo do Ensino Secundário;
- b) Capacitar os indivíduos para o exercício de uma actividade profissional ou especializada;
- c) Assegurar o desenvolvimento do raciocínio lógico, da reflexão e da curiosidade técnica, tecnológica e científica;
- d) Permitir a aquisição de conhecimentos, hábitos e habilidades necessárias para a inserção no mercado de trabalho ou o prosseguimento dos estudos no Subsistema de Ensino Superior;
- e) Promover o desenvolvimento das habilidades para o trabalho e para a vida activa, associadas ao empreendedorismo, ao espírito de iniciativa, à criatividade, à inovação e à autonomia.

SECÇÃO V
Objectivos e Estrutura do Subsistema de Formação de Professores

ARTIGO 43.º
(Subsistema de Formação de Professores)

O Subsistema de Formação de Professores é o conjunto integrado e diversificado de órgãos, instituições, disposições e recursos vocacionados à preparação e habilitação de professores e demais agentes de educação para todos os subsistemas de ensino.

ARTIGO 44.º
(Objectivos Gerais do Subsistema de Formação de Professores)

Os objectivos gerais do Subsistema de Formação de Professores são os seguintes:

- a) Formar professores e demais agentes de educação com o perfil necessário à materialização integral dos objectivos gerais da educação nos diferentes subsistemas de ensino;
- b) Formar professores e demais agentes de educação com sólidos conhecimentos científicos, pedagógicos, metodológicos, técnicos e práticos;
- c) Promover hábitos, habilidades, capacidades e atitudes necessárias ao desenvolvimento da consciência nacional;
- d) Promover a integridade e idoneidade patriótica, moral e cívica, de modo que os professores e agentes de educação assumam com responsabilidade a tarefa de educar;
- e) Desenvolver acções de actualização e aperfeiçoamento permanente dos professores e agentes da educação;
- f) Promover acções de agregação pedagógica destinadas a indivíduos com formação em diversas áreas de conhecimento para o exercício do serviço docente.

ARTIGO 45.º
(Estrutura do Subsistema de Formação de Professores)

O Subsistema de Formação de Professores estrutura-se da seguinte forma:

- a) Ensino Secundário Pedagógico;
- b) Ensino Superior Pedagógico.

SUBSECÇÃO I
Ensino Secundário Pedagógico

ARTIGO 46.º
(Ensino Secundário Pedagógico)

O Ensino Secundário Pedagógico é o processo através do qual os indivíduos adquirem e desenvolvem conhecimentos, hábitos, habilidades, capacidades e atitudes que os capacite para o exercício da profissão docente na Educação Pré-Escolar, no Ensino Primário e no I Ciclo do Ensino Secundário Regular, de Adultos e na Educação Especial e mediante critérios, o acesso ao Ensino Superior Pedagógico.

ARTIGO 47.º
(Organização do Ensino Secundário Pedagógico)

1. O Ensino Secundário Pedagógico realiza-se após a conclusão da 9.ª classe, com duração de quatro anos, em Escolas de Magistério.

2. As Escolas de Magistério podem realizar cursos de profissionalização ou de agregação pedagógica, com a duração de um a dois anos, de acordo com a especialidade, destinados a indivíduos que tenham concluído o II Ciclo do Ensino Secundário.

Poema classificado como vencedor, resultante do concurso base para a presente dissertação, realizado em 2018, interartístico/intermedialidade, da arquitetura histórica à poesia.

Anexo n.º 2

Santa Sé

O que traz consigo?
Vozes, choros, bênçãos, lamúrias?
Trespasou o triângulo encubado
São vidas ao alto
Alto de Tortombo e Kilimanjaro
Casa de Salmos, Provérbios, Eclesiastes
Do cume à direita que é Everest

Mãe

Outrora de Sumbe à Kalucinga
Das doze ovelhas ao rebanho
Porto dos que vêm e dos que vão
Quem sabe de si?

Primazia sonogada aos olhos
Firme no grito das armas
Daqueles de longe de seu amparo
Quem sabe de si?
Dos tombados filhos de Havana?
O repouso em seu leito
Os heróis
Dos filhos da senhora Cubana
Sim, seus segredos
Os escuros
O sangue de Sumbe em 25 de Março de 84

Quem sabe de si?
Nós, os vivos
E os que ainda querem viver
Todos a querem pertencer
Uns dobram joelhos
Outros em pé
São silogismos, Mãe
E em si permanecem
Os de fé e os de raízes e troncos também.

Pedro Amado Francisco Elias
(T/D, 12ª Classe).

Santa Sé

O que traz consigo?
Vozes, choros, bênçãos, lamúrias? Trespasou o
triângulo encubado
São vidas ao alto
Alto de Tortombo⁶⁴ e Kilimanjaro
Casa de Salmos, Provérbios, Eclesiastes
Do cume à direita que é Everest

Mãe

Outrora de Sumbe à Kalucinga
Das doze ovelhas ao rebanho
Porto dos que vêm e dos que vão
Quem sabe de si?

Primazia sonogada aos olhos
Firme no grito das armas
Daqueles de longe de seu amparo
Quem sabe de si?
Dos tombados filhos de Havana?
O repouso em seu leito
Os heróis
Dos filhos da senhora Cubana
Sim, seus segredos
Os escuros
O sangue de Sumbe em 25 de Março de 84

Quem sabe de si?
Nós, os vivos
E os que ainda querem viver
Todos a querem pertencer
Uns dobram joelhos
Outros em pé
São silogismos, Mãe
E em si permanecem
Os de fé e os de raízes e troncos também.

Pedro Amado Francisco Elias (Magistério do Sumbe/Angola: Especialidade de Língua Portuguesa, T/D, 12ª Classe), ano de 2018.

⁶⁴ Pronúncia frequente de Torre do Tombo, monumento situado no município de Porto Amboim, mesma província.

Imagens da Catedral Nossa Senhora da Conceição, da Diocese do Novo Redondo, cidade do Sumbe, província do Kwanza-Sul/Angola, em vários ângulos (frontal, posterior e lateral). Na parte posterior da Capela, há um monumento (o triângulo com flores), dedicado ao papel de Cuba na história política de Angola, seja a nível das guerras em Angola, seja a nível do desenvolvimento. Tal como José Luís Mendonça (2014) refere “ali no Rangel, na Brigada, perto dos eucaliptos que os cubanos iriam derrubar nos anos 80 para construir os primeiros edifícios pré-fabricados que Angola conheceu na sua história.”

Lembramos que a província do Kwanza-Sul possui 12 municípios, esta catedral localiza-se na capital da província, Sumbe, a cerca de 200 metros do mar. Projeto de 1966, da autoria de Francisco Castro Rodrigues e Resende de Oliveira, reserva uma estrutura cónica, do morro anteriormente aí existente.

Fonte: <https://www.hpip.org/pt/heritage/details/2071>





Fonte das imagens: <https://boentradacadareencontros.weebly.com/noticias-de-destaque-2016/cidade-do-sumbe-contara-com-novo-sistema-abastecimento-de-agua>

Almerindo Adriano Chiquete.
Universidade de Coimbra - FLUC-2018/2019 Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa
Orientadores: Doutora Ana Maria Machado e Doutor Pires Laranjeira.

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Preenche os espaços de acordo com os teus conhecimentos:

1. Conheces MAIS Agostinho Neto:

Presidente

Poeta:

2. Como conhecestes Agostinho Neto?

Na Escola

Na rua _____

Nos Media _____

Em outro /qual? Escola

3. Cite uma frase que conheças como poeta e dois versos de seus poemas:

Frase: Reminiscência impossível

Versos: Perdido no tempo, e dividido no espaço!

4. Consegues relacionar os feitos de Agostinho Neto na tua vida diária?

Sim como? Ele reverendo falado e de clamar do.

Não _____

5. Como têm sido as tuas aulas sobre a poesia de Agostinho Neto?

Boas

Suficientes

Más _____

Aborrecíveis _____

5.1. O que sugeririas para melhorar? As profundas mais conhecimentos literários não só de Agostinho Neto, mais de outros literatos de Angola.

Qual é a tua expectativa, em cada ano, da disciplina de Literatura?

Se pudesses acrescentar, eliminar ou alterar na tua matéria de literatura, o que farias?

① R: Minha expectativa na disciplina de literatura a lém do Agostinho devemos falar de outros literatos angolano para conhecermos melhor os literatos e suas obras.

② R: Como estudante de língua portuguesa agradecerá se acrescenta-se para o aprofundamento da (matéria de) conhecimento da matéria de literatura.

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Preenche os espaços de acordo com os teus conhecimentos:

1. Conheces MAIS Agostinho Neto:

Presidente

Poeta:

2. Como conhecestes Agostinho Neto?

Na Escola

Na rua _____

Nos *Media* _____

Em outro /qual? _____

3. Cite uma frase que conheças como poeta e dois versos de seus poemas:

Frase: _____

Versos: _____

4. Consegues relacionar os feitos de Agostinho Neto na tua vida diária?

Sim _____ como? _____

Não

5. Como têm sido as tuas aulas sobre a poesia de Agostinho Neto?

Boas _____

Suficientes

Más _____

Aborrecíveis _____

5.1. O que sugeririas para melhorar? *Que parassem de falar dele como presidente e mais como poeta.*

Qual é a tua expectativa, em cada ano, da disciplina de Literatura? *procurar entender e melhorar nesta disciplina.*

Se pudesses acrescentar, eliminar ou alterar na tua matéria de literatura, o que farias?

Eliminaria a matéria sobre alguns escritores do exterior.

Almerindo Adriano Chiquete.

Universidade de Coimbra - FLUC-2018/2019 Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa

Orientadores: Doutora Ana Maria Machado e Doutor Pires Laranjeira.

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Preenche os espaços de acordo com os teus conhecimentos:

1. Conheces MAIS Agostinho Neto:

Presidente

Poeta:

2. Como conhecestes Agostinho Neto?

Na Escola _____

Na rua _____

Nos *Media*

Em outro /qual? _____

3. Cite uma frase que conheças como poeta e dois versos de seus poemas:

Frase: _____

Versos: _____

4. Consegues relacionar os feitos de Agostinho Neto na tua vida diária?

Sim _____ como? _____

Não

5. Como têm sido as tuas aulas sobre a poesia de Agostinho Neto?

Boas

Suficientes _____

Más _____

Aborrecíveis _____

5.1.O que sugeririas para melhorar? _____

Qual é a tua expectativa, em cada ano, da disciplina de Literatura?

É saber mais sobre a história dos escritores angolanos

Se pudesses acrescentar, eliminar ou alterar na tua matéria de literatura, o que farias?

*Gostaria falar mais dos ~~escritores~~
escritores dos PALOP e eliminar
as histórias dos escritores estrangeiros
que não lutaram para o povo*

Almerindo Adriano Chiquete.

Universidade de Coimbra - FLUC-2018/2019 Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa

Orientadores: Doutora Ana Maria Machado e Doutor Pires Laranjeira.

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Preenche os espaços de acordo com os teus conhecimentos:

1. Conheces MAIS Agostinho Neto:

Presidente

Poeta:

2. Como conhecestes Agostinho Neto?

Na Escola

Na rua _____

Nos *Media* _____

Em outro /qual? _____

3. Cite uma frase que conheças como poeta e dois versos de seus poemas:

Frase: *Sharemos de Vella*

Versos: *stuar chiat*

4. Consegues relacionar os feitos de Agostinho Neto na tua vida diária?

Sim _____ como? _____

Não

5. Como têm sido as tuas aulas sobre a poesia de Agostinho Neto?

Boas

Suficientes _____

Más _____

Aborrecíveis _____

5.1. O que sugeririas para melhorar?

Sugeria falar mais de Agostinho Neto como escritor e falar de outros.

Qual é a tua expectativa, em cada ano, da disciplina de Literatura?

Comparar textos, poesias...

Se pudesses acrescentar, eliminar ou alterar na tua matéria de literatura, o que farias?

Consultar bibliotecas.

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Preenche os espaços de acordo com os teus conhecimentos:

1. Conheces MAIS Agostinho Neto:

Presidente

Poeta:

2. Como conhecestes Agostinho Neto?

Na Escola _____

Na rua _____

Nos Media

Em outro /qual? _____

3. Cite uma frase que conheças como poeta e dois versos de seus poemas:

Frase: *Já chegamos!*

Versos: *Já chegamos camaradas! aqui estamos de novo!*

4. Consegues relacionar os feitos de Agostinho Neto na tua vida diária? _____

Sim _____ como? _____

Não

5. Como têm sido as tuas aulas sobre a poesia de Agostinho Neto?

Boas

Suficientes _____

Más _____

Aborrecíveis _____

5.1. O que sugeririas para melhorar? *Sugiro o aprofundamento de estudo das obras de Agostinho Neto, nas escolas, e também de outros escritores angolanos que muito fizeram para por de pé a literatura angolana.*

Se pudesses acrescentar, eliminar ou alterar na tua matéria de literatura, o que farias?

et minha expectativa em relação a Disciplina de Literatura é o seguinte:

Promoção de actividades patrióticas nas escolas, como devemos produzir um texto literário e trazer sempre que possível novidades sobretudo das obras das gerações vindouras.

Faria apenas o acrescentamento, no facto de que, nas escolas deveriamos estudar também as obras dos novos escritores literários e estudar outras que se não seja somente dos escritores como Agostinho Neto.

Anexo 4

CLASSES QUE LECIONAR: 13ª, 11ª, 10ª
 DISCIPLINAS: L. PORTUGUESA; LITERATURA; FILOSOFIA
 N.º DO ENSINO MÉDIO: CIÊNCIAS HUMANAS
 N.º DO ENSINO SUPERIOR: DOUTOR
 N.º DE ANOS: 3º ANO
 N.º DE FÉRIAS: 39
 CORREIO ELECTRÓNICO: melotranc100@hotmail.com

ESPECIALIDADE: DOGMÁTICA
 TURNOS:

PERÍODO: MANHÃ

TEMPO	HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	TEMPOS
	06:45	MATUTINO				MATUTINO		
1ª	07:00		10ª D - LIT.	13ª D - L.P				2
2ª	07:50		10ª D - LIT.	13ª D - L.P				2
3ª	08:40			13ª D - L.P				1
4ª	09:40	11ª D - LIT.			11ª D - LIT.			2
5ª	10:30							0
6ª	11:20				10ª D - LIT.			1
TOTAL		1	2	3	2	0	0	8

PERÍODO: TARDE

TEMPO	HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	TEMPOS
	12:45	VESPERTINO						
1ª	13:00					VESPERTINO		
2ª	13:50					12ª B1 -FILOS.		1
3ª	14:40							0
4ª	15:40							0
5ª	16:30	12ª B2 -FILOS.	12ª B3 -FILOS.		11ª A (FPP)-FILOS.			0
6ª	17:20	12ª B3 -FILOS.	11ª A (FPP)-FILOS.		12ª B1 -FILOS.	12ª B2 -FILOS.		3
TOTAL		2	2	0	2	2	0	4

OBS:

SUMBE 6, 2, 2020

O (a) PROFESSOR (a)
Rosário Almeida

A SUBDIRECÇÃO PEDAGÓGICA
Carolina Amores

Anexo 5

Programa de Literatura da 10.^a a 12.^a classe. Porém, nessa altura, foi eliminada a disciplina da 12.^a, constando apenas na 10.^a e 11.^a classe.

INTRODUÇÃO

Nunca na história da humanidade se registou tanta competitividade como a que se vive na nossa era. Ao mesmo tempo, este é o século que, graças ao desenvolvimento tecnológico, o desenvolvimento cultural nunca foi tão acentuado. Consequentemente, surge uma sociedade mais desperta intelectualmente, da qual se espera, racionalmente, uma aceleração desse desenvolvimento cultural.

É à luz de todas essas circunstâncias que o *Programa de Introdução às Literaturas em Língua Portuguesa* pretende ocupar um espaço útil e um propósito efectivo em termos de conhecimento e ou aprofundamento das diversas produções literárias, não somente do país, mas também dos restantes países lusófalantes. Deste modo, este programa foi concebido tendo em conta as necessidades desta geração de futuros *Professores do 1º ciclo do Ensino Secundário*.

Cada unidade temática deste programa é subdividida em temas muitas vezes coincidentes com a classificação dos géneros literários e da periodização literária cuidadosamente seleccionados. Para além disso, certos aspectos da Literatura Tradicional Angolana nele incorporados foram seleccionados a partir de um corpus literário acumulado desde Héli Chatelain, Carlos Estermann a Óscar Ribas.

Este Programa que esperamos possa constituir um instrumento para o estudo da literatura angolana e dos outros países lusófalantes foi organizado em quatro grandes áreas:

- Teoria Literária
- Movimentos e correntes Literárias
- Literatura Angolana
- O Texto Literário

Finalidades

- ◆ Reunir e confrontar problemas decorrentes da teorização literária para caracterizar épocas, períodos e correntes literárias.
- ◆ Analisar determinados textos para descobrir e explicar a natureza da literatura lusófona.
- ◆ Proporcionar a aquisição de técnicas que permitam a reflexão sobre a arte literária.
- ◆ Fornecer um instrumento de comunicação que permita alargar o horizonte cultural levando à aquisição de conhecimentos e experiências literárias em língua portuguesa.
- ◆ Construir conceitos científicos com base em concepções literárias universalmente aceites.
- ◆ Contribuir para a identificação da literatura nacional, proporcionando um melhor conhecimento do surgimento e evolução estético-literária, no nosso país.

Distribuição dos conteúdos

Programa de Introdução à Literatura em Português

- 10^a, 11^a e 12^a classes -

Formação de Professores de Língua Portuguesa para o 1^o ciclo

- ◆ Contribuir para a formação do espírito crítico.
- ◆ Promover o desenvolvimento da sensibilidade estética e da criatividade literária. ✓
- ◆ Proporcionar a aquisição de métodos e técnicas que permitam desenvolver o gosto pela crítica estética. ✓
- ◆ Contribuir para o desenvolvimento pleno da personalidade. ✓

Objectivos Gerais

- ◆ Explicar os diferentes conceitos de literatura.
- ◆ Problematizar a natureza da literatura.
- ◆ Conhecer aspectos fundamentais da literatura como arte e suas relações com as outras modalidades de arte.
- ◆ Descobrir as relações entre literatura e sociedade.
- ◆ Confrontar as diversas disciplinas que estudam a literatura.
- ◆ Contextualizar diversas obras literárias de países lusófonos.
- ◆ Discutir a problemática dos géneros literários.
- ◆ Analisar obras literárias dos países lusófonos.
- ◆ Descobrir aspectos fundamentais que caracterizam a literatura em português.
- ◆ Problematizar o surgimento e evolução literária angolana

983.514940

10ª CLASSE	11ª CLASSE	12ª CLASSE
<p>Unidade 1 - Conceito de Literatura</p> <p>1.1 - Conceito e abrangência</p> <p>1.2 - Distinção entre Literatura e Estudo da Literatura</p> <p>1.3 - Literatura Geral, Literatura Comparada e Literatura Nacional</p> <p>Unidade 2 - Natureza da Literatura</p> <p>2.1 - O surgimento do termo Literatura</p> <p>2.2 - A função da literatura</p> <p>2.2.1 - A arte pela arte. <i>САНЯ ЗНАКОВСКИЙ</i></p> <p>2.2.2 - Arte e Propaganda</p> <p>Unidade 3 - Literatura e Sociedade</p> <p>3.1 - O autor, o leitor e o público <i>(Pessoa)</i></p> <p>3.2 - Literatura e outras formas de arte <i>(Lichtenberg)</i></p> <p>- A literatura e a pintura</p> <p>- A literatura e a ópera</p> <p>- A literatura e a história</p> <p>- A literatura e a música</p> <p>- A literatura e o cinema</p> <p>Unidade 4 - Crítica literária</p> <p>4.1 - Crítica literária</p> <p>4.1.2 - As funções da crítica</p> <p>4.2 - Metodologia da crítica</p> <p>4.3 - Fraquezas da crítica</p> <p>4.4 - Gêneros da crítica</p> <p>Unidade 5 - Introdução ao Texto Literário</p> <p>5.1 - Linguagem literária e linguagem diária</p> <p>5.2 - Texto literário e obra literária</p> <p>5.2.1 - Objetividade / Subjetividade</p> <p>5.2.2 - Denotação / conotação</p>	<p>Unidade 1 - Períodização literária e estilos da época</p> <p>• Períodos literários</p> <p>• demonstração e abrangência</p> <p>• características dominantes</p> <p>- A geração literária</p> <p>- A época medieval</p> <p>- A época clássica</p> <p>- A época moderna</p> <p>1 - Noção de estilos da época</p> <p>1.1 - As grandes correntes literárias</p> <p>1.1.1 - O Classicismo em Portugal</p> <p>1.1.1.1 Representantes e os gêneros cultivados</p> <p>1.1.1.2 A Idade Média em Portugal</p> <p>1.1.1.2 O Renascimento português</p> <p>1.2 - O Contexto histórico do seu surgimento</p> <p>1.2.1 - Padre António Vieira e Gregório de Matos</p> <p>1.2.2 - Padre António Vieira e Gregório de Matos</p> <p>1.3 - A arte barroca em Portugal e no Brasil</p> <p>1.3.1 - Contexto histórico do seu surgimento</p> <p>1.3.2 - Representantes e gêneros cultivados</p> <p>1.4 - O Romantismo em Portugal e no Brasil</p> <p>1.4.1 - Contexto histórico do seu surgimento</p> <p>1.4.2 - Os seus representantes e gêneros cultivados</p> <p>1.5 - O Neo-Realismo em Portugal e no Brasil</p> <p>1.4.1 - O contexto histórico do seu surgimento</p> <p>1.4.2 - Os gêneros cultivados e os seus representantes em Portugal e no Brasil</p> <p>Unidade 2 - Emergência das Literaturas Africanas em Português e a Literatura do Brasil</p> <p>2.1 - O colonialismo português e a criação literária</p> <p>2.2 - A Casa do Estudante do Império e o Modernismo brasileiro</p> <p>2.3 - A literatura comparada (PALOP, Portugal e Brasil)</p>	<p>Unidade 1 - A Literatura angolana</p> <p>> Contexto do surgimento da literatura escrita</p> <p>> Períodização literária:</p> <p>1º Período - Primórdios - 1849 a 1902</p> <p>✓ A lírica angolana:</p> <p>- José da Silva Maia Ferreira</p> <p>- J. Cordeiro da Mata</p> <p>2º Período - de 1903 a 1947</p> <p>✓ A narrativa angolana:</p> <p>- Alfredo Troni</p> <p>- A. Assis Júnior</p> <p>- Tomaz Vieira da Cruz</p> <p>Unidade 2 - A literatura angolana de 1948 a 1974</p> <p>3º Período</p> <p>✓ Formação - 1948 a 1960</p> <p>- Geraldo Bessa Victor</p> <p>- Antologia dos novos poetas de Angola</p> <p>✓ A geração da Mensagem</p> <p>- Viriato da Cruz, António Cardoso, Castro Soromenho, Wanhenga Xito e outros</p>

<p>5.3 - Texto Literário / Texto não Literário</p> <p>5.3.1 - Versos / Inversos</p> <p>5.3.2 - Prosa / Poesia / Verso</p> <p>5.3.3 - Literariedade</p> <p>5.3.4 - Da prosa pura à poesia integral</p> <p>5.4.1 - Noções de versificação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estrofe - Métrica - Ritmo <p>5.5 - Acrósticos</p>	<p>2.3.1 - Literatura portuguesa / Literatura em português</p> <p>2.3.3 - O Neo-Realismo português e as Literaturas Insófitas. Aspectos comuns</p> <p>2.3.3.1 A intertextualidade</p> <p>2 A literatura de Cabo Verde</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Contexto do seu surgimento ✓ A revista <i>Clariade/Presença</i> ✓ A narrativa cabo-verdeana: <ul style="list-style-type: none"> - Baltazar Lopes - Manuel Lopes ✓ O Drama cabo-verdeano ✓ A lírica cabo-verdeana: <ul style="list-style-type: none"> - Ovídio Martins - Onésimo Silveira - Outros 	<p>4º Período - 1961 a 1974</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A Casa do Estudante do Império. Contexto do seu surgimento - Principais criadoras e temáticas desenvolvidas <p>✓ O Nacionalismo na narrativa e na poesia angolana dos anos 60</p> <ul style="list-style-type: none"> - Arnaldo Santos - Agostinho Neto - António Jacinto - Costa Andrade - Jofre Rocha - Lusândino Vieira - Outros
<p>Unidade 6 - A problemática dos Gêneros Literários. Os gêneros híbridos</p> <p>6.1 - Os gêneros literários</p> <p>O contexto social e os gêneros literários</p> <p>O Texto narrativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elementos constituintes do texto narrativo <ul style="list-style-type: none"> - Narrador / Narratório - Espaço / Tempo - Acção / Intriga - Personagens • Modalidades do texto narrativo: <ul style="list-style-type: none"> - Novela - Conto - Romance <p>O Texto poético/lírico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Características do texto poético <ul style="list-style-type: none"> - o sujeito poético - A poesia e a mística • O texto-lírico <ul style="list-style-type: none"> - características • Modalidades do texto lírico <ul style="list-style-type: none"> - Elegia - Cantiga - Hino 	<p>3 A literatura moçambicana</p> <ul style="list-style-type: none"> * Contexto do seu surgimento * Os precursores: João Dias e Rui de Neryonha * A narrativa moçambicana: <ul style="list-style-type: none"> - Bernardo Honwana; Mília Couto e outros - A lírica moçambicana: <ul style="list-style-type: none"> - Noémia de Sousa e José Craveirinha <p>4 A literatura santomense</p> <ul style="list-style-type: none"> * Contexto do seu surgimento * A rípa e a literatura colonial ➤ A narrativa santomense <ul style="list-style-type: none"> - Albertino Bragança ➤ A lírica santomense 	<p>Unidade 4 - Literatura angolana após 74</p> <p>5º Período - Da Independência - 1975 a 1980</p> <p><i>NESSA ÉPOCA: ANOS 70, 80</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ João - Maria Vilanova ➤ A União dos Escritores Angolenses <ul style="list-style-type: none"> - Pepeteia, Manuel Rui, - David Mestre, Luís Kunginbo - Artindo Barbetos, Manuel dos Santos - Lima, - Maria Eugénia Neto - Outros

<p>- Soneto</p> <p><i>O texto dramático</i> - texto dramático/texto teatral</p> <ul style="list-style-type: none"> • Categorias do texto dramático: <ul style="list-style-type: none"> * Acção * Personagens * Espaço / Tempo <ul style="list-style-type: none"> - os códigos linguísticos - discurso dramático - indicações cénicas • Modalidades do texto dramático: <ul style="list-style-type: none"> > Comédia > Tragedia > Drama <p>Texto dramático / texto narrativo</p> <p>6.2 – Os géneros híbridos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Publicidade <ul style="list-style-type: none"> - estrutura e funcionamento (des)vantagens - o cartaz publicitário - o slogan • Notícia <ul style="list-style-type: none"> - estrutura - o lead • Jornal Diário <ul style="list-style-type: none"> - a primeira página • Banda desenhada <ul style="list-style-type: none"> - caracterização - texto verbal / texto icónico 	<p>5. A Literatura da Guiné Bissau</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contexto do seu surgimento • Escritores cultivados: Baticá Ferreira, Agnelo A. Regala, Heider Proença, Outros 	<p>6. O drama angolano:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Orlando Albuquerque - José Meana Abrantes <p>6.º Período – 1981 a 1993</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A renovação literária - A Brigada Jovem de Literatura - Principais representantes e géneros mais cultivados
---	---	---

Objectivos Específicos

Teorização Literária	Des/Construção do Texto Literário
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a abrangência do conceito de literatura • Distinguir literatura e estudo da literatura • Relacionar os conceitos de literatura: geral, comparada e nacional • Problematizar o surgimento do termo "literatura" • Identificar as funções da literatura • Distinguir arte de propaganda • Caracterizar a literatura enquanto arte pela arte • Relacionar: autor, leitor e público • Relacionar a literatura com outras formas de arte • Identificar as funções da crítica literária • Enumerar as limitações da crítica literária • Identificar os géneros da crítica • Distinguir linguagem literária de linguagem diária • Inventariar elementos que configuram a Literariedade • Definir o conceito de heterónimo • Identificar aspectos, em textos de autores diversos, que configuram a intertextualidade • Explicar a existência de conotação / denotação em textos/sintagmas devidamente seleccionados • Distinguir Verosímil / Inverosímil; Objectividade / Subjectividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a estrutura do texto literário • Reconhecer recursos estilísticos • Identificar o valor expressivo dos recursos estilísticos • Apreciar criticamente textos literários • Analisar textos literários • Problematizar a questão dos géneros literários • Identificar os elementos constituintes do texto-narrativo • Distinguir narrador de Narratário • Caracterizar o texto poético • Comparar textos de autores diferentes que descrevam a mesma realidade • Identificar pontos de contacto entre a poesia e a música • Relacionar texto dramático e texto teatral • Identificar os códigos linguísticos do texto dramático • Produzir textos literários • Aplicar os recursos estilísticos estudados

10ª CLASSE

- CONCEITO DE LITERATURA
 - NATUREZA DA LITERATURA
 - LITERATURA E SOCIEDADE
 - DISCIPLINAS QUE ESTUDAM A LITERATURA
 - INTRODUÇÃO AO TEXTO LITERÁRIO
 - A PROBLEMÁTICA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS E SUA HIBRIDAÇÃO
-

AVALIAÇÃO

1. Observação directa de aspectos relacionados com:
 - 1.1 – a análise de obras e textos literários dos países lusofalantes:
caracterização, análise e comparação de obras e/ou textos dos diversos países;
2. Observação sistematizada de aspectos relacionados com:
 - 2.1- a capacidade de des/construção do texto literário:
organização das ideias e estruturação;
análise de textos literários: a intertextualidade; a literariedade e a contextualização em cada género literário estudado;
- 3 - Observação sistematizada de aspectos relacionados com:
 - 3.1 - a teorização literária:
captação da evolução estético-literária de diversos temas e problemas literários;
descoberta e explicação de recursos estilísticos relevantes dos níveis fónico, morfosintáctico e semântico.

Objectivos Específicos

Teorização Literária	Des/Construção do Texto Literário
<ul style="list-style-type: none">• Identificar os principais períodos literários• Compreender a denominação e a abrangência de cada período ou subperíodo literário• Relacionar as diferentes temáticas dominantes em cada época literária• Problematizar o surgimento das grandes correntes literárias• Caracterizar a época medieval em Portugal• Identificar os principais representantes e géneros literários cultivados em Portugal na Idade Média• Caracterizar o Renascimento português• Identificar os principais representantes e géneros literários do Renascimento português• Comparar a literatura barroca em Portugal com a do Brasil• Identificar os principais representantes do Barroco em Portugal e no Brasil• Identificar os principais representantes e géneros literários do Romantismo nos países lusófonos• Caracterizar o contexto histórico do surgimento do Neo-Realismo• Relacionar os géneros literários do Neo-Realismo mais cultivados em Portugal, Brasil e nos PALOP• Caracterizar a literatura pré-colonial nos PALOP• Compreender o papel da Casa do Estudante do Império (CEI)• Identificar as influências do modernismo brasileiro na literatura produzida na Casa do Estudante do Império e em África• Identificar o contributo dos Neo-Realistas europeus para o surgimento das literaturas lusófonas em África	<ul style="list-style-type: none">• Compreender o contexto do surgimento da literatura cabo-verdiana• Identificar as marcas distintivas da literatura de Cabo Verde• Identificar principais representantes da literatura cabo-verdiana• Apreciar criticamente textos literários lusófonos• Problematizar a questão dos precursores da literatura moçambicana• Identificar as marcas distintivas da literatura santomense• Problematizar a questão da roça e da literatura colonial santomense• Identificar os principais representantes da literatura santomense• Comparar textos de diferentes autores que descrevam a mesma realidade• Identificar pontos de contacto na literatura lusófona em África e no Brasil• Relacionar texto dramático e texto teatral• Identificar os códigos linguísticos do texto dramático• Produzir textos literários• Aplicar os recursos estilísticos estudados• Identificar principais representantes da literatura guineense• Caracterizar o contexto do surgimento da literatura guineense• Analisar obras de autores guineenses mais representativos• Inventariar os principais aspectos da literatura guineense

CONTEUDOS	PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO
<p>6 <u>Conceito de literatura</u></p> <ul style="list-style-type: none"> * Conceito e abrangência. * Distinção entre literatura e estudo da literatura. * Literatura Geral, Literatura Comparada e Literatura Nacional. 	<ul style="list-style-type: none"> • Problematicar o conceito de literatura • Discutir a relação entre literatura e sociedade • Identificar a relação existente entre: Literatura Geral, Literatura Comparada e Literatura Nacional.
<p>7 <u>Natureza da literatura</u></p> <ul style="list-style-type: none"> * O surgimento do termo Literatura. * A função da literatura. * A arte pela arte. 	<ul style="list-style-type: none"> • Problematicar o surgimento do termo literatura • Identificar as diferentes funções da literatura • Distinguir arte e propaganda
<p>8 A arte e a Propaganda. <i>Ex. An. → Bonobols</i></p> <p>9 <u>Literatura e Sociedade</u> <i>Ex. An. → Teófilo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> * O autor, o leitor e o público * O contexto social e os géneros literários * Análise de textos * Literatura e outras formas de arte. <i>→ ZOLA</i> * A literatura e a pintura. 1 * A literatura e a ópera. 2 * A literatura e a história 3 * A literatura e o cinema 9 <p><i>INTELECTUALIDADE</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Debater as diferenças e afinidades entre: autor, leitor e público • Relacionar a literatura com outras formas de manifestação artística • Comparar literatura e história <i>17</i> • Ler obras e textos para informação e estudo da literatura <i>→ A. de S. 1970?</i> • Relacionar literatura com cinema <i>2?</i>
<p>10 <u>Crítica literária</u></p> <ul style="list-style-type: none"> * Crítica literária: definição * Funções da crítica literária. * Metodologia da crítica. * Fraquezas da crítica. * Géneros da crítica 	<ul style="list-style-type: none"> • Evidenciar os aspectos relevantes da crítica literária • Identificar as principais funções da crítica • Enumerar algumas debilidades da crítica • Comparar os géneros da crítica
<p>11 <u>Introdução ao texto literário</u></p> <ul style="list-style-type: none"> o Linguagem literária e linguagem diária o Texto literário e obra literária o Análise de textos literários o Conotação e denotação o Literariedade o Recursos estilísticos o Intertextualidade o Objectividade / Subjectividade <i>→ Robert</i> o Texto Literário / Texto não Literário o Verosímil / Inverosímil o Prosa / Poesia / Verso o Da prosa pura a poesia integral o Noções de versificação: estrofe, métrica e ritmo o <u>Leitura integral de uma obra literária</u> 	<ul style="list-style-type: none"> • Diferenciar linguagem literária de linguagem comum • <u>Relacionar texto com obra literária</u> • Distinguir texto literário de texto não literário • Identificar características específicas/distintivas do texto literário. <i>→ A. de S. 1970? → A. de S. 1970?</i> • Estabelecer relações entre poemas quanto a mensagem <i>→ A. de S. 1970?</i> • <u>Extractar em obras/textos de leitura obrigatória marcas que permitam identificar o texto literário</u> • Ler/interpretar textos literários • Produzir um comentário do texto lido • Problematicar a relação existente entre Prosa/Poesia/Verso
<p>Unidade 6 - A problemática dos Géneros Literários e sua hibridação</p> <p>O contexto social e os géneros literários</p> <p>O <u>Texto narrativo</u>:</p> <p>12 Elementos constituintes do texto narrativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Consultar/Confrontar informações relativas aos géneros literários • Identificar as categorias da narrativa em obras lidas • Relacionar narrador e narratário

CONTEUDOS	PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO
<p>6 <u>Conceito de literatura</u> * Conceito e abrangência. * Distinção entre literatura e estudo da literatura. * Literatura Geral, Literatura Comparada e Literatura Nacional.</p> <p>7 <u>Natureza da literatura</u> * O surgimento do termo Literatura. * A função da literatura. * A arte pela arte.</p> <p>8 A arte e a Propaganda.</p> <p>9 <u>Literatura e Sociedade</u> * O autor, o leitor e o público * O contexto social e os géneros literários * Análise de textos * Literatura e outras formas de arte. * A literatura e a pintura. * A literatura e a ópera. * A literatura e a história * A literatura e o cinema</p> <p>10 <u>Crítica literária</u> * Crítica literária: definição * Funções da crítica literária. * Metodologia da crítica. * Fraquezas da crítica. * Géneros da crítica</p> <p>11 <u>Introdução ao texto literário</u></p> <ul style="list-style-type: none"> o Linguagem literária e linguagem diária o Texto literário e obra literária o Análise de textos literários o Conotação e denotação o Literariedade o Recursos estilísticos o Intertextualidade o Objectividade / Subjectividade o Texto Literário / Texto não Literário o Verosímil / Inverosímil o Prosa / Poesia / Verso o Da prosa pura a poesia integral o Noções de versificação: estrofe, métrica e ritmo o Leitura integral de uma obra literária <p>Unidade 6 - A problemática dos Géneros Literários e sua hibridação</p> <p>O contexto social e os géneros literários <i>O Texto narrativo:</i></p> <p>12 Elementos constituintes do texto narrativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Problematicar o conceito de literatura • Discutir a relação entre literatura e sociedade • Identificar a relação existente entre: Literatura Geral, Literatura Comparada e Literatura Nacional. <ul style="list-style-type: none"> • Problematicar o surgimento do termo literatura • Identificar as diferentes funções da literatura • Distinguir arte e propaganda. <ul style="list-style-type: none"> • Debater as diferenças e afinidades entre: autor, leitor e público • Relacionar a literatura com outras formas de manifestação artística • Comparar literatura e história • Ler obras e textos para informação e estudo da literatura • Relacionar literatura com cinema <ul style="list-style-type: none"> • Evidenciar os aspectos relevantes da crítica literária • Identificar as principais funções da crítica • Enumerar algumas debilidades da crítica • Comparar os géneros da crítica <ul style="list-style-type: none"> • Diferenciar linguagem literária de linguagem comum • Relacionar texto com obra literária • Distinguir texto literário de texto não literário • Identificar características específicas/distintivas do texto literário • Estabelecer relações entre poemas quanto à mensagem • Extractar em obras/textos de leitura obrigatória marcas que permitam identificar o texto literário • Ler/interpretar textos literários • Produzir um comentário do texto lido • Problematicar a relação existente entre Prosa/Poesia/Verso <ul style="list-style-type: none"> • Consultar/Confrontar informações relativas aos géneros literários • Identificar as categorias da narrativa em obras lidas • Relacionar narrador e narratário

<p>12.1 Narrador e Narratário 12.2 Espaço e tempo 12.3 Acção / intriga 12.4 Personagens</p> <p>2 Modalidades do texto narrativo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Novela - Conto - Romance <p>O texto Lírico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Características do texto lírico <ul style="list-style-type: none"> - recursos estilísticos - o sujeito poético - o conceito de heterónimo / pseudónimo • A poesia e a música <p>2 Modalidades do texto poético</p> <ul style="list-style-type: none"> - <u>Elegia</u> - <u>Cantigas</u> - <u>Soneto</u> - <u>Hino</u> <p>O texto dramático</p> <p>1-texto dramático/texto teatral</p> <ul style="list-style-type: none"> • Categorias do texto dramático: <ul style="list-style-type: none"> * Acção * Personagens * Espaço / Tempo os códigos linguísticos <ul style="list-style-type: none"> - discurso dramático - indicações cénicas <p>2 - Modalidades do texto dramático:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comédia - Tragédia - Drama <p>3 -Texto dramático / texto narrativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Descobrir marcas do Tempo em textos lidos • Elaborar o esquema temporal de um texto • Diferenciar tempo: cronológico e da história • Extactar em obras/textos de leitura obrigatória marcas que permitam relacionar analepse, prolepse e elipse • Identificar o espaço em textos lidos • Elaborar esquemas da organização sequencial de textos narrativos • Produzir descrições de: lugares, ambientes, etc. • Caracterizar os diferentes tipos de personagens • Reconhecer recursos estilísticos nas obras lidas • Identificar a relação existente entre os diferentes elementos constitutivos do texto narrativo <ul style="list-style-type: none"> • Recolher informações sobre o texto poético • Estudar diversos textos poéticos • Identificar o sujeito poético nos textos lidos • Reconhecer recursos estilísticos nas obras lidas • Consultar/Confrontar informações relativas à heteronímia • Diferenciar heterónimo e pseudónimo • Reconhecer marcas de contactos em textos de diferentes autores • Relacionar poesia com música • Identificar: elegia, soneto, cantigas e soneto <p><i>Poesia & Música</i> <i>Não me yponca a celh seu de inklus as modalidades musicais, sim a estrofa na música a sua forma.</i></p> <p><i>Dramáticos</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Recolher informações sobre o texto dramáticos • Estudar diversos textos dramáticos • Reconhecer recursos estilísticos nas obras lidas • Identificar a relação existente entre as diferentes categorias do texto Dramático • Relacionar texto dramático com teatral • Identificar as características da comédia, do drama e da tragédia • Delimitar cenas • Dramatizar textos • Representar peças de teatro • Ler diversos textos dramáticos • Produzir um comentário de cada texto lido • Identificar as categorias do texto dramático em obras estudadas
---	---

11ª CLASSE

PERIODIZAÇÃO LITERÁRIA E ESTILOS DA ÉPOCA

EMERGÊNCIA DAS LITERATURAS AFRICANAS EM PORTUGUÊS E À LITERATURA BRASILEIRA

LITERATURA PORTUGUESA vs LITERATURA EM PORTUGUÊS

ESPECIFICIDADE DA LITERATURA DOS PALOP

AVALIAÇÃO

1. Observação directa de aspectos relacionados com:
 - 1.1- a análise de obras e textos literários dos países lusofalantes:
caracterização, análise e comparação de obras e ou textos dos diversos países;
2. Observação sistematizada de aspectos relacionados com:
 - 2.1- a capacidade de des/construção do texto literário:
organização das ideias e a estruturação;
comentário de textos literários: a intertextualidade, a Literariedade e a contextualização em cada género literário;
3. Observação sistematizada de aspectos relacionados com:
 - 3.1 - a teorização literária:
caracterização e contextualização de épocas, períodos e correntes literárias;
captação da evolução estético-literária de diversos temas e problemas literários;
descoberta e explicação de recursos estilísticos relevantes dos níveis fónico, morfosintáctico e semântico.

Objectivos Específicos

Teorização Literária	Des/Construção do Texto Literário
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os principais períodos literários • Compreender a denominação e a abrangência de cada período ou subperíodo literário • Relacionar as diferentes temáticas dominantes em cada época literária • Problematicar o surgimento das grandes correntes literárias • Caracterizar a época medieval em Portugal • Identificar os principais representantes e géneros literários cultivados em Portugal na Idade Média • Caracterizar o Renascimento português • Identificar os principais representantes e géneros literários do Renascimento português • Comparar a literatura barroca em Portugal com a do Brasil • Identificar os principais representantes do Barroco em Portugal e no Brasil • Identificar os principais representantes e géneros literários do Romantismo nos países lusófonos • Caracterizar o contexto histórico do surgimento do Neo-Realismo • Relacionar os géneros literários do Neo-Realismo mais cultivados em Portugal, Brasil e nos PALOP • Caracterizar a literatura pré-colonial nos PALOP • Compreender o papel da Casa do Estudante do Império(CEI) • Identificar as influências do modernismo brasileiro na literatura produzida na Casa do Estudante do Império e em África • Identificar o contributo dos Neo-Realistas europeus para o surgimento das literaturas lusófonas em África 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o contexto do surgimento da literatura cabo-verdiana • Identificar as marcas distintivas da literatura de Cabo Verde • Identificar principais representantes da literatura cabo-verdiana • Apreciar criticamente textos literários lusófonos • Problematicar a questão dos precursores da literatura moçambicana • Identificar as marcas distintivas da literatura santomense • Problematicar a questão da roça e da literatura colonial santomense • Identificar os principais representantes da literatura santomense • Comparar textos de diferentes autores que descrevam a mesma realidade • Identificar pontos de contacto na literatura lusófona em África e no Brasil • Relacionar texto dramático e texto teatral • Identificar os códigos linguísticos do texto dramático • Produzir textos literários • Aplicar os recursos estilísticos estudados • Identificar principais representantes da literatura guineense • Caracterizar o contexto do surgimento da literatura guineense • Analisar obras de autores guineenses mais representativos • Inventariar os principais aspectos da literatura guineense

CONTEUDOS	PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO
<p>Unidade 1 - Periodização literária e estilos da época</p> <ul style="list-style-type: none"> • Períodos literários <ul style="list-style-type: none"> - denominação e abrangência - temáticas dominantes - a geração literária - a época medieval - a época clássica - a época moderna <p>2 - Noção de estilos da época</p> <p>2.1 - As grandes correntes literárias</p> <p>2.2 - O Classicismo em Portugal</p> <p>2.1.1 - A época medieval em Portugal</p> <p>2.1.2 - Principais representantes e os géneros cultivados</p> <p>2.2 - O Renascimento português</p> <p>2.2.1 - O contexto histórico do seu surgimento</p> <p>2.2.2 - Os seus principais representantes</p> <p>3 - A arte barroca em Portugal e no Brasil</p> <p>3.1 - Contexto histórico do seu surgimento</p> <p>3.2 - Padre António Vieira e Gregório de Matos</p> <p>4 - O Neo-Realismo em Portugal e no Brasil</p> <p>4.1 - O contexto histórico do seu surgimento</p> <p>4.2 - Os principais géneros literários cultivados e os seus principais representantes em Portugal e no Brasil</p> <p>Unidade 2 - A emergência das literaturas Africanas em português</p> <p>3.1 - A literatura pré-colonial nos PALOP</p> <p>3.2 - A Casa do Estudante do Império (CEI) e o Modernismo brasileiro</p> <p>3.3 - A literatura comparada</p> <p>3.3.1 - A intertextualidade</p> <p>3.3.2 - Literatura portuguesa / literatura em português</p> <p>3.4 - O Neo-realismo português e as literaturas lusófonas. Aspectos comuns.</p> <ul style="list-style-type: none"> * A literatura de Cabo Verde * O contexto do seu surgimento * A revista Claridade/Presença * A narrativa caboverdiana; Baltazar <p>Lopes</p> <ul style="list-style-type: none"> * O Drama caboverdiano * A lírica caboverdiana * Os seus representantes <p>13 A literatura moçambicana</p> <ul style="list-style-type: none"> * O contexto do seu surgimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os diferentes períodos literários • Compreender a cronologia dos processos de desenvolvimento literário mundial, as origens, e técnicas literárias cultivadas em cada (sub)período • Consultar/Confrontar informações relativas aos géneros literários • Compreender o surgimento e evolução das correntes literárias • Caracterizar as correntes literárias • Comparar os estilos de época • Discutir a relação entre a arte barroca em Portugal e no Brasil • Discutir os aspectos comuns da literatura Neo-Realista em Portugal e no Brasil • Relacionar a realidade literária nos países lusófonos • Ler textos representativos das épocas e estilos literários • Evidenciar os aspectos relevantes da literatura pré-colonial nos PALOP • Problematizar o papel da Casa do Estudante do Império no surgimento da literatura reivindicativa • Diferenciar literatura portuguesa e literatura produzida em português • Discutir sobre o neo-realismo português e a sua influência para o despertar de uma consciência nacional • Caracterizar o contexto do surgimento da literatura caboverdiana • Analisar obras de autores caboverdianos mais representativos • Inventariar os principais aspectos da literatura cabo-verdiana • Diferenciar literatura cabo-verdiana da moçambicana, santomense, angolana,

12ª CLASSE

A LITERATURA ORAL ANGOLANA SEGUNDO ÓSCAR RIBAS

EMERGÊNCIA DA LITERATURA ESCRITA ANGOLANA

A PERIODIZAÇÃO LITERÁRIA EM ANGOLA

ESPECIFICIDADES DA LITERATURA ANGOLANA

O CONTEXTO POLÍTICO E HISTÓRICO-CULTURAL DO SEU SURGIMENTO

A LITERATURA E A AFIRMAÇÃO DA NACIONALIDADE

AVALIAÇÃO

1. Observação directa de aspectos relacionados com:
 - 1.1 - a análise de obras e textos literários de Angola:
caracterização, análise e comparação de obras e ou textos dos diversos autores angolanos
3. Observação sistematizada de aspectos relacionados com:
 - 2.1 - a capacidade de des/construção do texto literário:
organização das ideias e a estruturação;
comentário de textos literários: a intertextualidade, a Literariedade e a contextualização em cada género literário;
3. Observação sistematizada de aspectos relacionados com:
 - 3.1 - a teorização literária:
caracterização e contextualização de épocas, períodos e correntes literárias;
captação da evolução estético-literária de diversos temas e problemas literários;
discussão e explicação de recursos estilísticos relevantes dos níveis fónico, morfosintáctico e semântico.

Objectivos Específicos

Teorização Literária	Des/Construção do Texto Literário
<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar a literatura tradicional oral angolana • Identificar os principais períodos e subperíodos da literatura angolana • Compreender a denominação e a abrangência de cada período ou subperíodo literário • Relacionar as diferentes temáticas dominantes em cada período literário • Discutir aspectos relacionados com o surgimento dos grandes jornais e publicações literárias • Identificar os escritores e as obras mais representativas da literatura angolana nos anos 40 • Problematizar a questão da literatura colonial/literatura reivindicativa • Enumerar os factos mais relevantes e representativos da literatura dos anos 50 • Caracterizar o contexto político, histórico-cultural do surgimento da literatura angolana • Compreender o contributo da imprensa escrita para a emancipação da literatura colonial em Angola • Compreender o papel da Casa do Estudante do Império na afirmação da angolidade • Identificar as influências do modernismo brasileiro na literatura produzida na Casa do Estudante do Império e em Angola • Identificar o contributo dos neo-realistas europeus para o surgimento da literatura angolana • Evidenciar o papel da União dos Escritores Angolanos(UEA) no desenvolvimento da literatura angolana • Destacar o papel da Brigada Jovem de Literatura 	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciar criticamente textos literários angolanos • Aplicar os recursos estilísticos estudados aos diferentes textos e obras de autores angolanos • Compreender o contexto do surgimento da literatura angolana • Problematizar a questão dos precursores da literatura angolana • Identificar, em obras de autores angolanos, as marcas distintivas da literatura de clandestinidade • Descrever as principais características da literatura de combate, de denúncia • Problematizar a questão do contrato na poesia de Agostinho Neto, António Jacinto e outros • Identificar pontos de contacto na literatura angolana e na de outros países lusofalantes • Analisar diversos textos de diferentes escritores angolanos • Identificar as marcas distintivas da literatura angolana, em autores dos distintos períodos literários • Identificar os principais representantes da literatura angolana ao longo dos diferentes períodos histórico-literário • Comparar textos de diferentes autores que descrevam a mesma realidade • Estabelecer a relação entre literatura e construção do nacionalismo angolano

CONTEUDOS	PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO
<p>Unidade 1 - A Literatura angolana 1 – O contexto do surgimento da literatura escrita</p> <p>1º Período - Primórdios - 1849 a 1902 A lírica angolana: 18 José da Silva Maia Ferreira 19 J. Cordeiro da Mata 20</p> <p>2º Período - Prelúdio: 1093 a 1947 A narrativa angolana : 21 A. Assis Júnior 22 Tomaz Vieira da Cruz</p> <p>Unidade 2 – A literatura angolana de 1948 a 1974 3º Período Formação – 1948 a 1960 <ul style="list-style-type: none"> ➤ Geraldo Bessa Viçtor ➤ A Antologia dos novos poetas de Angola ➤ A geração da Mensagem ➤ Viriato da Cruz, António Cardoso, Castro Soromenho, Wanhenga Xito ➤ A casa do estudante do Império </p> <p>4º Período – 1961 a 1974 <ul style="list-style-type: none"> ➤ O Nacionalismo: Costa Andrade, Agostinho Neto, António Jacinto, Luandino Vieira, Amaldo Santos, Jofre Rocha. ➤ A narrativa angolana dos anos 60 </p> <p>Unidade 3 - Literatura angolana após 74 5º Período Independência – 1975 a 1980 <ul style="list-style-type: none"> ➤ João - Maria Vilanova ➤ A União dos escritores Angolanos ➤ Pepetela, Manuel Rui, David Mestre, Arlindo Barbeitos, Manuel dos Santos Lima e outros </p> <p>O texto dramático produzido em Angola, exemplos de : Orlando Albuquerque e José Mena Abrantes</p> <p>6º Período – 1981 a 1993 A renovação A brigada jovem de literatura</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os diferentes períodos da literatura angolana • Compreender a cronologia dos processos de desenvolvimento literário angolano, as origens, e técnicas literárias cultivadas em cada período • Ler textos representativos das épocas e estilos literários • Evidenciar os aspectos relevantes da literatura pré-colonial e colonial em Angola • Problematizar o papel da Casa do Estudante do Império no surgimento da literatura reivindicativa • Diferenciar literatura portuguesa e literatura produzida em português • Discutir sobre o neo-realismo português e a sua influência no despertar de uma consciência nacional • Realizar um estudo comparativo da literatura lusófona • Identificar afinidades em textos e obras de autores da lusofonia • Reconhecer diferentes recursos estilísticos em obras de autores angolanos • Descrever as características básicas da literatura angolana da época • Ler e escrever textos ilustrativos da literatura angolana • Descrever a importância da União dos Escritores Angolanos (UEA) • Elaborar uma cronologia da literatura angolana da época • Contextualizar a produção literária em estudo • Consultar/recolher biografias de escritores angolanos da época • Elaborar listas bibliográficas do período em estudo • Assistir a palestras sobre literatura angolana da época • Visitar um teatro • Assistir a um ensaio de um grupo de teatro • Ler uma obra integral • Encenar textos de autores angolanos • Identificar a importância da brigada jovens para o surgimento de novas obras literárias em Angola

pertinência dos procedimentos didáctico-pedagógicos adoptados e a eficácia dos instrumentos de avaliação utilizados.

A avaliação do rendimento escolar de uma cadeira como esta, essencialmente prática, deve centrar-se no domínio do Saber-Fazer e do Saber-Ser. Deste modo, recomenda-se uma avaliação contínua e individual, globalizante para permitir que todas as facetas do desempenho do estudante possam também ser avaliadas.

Nesta conformidade, qualquer actividade, qualquer modalidade prática deve ser alvo de uma avaliação formativa. Este modelo de avaliação pretende seguir um processo dinâmico que pressupõe a participação e a negociação com os alunos para que estes saibam atempadamente os aspectos que serão objecto de avaliação, bem como os critérios a ter em conta na avaliação (educar para a autonomia).

A observação deverá considerar os trabalhos individuais, em grupo, pesquisa/investigação incidindo sobre os conhecimentos, sobre a aplicação dos conhecimentos, sobre a atitude crítica dos alunos.

A classificação deverá ter em conta a participação, a cooperação, a capacidade crítica e a assiduidade de cada estudante.

Bibliografia

1. AGUIAR E SILVA, V.M, *Teoria e Metodologia Literárias*, Universidade Aberta, Lisboa
2. AGUIAR E SILVA, V.M, *Teoria da Literatura*, Almedina, Coimbra
3. ANDRADE, Mário de, *Antologia Temática da Poesia Africana*, 2 vols., Sá da Costa, 1975 e 1979
4. BARRETO, Luís de Lima, *Aprender a Comentar um Texto Literário: modelos de análise crítica e comentário escrito*, Texto Editora, Lisboa, 1992
5. BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, Ed. 70, Lisboa, 1980.
6. ROCHA, Carlos, *Cadernos de Literatura*, Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, n.º 10 - 1981
7. REIS, Carlos et alii, *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários* Almedina, Coimbra, 1995
8. CARMO, Mário, Dias, Manuel. Carlos, *Introdução ao Texto Literário*, (Noções de Linguística e Literariedade) Didáctica Editora, Lisboa, 1978.
9. CASTRO, Sílvio, *História da Literatura Brasileira*, Volume I Alfa.
10. CENTRE CULTUREL DE PORTUGAIS DE PARIS, *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise*, Actes du Colloque International, Fondation Calouste Gulbenkian, Paris, 1985
11. COCHOFEL, João José, *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, Lisboa, 1971
12. DUARTE, B., *Literatura Tradicional Angolana*, Ed. Didáctica de Angola, Benguela, SARL, 1975.
13. COELHO, Jacinto Prado, *Dicionário de Literatura*, Livraria Figurinhas, (5 volumes) Porto, 1978
14. ERVEDOSA, Carlos, Roteiro da Literatura Angolana, Luanda, UEA, 3ª ed., 1985
15. FERREIRA, Eugénio, *Espiral Literária*, Edições Asa, União dos Escritores Angolanos, 1989.

pertinência dos procedimentos didáctico-pedagógicos adoptados e a eficácia dos instrumentos de avaliação utilizados.

A avaliação do rendimento escolar de uma cadeira como esta, essencialmente prática, deve centrar-se no domínio do Saber-Fazer e do Saber-Ser. Deste modo, recomenda-se uma avaliação contínua e individual, globalizante para permitir que todas as facetas do desempenho do estudante possam também ser avaliadas. Nesta conformidade, qualquer actividade, qualquer modalidade prática deve ser alvo de uma avaliação formativa. Este modelo de avaliação pretende seguir um processo dinâmico que pressupõe a participação e a negociação com os alunos para que estes saibam atempadamente os aspectos que serão objecto de avaliação, bem como os critérios a ter em conta na avaliação (educar para a autonomia).

A observação deverá considerar os trabalhos individuais, em grupo, pesquisa/investigação incidindo sobre os conhecimentos, sobre a aplicação dos conhecimentos, sobre a atitude crítica dos alunos.

A classificação deverá ter em conta a participação, a cooperação, a capacidade crítica e a assiduidade de cada estudante.

Bibliografia

1. AGUIAR E SILVA, V.M, *Teoria e Metodologia Literárias*, Universidade Aberta, Lisboa
2. AGUIAR E SILVA, V.M, *Teoria da Literatura*, Almedina, Coimbra
3. ANDRADE, Mário de, *Antologia Temática da Poesia Africana*, 2 vols., Sá da Costa, 1975 e 1979
4. BARRETO, Luís de Lima, *Aprender a Comentar um Texto Literário: modelos de análise crítica e comentário escrito*, Texto Editora, Lisboa, 1992
5. BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, Ed. 70, Lisboa, 1980.
6. ROCHA, Carlos, *Cadernos de Literatura*, Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, n.º 10 - 1981
7. REIS, Carlos et alii, *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários* Almedina, Coimbra, 1995
8. CARMO, Mário, Dias, Manuel. Carlos, *Introdução ao Texto Literário*. (Noções de Linguística e Literariedade) Didáctica Editora, Lisboa, 1978.
9. CASTRO, Sívio, *História da Literatura Brasileira*, Volume I Alfa.
10. CENTRE CULTUREL DE PORTUGAIS DE PARIS, *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise*, Actes du Colloque International, Fondation Calouste Gulbenkian, Paris, 1985
11. COCHOFEL, João José, *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, Lisboa, 1971
12. DUARTE, B., *Literatura Tradicional Angolana*, Ed. Didáctica de Angola, Benguela, SARL, 1975.
13. COELHO, Jacinto Prado, *Dicionário de Literatura*, Livraria Figurinhas, (5 volumes) Porto, 1978
14. ERVEDOSA, Carlos, Roteiro da Literatura Angolana, Luanda, UEA, 3ª ed., 1985
15. FERREIRA, Eugénio, *Espiral Literária*, Edições Asa, União dos Escritores Angolanos, 1989.

46. *Voz de Angola Clamando no Deserto*, UEA, Edições 70 L.da, Lisboa.
47. WELLEK, René e WARREN, Austin, *Teoria da Literatura*, 5ª edição, Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária.
48. VENÂNCIO, José Carlos, *Literatura e Poder na África Lusófona*, Diálogo Convergência, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa

2. OBRAS DE LEITURA OBRIGATÓRIA.

Temos consciência de que nem todas as províncias têm facilidades em encontrar material bibliográfico para as leituras obrigatórias. Por isso, sugerimos que os professores desta disciplina coordenem, entre si e com os alunos, a selecção das obras no início de cada ano lectivo para que se faça um melhor aproveitamento do material localmente existente. Entretanto eis alguns títulos de autores angolanos cuja leitura seria importante:

- NETO, Agostinho, *Sagrada Esperança*,
- SOROMENHO, Castro, *A Chaga ou Terra Morta*
- SANTOS, Arnaldo, *A casa Velha das Margens*
- MONTEIRO, Manuel Rui, *Quem Me Dera Ser Onda*
- XITO, Wanhenga, *Tamoda e outros contos*
- VIEIRA, Luandino, *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*
- MAIA FERREIRA, José da Silva, *Esponfaneidades da Minha Alma*
- NETO, Eugénia, *Em nas Florestas os Bichos Falaram. As Nossas Mãos Constroem a Liberdade*
- ABRANTES, José Mena, *Ana, Zé e os Escravos. Mulato dos Prodigios*
- PESTANA, Artur(Pepetela), *Yaka. O Cão e os Calús. Lueji ou outra*
- RIBAS, Oscar, *Missosso*
- JACINTO, António, ?
- MELO, Dario, *As Sete Vidas de Um Gato*
- SANTOS, Aires de Almeida, *Meu Amor da Rua Onze*
- CARDOSO, Boaventura, *A Morte do Velho Kipacaça*

46. *Voz de Angola Clamando no Deserto*, UEA, Edições 70 L. da, Lisboa.
47. WELLEK, René e WARREN, Austin, *Teoria da Literatura*, 5ª edição, Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária.
48. VENÂNCIO, José Carlos, *Literatura e Poder na África Lusófona*, Diálogo Convergência, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa

2. OBRAS DE LEITURA OBRIGATÓRIA

Temos consciência de que nem todas as províncias têm facilidades em encontrar material bibliográfico para as leituras obrigatórias. Por isso, sugerimos que os professores desta disciplina coordenem, entre si e com os alunos, a selecção das obras no início de cada ano lectivo para que se faça um melhor aproveitamento do material localmente existente. Entretanto eis alguns títulos de autores angolanos cuja leitura seria importante:

- NETO, Agostinho, *Sagrada Esperança*.
- SOROMENHO, Castro, *A Chaga ou Terra Morta*
- SANTOS, Arnaldo, *A casa Velha das Margens*
- MONTEIRO, Manuel Rui, *Quem Me Dera Ser Onda*
- XITO, Wanhenga, *Tamoda e outros contos*
- VIEIRA, Luandino, *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*
- MAIA FERREIRA, José da Silva, *Espontaneidades da Minha Alma*
- NETO, Eugénia, *E nas Florestas os Bichos Falaram. As Nossas Mãos Constróem a Liberdade*
- ABRANTES, José Mena, *Ana, Zé e os Escravos. Mulato dos Prodígios*
- PESTANA, Artur (Pepetela), *Yaka, O Cão e os Calús, Lueji ou outra*
- RIBAS, Óscar, *Missosso*
- JACINTO, António,
- MELO, Dario, *As Sete Vidas de Um Gato*
- SANTOS, Aires de Almeida, *Meu Amor da Rua Onze*
- CARDOSO, Boaventura, *A Morte do Velho Kipacaca*

